



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE**

LASARO JOSÉ AMARAL

ESPAÇO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA OBRA *VILA DOS CONFINS*

CATALÃO (GO)
2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação


Nome completo do autor: Lasaro José Amaral

Título do trabalho: Espaço, Memória e Identidade na Obra Vila dos Confins

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do (a) autor (a)

Data: 31 / 08 / 2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

LASARO JOSÉ AMARAL

ESPAÇO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA OBRA *VILA DOS CONFINS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial de créditos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Literatura, memória e identidade

Orientador: Prof. Dr. Oziris Borges Filho

CATALÃO (GO)
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

José Amaral, Lasaro
Espaço, Memória e Identidade na obra Vila dos Confins [manuscrito]
/ Lasaro José Amaral. - 2016.
136 f.

Orientador: Prof. Oziris Borges Filho.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2016.
Bibliografia.

1. Espaço . 2. Narrativa. 3. Topoanálise. 4. Memória. 5. Identidade.
I. Borges Filho, Oziris, orient. II. Título.

CDU 821.134.3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Ata de Defesa Pública de Dissertação

Defesa: nº 57

Aos vinte e nove dias do mês de junho de dois mil e dezesseis realizou-se, no Laboratório de Análise do Discurso, Fonética e Fonologia – LADFFON, sala 01, Bloco E, da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública de Dissertação intitulada “Espaço, Memória e Identidade na Obra Vila dos Confins”, de autoria do mestrando Lásaro José Amaral. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, e composta pelos docentes: Prof. Dr. Oziris Borges Filho [orientador], professor da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Prof. Dr. Sidney Barbosa, professora da Universidade de Brasília; Prof. Dr. Jorge Luiz Marques de Moraes, professor do Colégio Pedro II (Colégio de Aplicação da UFRJ). A sessão teve início às nove horas, sendo presidida pelo Professor Orientador, que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, o Presidente da sessão passou a palavra ao discente que teve vinte minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra aos componentes da banca que tiveram cada um, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre a dissertação apresentada, tendo o mestrando igual tempo para responder. Após o término da arguição, o Presidente da sessão solicitou que o candidato e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse avaliar o trabalho. Após a conclusão dos trabalhos, os arguidores atribuíram o seguinte resultado: aprovado. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos (as) Senhores (as) membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos vinte e nove dias do mês de junho de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Oziris Borges Filho (Orientador)

Oziris B. Filho

Prof. Dr. Sidney Barbosa (UnB)

Sidney Barbosa

Prof. Dr. Jorge Luiz Marques de Moraes (Colégio Pedro II – Colégio de Aplicação da UFRJ)

Jorge Luiz Marques de Moraes

MEC-UFG
Campus Catalão
Confere com o original

Em, 31/08/16

[Assinatura]

Assinatura

STAFF: 1689571

LASARO JOSÉ AMARAL

ESPAÇO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA OBRA *VILA DOS CONFINS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Defendida e aprovada em: 29/06/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ozíris Borges Filho (UFG/Regional Catalão)
Orientador – Presidente

Prof. Dr. Jorge Luiz Marques de Moraes (Colégio Pedro II)
Membro Titular

Prof. Dr. Sidney Barbosa (UnB)
Membro Titular

Dedico este trabalho à minha mãe, Dinair;

Ao meu pai, Pedro (*in memoriam*);

Ao meu irmão, Pedro Nelson;

E à minha Filha, Vitória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter guiado meus passos e iluminado meus caminhos;

Ao professor Dr. Ozíris Borges Filho pelo compromisso e paciência. Pela humildade de compartilhar da riqueza maior que possui, que é o conhecimento. Agradeço ainda pelo profissionalismo com que me orientou;

Aos membros da banca Prof. Dr. Jorge Luiz Marques de Moraes e Prof. Dr. Sidney Barbosa;

À Fapeg pela bolsa. Ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem (PMEL), da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, a todo o corpo docente, bem com a todos os funcionários;

Ao meu amigo e colega de batalha Nivaldo Fávero Neto que sempre esteve presente nesta jornada, principalmente nos momentos mais árduos;

À Carla Reis, por sempre estender a mão,

À minha família, que foi a base de tudo;

A Ela, que me inspirou e fez meu coração pulsar intensamente.

“A vida é um grande sertão, mas tem veredas”
(Guimarães Rosa)

Eis que aprendi
Nesses vales onde afundam os poentes:
Afinal, tudo são luzes
E a gente se acende é nos outros.
A vida é um fogo,
Nós somos suas breves incandescências.
(Mia Couto)

RESUMO

A categoria espaço recebeu atenção maior nos estudos literários das últimas décadas. Nota-se que tal categoria tem tanta importância na obra literária quanto qualquer outro elemento até então priorizado como, por exemplo, o tempo. A dissertação se fundamenta principalmente pela teoria da Topoanálise de Borges Filho e, através de sua metodologia, foi feito um estudo da espacialidade na obra *Vila dos Confins* (1974) de Mário Palmério. Para tanto, foi utilizado também o aporte teórico de Bachelard (2008), Brandão (2013). Pudemos constatar que espaços de um Brasil ainda quase não desbravado são comuns na obra: rios, matas, estradas de terra batida são sempre descritas no percurso da narrativa. A casa também se apresenta como um elemento essencial no texto e contribui com o entendimento do mesmo ao imprimir relações afetivo-positivas e afetivo-negativas com as personagens, o que Borges Filho (2007) chama de topopatia. Corroborando com a análise desse corpus literário, esta dissertação examina, ainda, o diálogo estabelecido entre espaço, memória e identidade, à luz das teorias de Candau (2014), Silva (2008), dentre outros. Esses temas são analisados no contexto da obra, pois, de certa forma, afirmam e enraízam a sociedade em um determinado local. Nesse sentido, o nosso estudo tem por finalidade entender melhor uma obra de cunho regionalista escrita por um escritor-político através da análise dos espaços que esta apresenta. É importante salientar que, as relações das personagens com o espaço que o habitam ou percorrem têm uma influência muito grande dentro da trama de forma a implicar e contribuir com o desfecho do romance. O narrador apresenta fatos intrigantes que permeiam o texto de forma a transformar o espaço do recém-emancipado município em um campo de batalhas político, uma vez que a disputa eleitoral está presente durante toda a narrativa.

Palavras-chave: Espaço. Narrativa. Topoanálise. Memória. Identidade.

ABSTRACT

The space category received more attention in the literary studies in the late decades. It is observed that this category has much importance in the literary text as any other element. thus far prioritized as, for example, the time. The dissertation is based mainly on the Topoanalysis theory by Borges Filho and, through his methodology; a study was done regarding the spatiality in the work *Vila dos Confins* (1974) by Mario Palmério. To do so, we used Bachelard (2008) theoretical work and Brandão (2013). We could verify that some parts of Brazil depicted in the book were still barely known: rivers, forests and dirt roads are always described in the narrative route. The house also presents itself as an essential element in the text and contributes to the understanding in order to establish positive-affective and negative-affective relationships with the characters, which Borges Filho (2007) calls *topopatia*. Corroborating the analysis of this literary corpus, this dissertation examines also the dialogue established between space, memory and identity in the light of the theories of Candau (2014), Silva (2008), among others. These issues are analyzed in the context of the book, therefore, in a way, state and picture a society rooted in a particular location. In this sense, our study aims to better understand the work of a regionalist nature written by a politician-writer analyzing the spaces. It is important to note that the relationship of the characters with the space they inhabit or go through has a great influence in the plot in order to lead and contribute to the end of the novel. The narrator presents intriguing facts that permeate the text in order to transform the space of the newly emancipated county into a political battleground, as the electoral dispute is present throughout the whole narrative.

Keywords: Space. Narrative. Topoanalysis. Memory. Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	18
FIGURAÇÕES DO ESPAÇO EM VILA DOS CONFINS	18
1.1 A Vila dos Confins	18
1.2 Espaço e Política	21
1.3 Em Vila dos Confins: Reflexões Literárias	27
1.4 O Povoamento do Sertão	31
1.5 Memória e Identidade em Vila dos Confins	35
<i>1.5.1 A Percepção da Realidade na Obra de Ficção</i>	41
CAPÍTULO II	43
O SER FICTÍCO E A HABITAÇÃO: POSSÍVEIS RELAÇÕES	43
2.1 As Casas em Vila dos Confins	43
2.2 A Casa e a Venda de Jorge Turco	44
2.3 A Venda do Fiíco	48
2.4 O Rancho Habitado: Lugar de Pobreza, Desconforto e Esquecimento	53
2.5 A Casa em Carrapato	61
2.6 A Casa da Fazenda do Boi Solto	69
CAPÍTULO III	72
O ESPAÇO DAS HISTÓRIAS DENTRO DA HISTÓRIA	72
3.1 A Furna	72

<i>3.1.1 A Furna e a Percepção dos Sentidos</i>	74
<i>3.1.2 O Sentido da Água e o Caminho para a Furna</i>	77
3.2 O Espaço e a Luta pelo Poder em Vila dos Confins	83
<i>3.2.1 Espaço, Percepção e Dominação Espacial</i>	84
3.3 Um Percorso pela Fazenda	89
3.4 Fragmento e Totalidade: a Estrutura da Narrativa	93
<i>3.4.1 A Importância da Estrutura Espacial para a Formação da Narrativa</i>	95
CAPÍTULO IV	100
O RIO E A Balsa	100
4.1 O Rio Urucanã	100
4.2 Rio: Espaço vivo, Lugar de vida	104
4.3 No Rio: Fluxo e Conflito	110
4.3.1 O Espaço da Balsa, o Curso da Narrativa	113
<i>4.3.2 A Balsa e a Última Travessia</i>	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	135

INTRODUÇÃO

O livro objeto desta pesquisa se intitula *Vila dos Confins* (2004)¹, de Mário Palmério. O objetivo é, a partir dessa obra, buscar o entendimento da configuração do espaço e verificar sua ligação com a representação da memória tanto individual e coletiva quanto da produção e enquadramento em uma determinada identidade.

O espaço está no centro das investigações de várias áreas do conhecimento, como a Geografia, História, Filosofia, Sociologia e, não obstante, a Literatura. No âmbito literário, as pesquisas atuais mostram-se interessadas em estudá-lo não somente como um elemento estático, mas como elemento dinâmico, vivo, que, mais do que o lugar onde personagens vivem e transitam, possui variadas funções e relaciona-se intimamente com as vivências da personagem da ficção, de modo que, mais do que representar “o estar”, na maioria das vezes o espaço possui analogia com “o ser”.

A utilização de autores como Borges Filho (2007), Bachelard (2008), Brandão (2013) são de essencial importância para a compreensão das questões referentes à temática do espaço. Compagnon (2012), Candau (2014), Silva (2008), dentre outros, farão o trabalho menos árduo, pois oferecem valiosos apontamentos voltados tanto para as perspectivas de estudos da memória quanto da identidade. O estudo visa também contribuir com o entendimento dos pressupostos de raízes culturais e identitárias das personagens que povoam a obra.

Estudar² uma obra literária requer a aplicação de uma teoria voltada a um campo de conhecimento. Seja no âmbito filosófico, antropológico ou sociológico é importante voltar-se à busca das relações dessas áreas da ciência com os campos da produção literária, memória e identidade em uma determinada obra. *Vila dos Confins* (1974) possibilita estudos desse nível enquanto obra regionalista escrita por um escritor-político, o deputado e embaixador Mário Palmério (1916-1996). Além de rememorar sua obra, este trabalho resgata e homenageia o trabalho desse escritor que marca, no ano de 2016, o centenário de seu nascimento.

¹ Cumpre enfatizar que, no corpo do trabalho, para a análise e interpretação do *corpus*, utilizaremos a edição do ano de 1974, no entanto, na introdução deste trabalho valemo-nos do livro em sua 25ª edição, lançada no ano de 2004, pois consideramos pertinente citar textos críticos que se dispõem nesta versão.

² Esta dissertação intitulada “*Espaço, memória e identidade na obra Vila dos Confins*”, se liga com a linha de pesquisa “Literatura, memória e identidade”, e faz parte do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

Mário de Ascensão Palmério nasceu em Monte Carmelo, no estado de Minas Gerais, a 1º de março de 1916, filho do Dr. Francisco Palmério e de d. Maria Glória Palmério. Seu pai exerceu várias funções profissionais. Destaca-se como uma das mais importantes o cargo de juiz de direito em algumas comarcas da região triangulina nos últimos anos de sua vida. Mário Palmério estudou no Colégio Diocesano de Uberaba e no Colégio Regina Pacis em Araguari. Estudou também na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, onde, mais tarde, exerceria o cargo de deputado federal por Minas Gerais. Em 1936, ingressou no Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, sendo designado para servir na sucursal de São Paulo, cidade onde se iniciou no magistério. Em 1939, matricula-se na seção de Matemática da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo onde começa também a lecionar no Colégio Universitário da Escola Politécnica, por nomeação do governo daquele estado. Sucessor de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras, Mário Palmério foi eleito para a cadeira de número 2 em 4 de abril de 1968 e recebido em 22 de novembro do mesmo ano pelo acadêmico Cândido Mota Filho.

Palmério mostra-se um empreendedor da educação e, atraído pelo progresso da cidade de Uberaba e toda a região do Triângulo Mineiro, abre na referida cidade o Liceu do Triângulo Mineiro. Funda também em Uberaba as Faculdades de Odontologia, Direito e Medicina, que posteriormente passou a se chamar Universidade de Uberaba, a UNIUBE³. Além da educação, a política também faz parte da vida do escritor que, em 1950, se elege deputado federal. Exerce, assim, a vice-presidência da Comissão de Educação e Cultura durante todo o primeiro mandato. Continua acumulando êxitos na política nas eleições que disputa e, em 1962, cansado das atividades parlamentares, foi nomeado pelo Presidente João Goulart para o cargo de embaixador do Brasil junto ao governo do Paraguai. Assume o posto em 10 de outubro daquele ano. Assim como Graciliano Ramos, estreia na vida literária não propriamente tarde, mas à meia idade. Só aos quarenta anos surge a obra *Vila dos Confins*: “*Vila dos Confins* nasceu relatório, cresceu crônica e acabou romance, como afirma o próprio autor”.

Já sob a forma de romance, recebeu grande atenção e críticas. Quando do seu lançamento, em 1957, impactou o meio literário. Mas antes disso, no ano de 1956, Rachel de Queiroz (1910-2003) foi convidada por Palmério a escrever uma resenha crítica, texto esse

³ Assinalemos aqui que a UNIUBE mantém um portal em que são expostos trabalhos, artigos e resenhas, vislumbrando o conjunto da obra de Mário Palmério. Há também um memorial onde se encontram variadas homenagens sobre sua vida literária e política. Constam ainda os títulos que formam a fortuna crítica e o glossário que o próprio escritor criou para valorizar a riqueza do vocabulário sertanejo. O site pode ser acessado pelo seguinte endereço: <<http://www.uniube.br/mariopalmerio/>>.

que posteriormente foi publicado no prefácio do livro⁴: Recordemos, então, as perspectivas da escritora:

A primeira qualidade que me impressionou no escritor Mário Palmério foi este cheiro de terra, que o livro traz, tão autêntico. A gente tem a impressão de que ele nos entrega para ver, na sua integridade primitiva, aquele rio, aquela mata, aqueles bichos, aqueles caboclos, aquelas histórias de caçada e pescaria, que parecem histórias de mentiroso, de tão saborosas. Essa poesia de floresta e rio, tão difícil de captar, sem cair na ênfase. (QUEIROZ, 2004, p. 11).

Conforme se lê, Rachel de Queiroz aponta para a criação literária de Mário Palmério, salientando o trabalho do narrador ao instaurar os espaços, mostrando a riqueza com que foi caracterizado. Ao mesmo tempo, assinala a autenticidade com a qual os lugares foram configurados. Segundo ela, causam, até mesmo, a sensação de realidade, tão tênues são as fronteiras de um e outro, que se tornam quase invisíveis. A escritora destaca ainda a leitura do romance como tarefa “saborosa” e compara a escrita de Palmério à poesia, erigida com versos que evocam elementos da natureza e do espaço. Desse modo, Queiroz salienta, além do cuidado com a instauração dos temas, o trabalho do autor ao compor o universo da obra.

Ainda em referência à linguagem, este é assunto principal do texto intitulado “O vocabulário regional em *Vila dos Confins*”. Esse trabalho traz uma abordagem sobre as palavras e expressões, destacando a forma característica que temas e léxico com conotação espacial são selecionados e contemplados na obra estudada, assim como assinala Raquel de Queiroz no fragmento citado acima. Nesse sentido, Ieda Maria Alves⁵ afirma que:

A leitura de *Vila dos Confins* revela-nos um vocabulário extremamente variado e minucioso. Ao descrever uma pescaria, cenas de uma caçada ou o dia-a-dia em um garimpo, M. Palmério mostra-se profundamente conhecedor do vocabulário específico dessas atividades. Podemos, assim, estudar vários vocabulários por meio desse romance. Para descrever cenas ligadas à eleição em uma pequena cidade do interior de Minas, M. Palmério expressa dois tipos de unidades lexicais: elementos léxicos já existentes na língua portuguesa e elementos lexicais neológicos. Dentre os primeiros, são abundantes os brasileirismos. Não só regionalismos de Minas, como se esperaria de um autor mineiro, mas termos regionais de vários Estados brasileiros. (ALVES, 1985, p. 106-110).

Assim, é possível encontrar na obra vocábulos que não se relacionam unicamente com o contexto regional, mas que abrange o universo linguístico nacional, além de apresentar diversos elementos neológicos. É notável a afirmação da autora ao assinalar que *Vila dos*

⁴ Transcrição de um fragmento da resenha crítica de Rachel de Queiroz, que se encontra no prefácio do livro *Vila dos Confins*, na edição do ano de 2004.

⁵ A Professora Doutora Ieda Maria Alves possui Livre-Docência pela Universidade de São Paulo, atualmente é professora titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Confins possui um vocabulário notadamente variado e minucioso. Portanto, pode ser tida como “obra ficcional marcada, como já salientado, por linguagem da rara flexibilidade” (Bilharinho, 1998, p. 167).

Sob outro ângulo, encontra-se no prefácio da obra a visão do ensaísta do jornal *O Estado de S. Paulo* e crítico literário, Wilson Martins (1921-2010)⁶. Em sua opinião, *Vila dos Confins*

[...] é o primeiro grande romance da vida política no Brasil. Ainda há pouco tempo, eu assinalava a extraordinária “matéria romanesca” que se escondia sob os aspectos à primeira vista burlescos ou grotescos da nossa existência eleitoral. O sr. Mário Palmério, que é político, mas que, felizmente, é alguma coisa mais do que político, viu, também, o “lado humano” (no sentido “ontológico” da palavra desse mundo desalmado. (MARTINS, 2004, p. 14-15).

Martins discorre sobre o caráter relevante de um romance que privilegia a temática da política no Brasil. Em seu comentário, remete à necessidade e importância de tornar o mundo mais humano por meio da literatura. Desse modo, convergimos para a reflexão de que a obra não se limita ao prisma apenas testemunhal ou documental. Nesse sentido, é pertinente citar Antônio Candido (2004) que, ao descrever a literatura como um tipo de reprodução da realidade, da sociedade e do homem, aponta-a como força motivadora, que expressa função primordial na formação humana.

Logo se vê que a obra de Palmério aborda questões imbricadas no seio da sociedade e apresenta temas bastante fecundos para variados estudos. A propósito, *Vila dos Confins* serviu de corpus para alguns trabalhos acadêmicos, mas muito poucos na área dos estudos literários. A pesquisa acerca da fortuna crítica e uma consulta ao Banco de Teses da Capes revela que as pesquisas que compõem referencial do autor são, em sua maioria, estudos que pertencem a outras áreas do saber. No campo da História, encontramos a dissertação de mestrado de autoria de Maria Aura Marques Aidar, intitulada “*Os confins de Mário Palmério: história e literatura regional*” (2008). Nesse trabalho, a autora busca entender quais as condições em que o romance foi escrito; o contexto histórico em que se inseria; qual foi a recepção ao livro de um deputado que tratava de política de forma ficcional.

⁶ Artigo originalmente publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 11 de abril de 1957. Seu autor, Wilson Martins, foi crítico literário dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Gazeta do Povo* (PR). Nasceu em São Paulo, em 1921, e faleceu em Curitiba, em 30 de janeiro de 2010. Formou-se como bacharel em Direito (1943) pela Faculdade de Direito do Paraná e Doutor em Letras (1952) pela Universidade Federal do Paraná. Foi bolsista do governo francês (Paris, 1947-1948). Foi, durante os anos de 1951 e 1962, professor da cadeira de língua e literatura francesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná. E depois, professor visitante da Universidade Kansas (1962) e professor associado na Universidade de Wisconsin-Madison (1963-1964), além de ter sido professor titular de literatura brasileira na New York University entre 1965 e 1991.

Há também a tese de doutorado na área da Geografia, “Nos confins dos chapadões sertanejos: pensamento geográfico em Mário Palmério” (2011), de Naiara Cristina Azevedo Vinaud. Seu trabalho analisou duas obras de Palmério: *Vila dos Confins* (1956) e *Chapadão do Bugre* (1965). Nas palavras da pesquisadora, o objetivo de sua tese foi buscar compreender

[...] a atitude do autor diante da enorme contradição entre os discursos das elites agrárias e urbanas instaladas no poder com vistas ao lucro e as vantagens pessoais, e o extremo abandono das populações rurais, a que era atribuída a culpa pelo atraso e pelo estado de barbárie que impedia a plena realização do progresso. (VINAUD, 2011, p. 08).

Além disso, no ano de 2012, foi lançado o livro, resultado de pesquisa de doutorado, de André Azevedo da Fonseca, sob o título de “A construção do mito Mário Palmério: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de *Vila dos Confins*”. Essa obra, também na área da História, não analisa a escrita palmeriana. Na verdade, volta-se para o estudo de sua vida política, destacando o fato de que, desde antes de publicar seus romances *Vila dos Confins* e *Chapadão do Bugre*, Mário Palmério era considerado um mito no interior de Minas Gerais, devido sua genialidade empreendedora e política. O livro enfatiza a trajetória do escritor-político na perspectiva da História Cultural. De acordo com o autor, sua obra tem como objetivo mostrar

[...] as estratégias simbólicas que esse ator político operou no imaginário do interior mineiro para teatralizar uma imagem pública, conquistar distinção social, legitimar-se como portador de aspirações populares e consagrar-se como um verdadeiro mito da cultura política regional. (FONSECA, 2012, p. 12).

Além das pesquisas supracitadas, encontramos a dissertação de mestrado, do ano de 2012, intitulada “Pelos caminhos e vilas do chapadão. Leitura e análise dos romances de Mário Palmério”, de Joaquim Rubens Fontes. Nesse trabalho, o autor realiza uma inflexão crítica acerca dos dois romances, *Chapadão do Bugre* e *Vila dos Confins*, buscando afirmar “a magnitude da obra de Mário Palmério, a sua importância para a literatura nacional e, a par disso, o descobrimento de vasta região do Estado de Minas Gerais, revelada em seus romances” (FONTES, 2012, p. 08). Vale ressaltar que Fontes dedica um tópico de seu trabalho para discorrer sobre o que ele mesmo denomina de “colocação espacial”, no qual afirma que “[...] a natureza é a grande protagonista de *Vila dos Confins* e uma das razões do próprio livro.” E, completa: “Se tudo é ficção, ou ficcionado, já que o romance foi feito a partir de um relatório oficial, a geografia, entretanto é verdadeira, descrita com detalhes por um grande conhecedor” (FONTES, 2012, p. 40-41) Percebe-se que o autor utiliza o termo natureza para se referir ao local onde a narrativa

foi ambientada e aos elementos espaciais. Dessa maneira, certifica o efeito de verossimilhança da obra, não apenas pela temática, mas também pelos espaços.

Como pudemos ver, a criação literária de Palmério tem sido prestigiada pela crítica e pesquisas, não obstante, parte da motivação para a consecução deste trabalho, partiu da necessidade acadêmica e científica da realização de mais pesquisas que venham a conglomerar como corpus de análise sua narrativa no campo dos estudos literários. Isto porque, desde a nossa primeira experiência de leitura de *Vila dos Confins*, chamou-nos atenção o modo como o autor recriou os temas do poder, domínio e política no sertão de Minas Gerais, e o modo como os relacionou aos espaços, no que tange à elaboração e com os motivos da trama. Palmério, que conhecera de perto a realidade nua e crua do espaço descrito, tornou o que testemunhou em assuntos recorrentes de sua obra.

Além das temáticas expostas, o autor investe em sua escrita para expressar a realidade. A obra palmeriana mostra-nos uma abordagem profunda de problemáticas universais, tais como a pobreza, o (des) amor, a morte, a fome, o ódio, a seca, muito presentes na literatura regionalista, mas erigidos com sensibilidade que transpõe as fronteiras dos tempos e espaços. Assim, a análise do espaço na obra de Palmério se faz necessária, buscando compreender como este se liga aos demais temas. Isso posto, adentremo-nos ao que se refere à estrutura da dissertação. Para a apresentação das análises, optou-se pela organização do trabalho em quatro seções. São elas respectivamente:

O primeiro capítulo “Figurações do Espaço em *Vila dos Confins*”, fala da construção dos lugares, remetendo à formação de cidades e vilas no interior do Brasil, o povoamento do sertão e o modo como isso foi transposto no contexto da narrativa. Nesta seção, também refletimos sobre a importância da memória e identidade no fazer literário, como uma atividade social que reflete e veicula os valores da sociedade no contexto da política no interior do Brasil, salientando a denúncia da realidade e a quebra de paradigmas, elementos próprios da natureza e funções da literatura.

No segundo capítulo, “O Ser Fictício e a Habitação: Possíveis Relações”, realizamos, num primeiro momento, uma discussão acerca do sentido da casa e, em seguida, buscamos analisar, isto é, aproximar e distinguir a casa-venda de Jorge Turco da venda do Fiíco. Em seguida, abordamos o rancho, morada humilde, característica da maioria dos habitantes da região. E, com o intuito de revelar através das habitações como a pobreza é tão acentuada, destacamos as principais diferenças entre as casas no povoado do Carrapato e na fazenda do Boi Solto.

O terceiro capítulo, intitulado “Histórias Dentro da História”, mostra o modo como é arquitetada a estrutura da obra, valendo-se de uma construção formada por várias histórias introduzidas no enredo principal; tecendo no texto uma multiplicidade dentro da unidade, bem como, discute como o espaço da obra reflete na instauração espacial e em seus efeitos de sentido. Em ambos os capítulos, procuramos analisar os espaços, sua caracterização e alinhar a complexidade do lugar com as atitudes, sentimentos, ideologias e experiências, a situação econômica das personagens.

No quarto e último capítulo, “O Rio e a Balsa”, realizamos uma análise e interpretação buscando alinhamento entre teoria, símbolos e espaços, o que foi possível devido às imagens que a água, o rio e a balsa nos proporcionam. A simbologia de tais elementos está arraigada na trajetória histórica e no imaginário humano. Portanto, examinamos os elementos constituintes do rio e da balsa e suas características próprias de se disporem juntamente com a água, que, por sua vez, é um símbolo recorrente na literatura e na humanidade. Conforme veremos nas análises, água, matéria fundamental do rio, e condutora da balsa, reflete tanto a vida como a morte, na narrativa, essencial para a travessia neste mundo e para além dele.

Vale ressaltar que, diante do desejo de oferecer uma contribuição para a compreensão da obra do autor, não podemos perder de vista a escolha de nossa abordagem metodológica. Sendo assim, no que tange às análises do espaço, utilizamos a metodologia da Topoanálise de Borges Filho (2007). A escolha da teoria borginiana como fundamentação teórica a nortear esta pesquisa se justifica então pelo anseio de tatear a obra de Mário Palmério por uma ótica não antes vislumbrada por dissertações e teses. Outra justificativa reside no fato de a Topoanálise apresentar um instrumental teórico eficaz, que possibilita investigar o espaço literário por vários ângulos. Será possível notar, no decorrer dos capítulos, o quão recorrentes são na obra as funções do espaço: quando indicia as ações e atitudes da personagem, quando influencia a personagem a agir de determinada maneira, ou é propício para a ação, quando há analogia entre o espaço e os sentimentos das personagens e quando há a antecipação da narrativa, por meio do espaço, também chamada de prolepse espacial. Nesse caminhar, enfatizamos o emprego dos sentidos humanos, cognominados gradientes sensoriais, para um melhor entendimento da intersecção personagem-lugar (BORGES FILHO, 2007, p. 34-41).

Em consonância a isso, como se trata de uma obra regionalista, faz-se necessária também uma abordagem sociológica, a fim de uma maior compreensão sobre a representação da memória coletiva e a formação da identidade de um povo, conforme se lê na obra *Memória*

e Identidade (2011) do antropólogo Joël Candau. Sua teoria é referência, principalmente, para pesquisas que abordam as relações entre memórias individuais e coletivas e a identidade. Por isso, este estudo se apoia em seus conceitos, tendo em vista que a obra de Palmério é rica em explicações sobre as relações que se estabelecem entre as várias dimensões da memória na construção das identidades. Nesse romance, o narrador conta a história da primeira eleição no município recém-emancipado que dá nome à obra. Escrita na década de 50 do século passado, a obra rememora um acontecimento político inédito na região, o qual marcou a estrutura, a vida e os sonhos daquela gente.

A literatura palmeriana reinscreve em forma de ficção acontecimentos históricos relacionados à atividade política, o sistema eleitoral corrompido perante a força de dinheiro e de armas, de favorecimento de uns e exclusão de outros. Mas como isso pode implicar um estudo sobre memória e identidade associadas a uma obra literária? Ao fazer relação entre esses temas tão pantanosos e ricos em todos os âmbitos imagináveis, há que se ressaltar a importância de um escrito literário e as denúncias contidas nele para reconhecimento das formas de organizações das sociedades que povoaram um lugar esquecido no interior do Brasil nos anos 50 do século XX.

Se partirmos do princípio de análise da identificação das parcelas da sociedade da época no país, será possível perceber que quando um eleitor participa na política local, necessariamente vai identificar-se com as ideologias de um partido político. Cabe mencionar que, na disputa narrada no romance, são apresentados dois partidos: União Cívica, representado pelo deputado Paulo Santos e o amigo, companheiro político e candidato a prefeito João Soares e o partido Liberal representado pelo deputado Cordovil de Azambuja, apoiador do candidato a prefeito Coronel Francisco Belo e demais correligionários citados na obra. Além disso, é importante ressaltar que, morando num mesmo espaço do país, o interior de Minas Gerais, descrito por Palmério como sertão dos confins, os habitantes do local ou se identificam com um ou com outro partido. Mas que forma de identificação é essa? Pelo menos, ao que parece, é a busca de se encaixar em um grupo cujos privilégios serão destinados aos mesmos se, findas as eleições, o grupo supracitado sair vencedor do processo eleitoral. Percebe-se, assim, que há na narrativa a reincidência de meios que contribuem para inserir os pretendentes a esses grupos, de forma a arrematar a identificação desses elementos como pertencentes ou não a determinado grupo. Mas, afinal, de que forma o espaço se imbrica a toda essa problemática?

Portanto, diante do caminhar das afirmativas e das discussões propostas, realizaremos nas páginas seguintes o diálogo analítico-interpretativo.

CAPÍTULO I

FIGURAÇÕES DO ESPAÇO EM VILA DOS CONFINS

1.1 A Vila dos Confins

A formação de cidades e vilas no interior do Brasil aconteceu de várias maneiras. As atividades agrícolas e o comércio tiveram papel fundamental nesse âmbito. Porém, o que mais influenciou nesse contexto foram as descobertas de áreas de garimpo de ouro e diamantes que atraíram pessoas de diferentes partes do país. Nesse quesito há que se ressaltar que a união das forças do comércio, agropecuária, garimpo e política propiciaram de uma forma bastante clara a criação de povoados e culminaram em vilas e conseqüentemente em municípios emancipados. É perceptível que a história narrada em *Vila dos Confins* apresenta configurações parecidas. Grandes latifúndios como as terras do Coronel Chico Belo, concorrente vencedor da primeira eleição, atraíram muitos trabalhadores na lavoura e pecuária bem como para a atividade do garimpo. Isso contribuía para a formação do pequeno comércio, como as vendas das personagens Fiíco e Jorge Turco, ambos companheiros políticos do deputado Paulo Santos. O primeiro por ligação com um candidato a vereador, a personagem Neca Lourenço, e o último por afinidade e amizade de longa data com o deputado. A farmácia do Carrilho bem como a igreja dirigida pelo Padre Sommer, alemão radicado na vila e com responsabilidades religiosas pela região dos Confins, movimentavam também o fluxo de personagens na localidade.

A procura pelo ouro e pelo diamante produziu grandes migrações para o interior do Brasil, onde pessoas sem grandes perspectivas na vida, procuravam enriquecer de uma forma mais rápida e repentina ao encontrar uma boa pedra preciosa. Assim, sem recursos financeiros para o próprio sustento, quem não conseguia garimpar tal pedra, ia trabalhar em fazendas do povoado. Com a chegada do período eleitoral, como todo cidadão nesse momento é “igual”, os mesmos eram recrutados e tinham seus documentos atualizados ou produzidos em virtude da necessidade de conseguir-se o direito de votar através do título de eleitor. Dessa forma, instalavam-se no município, com o intuito de sustentar a família e povoavam o sertão. O espaço era então propício a amores e ódios, desejos e sonhos e tudo o que permeia a mente e o coração humano.

Mas o poder e a política sempre andam juntos e representam na narrativa de *Vila dos Confins*, um pano de fundo para que o narrador exponha, através da literatura, mazelas,

problemas e sonhos inseridos no contexto de uma batalha política que envolve o habitante de tal lugar. Várias características transformam uma localidade em município, e assim já era a Vila dos Confins. Uma cidade!

Sim senhor, cidade! A vila tem igreja, farmácia, venda; escola particular, coletoria, cemitério. Ah, e também a sapataria-farmácia-armazém do Carrilho & Cia. Ltda. Casa de platibanda nova, de esquina, pintada de pouco. (...) Município novo, recém-emancipado, mas com Prefeitura e Câmara de vereadores já em funcionamento. (PALMÉRIO, 1974, p. 16-17).

A segunda metade do século passado ficou marcada como a época em que aconteceram várias emancipações de municípios no interior de Minas Gerais. Muitas cidades se constituíram em torno de interesses políticos. Os chefes regionais exigiam a emancipação da localidade para se alçarem a cargos do executivo e legislativo, e até mesmo do judiciário em tais localidades. Dessa forma, aumentavam o eleitorado local e a zona eleitoral se fazia cada vez mais importante no cenário da política estadual. Pode-se imaginar que isso tenha motivado também a constituição do espaço narrado em *Vila dos Confins* pelo escritor-político Mário Palmério. Assim confessa o autor: “Vila dos Confins nasceu relatório, cresceu crônica e acabou romance...” (Palmério, 1974, p 10). Como político, o mesmo percorreu vários municípios do estado e conheceu *in loco* a real situação das pessoas e como elas habitavam esses espaços. A partir desse conhecimento deu vida à ficção e aos fatos que permeiam essa narrativa. Na apresentação do espaço que aparece na obra, o narrador faz um percurso espacial pelos caminhos do sertão em que se encontra o Município da Vila dos Confins. Esse percurso bem como seus espaços subsidia a estrutura que ampara o texto. Estradas de terra batida, balsas para travessia de rios, rancho de bambu e folha de coqueiro, espaço rural e constituição do espaço urbano bem como igreja e natureza ainda intacta aparecem com frequência na obra.

De uma forma bastante clara, o espaço condiz realmente com a estrutura física de cidades que até hoje contam com aspectos semelhantes aos lugares mencionados na obra. Assim, o ambiente fica propício para os fatos da narrativa e condiz com o que a mesma apresenta, ou seja, uma disputa política em um espaço dominado por coronéis. A riqueza de detalhes referentes ao que há de bom no município recém-emancipado também mostra como o narrador conduzia a trama e fazia perceber-se e atentar para uma questão que permeia a obra do início ao fim: a política interiorana. Se a narrativa apresenta fatos e acontecimentos em um município no Sertão dos Confins, a política tem papel fundamental para tais acontecimentos. A mesma traz alegrias e tristezas, sonhos e homens destinados a buscar o poder e domínio de

espaço. Condição ainda com um fato importante percebido na literatura e presente na obra de Palmério, ou seja, propicia denúncia de mazelas e conchavos na política do interior do Brasil. Para o narrador de *Vila dos Confins*, “Este, um ligeiro apanhado do Sertão dos Confins. Esqueceram-no as geografias, esqueceram-no os governos. Quem desejar pormenores, só dando um pulo até lá” (PALMÉRIO, 1974, p. 18).

É notável a crítica feita à política e ao governo no que diz respeito ao fato de que os municípios do interior do país estavam esquecidos durante muito tempo e só eram lembrados durante os pleitos eleitorais. E nada melhor para debater tais acontecimentos a partir da narrativa cujo protagonista se veste da função de deputado federal e corre o lugar em busca de votos para eleger o amigo e companheiro ao cargo de prefeito. O mesmo busca subsídios nos conhecimentos que têm para apresentar de forma mais próxima do real as características descritas em *Vila dos Confins*. Como ainda se apresenta bem pequena, o narrador sugere e mostra a Vila fazendo uma referência sobre a vida de quem habita o local, suas perspectivas e pensamentos. Assim, nota-se que é uma “Corrutela de lugar, a Vila: a igreja, um punhado de casas de adobo e de telhas, e uma porção de ranchos de taipa e folha de buriti. Rua mesmo, uma só: começando na igreja e acabando no cemitério, tal e qual a vidinha do povo que mora lá” (PALMÉRIO, 1974, p. 23).

Percebe-se uma correspondência com o fato de que a comparação da vida das pessoas que residem no local é muito simples e sem perspectivas. Não há uma expectativa de futuro melhor bem como falta uma organização para a estruturação da cidade. Verifica-se a simplicidade das casas, pois as mesmas são construídas de adobo - um tijolo feito de barro - e telhas em conjunto com ranchos de taipa e folhas de buriti, um coqueiro comum no cerrado e áreas de veredas. Assim, faz-se entender o quanto os cidadãos residentes em tal localidade necessitavam de alguma resposta de autoridades responsáveis como a classe política. Interessante debater a definição que o narrador faz do modo de vida dos seres que habitam a Vila, ou seja, o substantivo “vida” no grau diminutivo apresenta a insignificância dos mesmos.

Porém, quando se aproxima o pleito eleitoral, todo cidadão com direito a voto, torna-se pessoa de inestimável valor. E, se domina pessoas e conseqüentemente seus votos, aí é que o valor das mesmas aumenta. É o caso do comerciante-farmacêutico Carrilho, dono da farmácia e de um pequeno armazém, que tenta negociar regalias na prefeitura, de forma a se tornar o único farmacêutico no lugar. Ou então, o poder do coletor de impostos, que com o cargo na mão, pode atribuir valor maior ou menor a quem o interessar. Faz sentido destacar que, quando se trata de denúncia no texto literário, pressupõe-se que a personagem

“deputado” tem muito conhecimento de tais fatos porque os vivencia de perto. E foi através do que viu no decorrer de sua vida política, que Paulo Santos, deputado da União Cívica, escancarou conchavos políticos e estrutura de corrupção em um município no interior do Brasil.

Nesse sentido, o texto de *Vila dos Confins* configura aquilo que há na raiz da sociedade brasileira no tocante ao âmbito político e, através da literatura, desnuda alguns males que assolam a vida pública das instituições conduzidas por coronéis e pessoas sedentas pelo poder. A formação das chapas para a disputa e a luta voto a voto ou espaço por espaço transforma a narrativa num campo de batalhas em que se *coloca* em jogo não só o pleito eleitoral, mas principalmente a vida e o futuro das pessoas que habitam o lugar. Como qualquer outro município emancipado, o espaço de Vila dos Confins deixa de ser apenas um distrito e passa a contar com instituições públicas como coletoria, prefeitura e câmara de vereadores bem como comércio emergente, residências e ruas. Assume também o posto de centro de forma que os serviços básicos passam a ser oferecidos em tal local. Perifericamente, o município é composto por distritos como o denominado Carrapato. Há também as localidades do Fundão, Serra do Sono, Água Limpa, Riso, Brejo Seco, Mutuca, Brejal e Bacurizal.

1.2 Espaço e Política

A política também é o que leva o Deputado Paulo Santos a um percurso espacial. O mesmo é levado às comunidades (distritos) e localidades em busca de apoios e necessariamente com pensamentos para o próximo pleito eleitoral. Nesse sentido, o sentimento de ser importante, de ser valorizado faz com que a presença do político de renome na localidade o credencie a voltar em eleições futuras – as eleições gerais – e garantir o apoio destes para si. Não havia muita gente nessas localidades, devido ao fato de que o espaço ainda estava aberto ao desenvolvimento e, de uma forma bastante sagaz, o político tem um pensamento de longo prazo e já faz planos de voltar nas eleições gerais para conseguir votos para reeleger-se na próxima campanha de deputado. Político orgulhoso, que não se porta como um habitante natural do lugar fere o sentimento do eleitor mais humilde.

É necessário que o mesmo dê atenção ao eleitor, entre na residência deste e o trate como se fosse um amigo de longa data. E o pensamento de Paulo Santos era visitar cada um dos ranchinhos do distrito do Carrapato para se apresentar um ser sem qualquer preconceito e

ainda amigável, agradável, uma pessoa que se identificava com cada um daqueles moradores da localidade.

Na corrutela de tão pouca gente, cinco ou seis eleitores faziam a diferença; e, se já estivessem comprometidos com o Chico Belo para as próximas eleições, pelo menos não se esqueceriam do deputado atencioso que visitara o Carrapato, proseara com todo o mundo, entrara no humilde ranchinho deles, sem vexame nenhum, e nas outras eleições gerais, podiam – quem sabe? – quebrar a chapa do Partido Liberal, reservar uns votinhos de simpatia [...]. (PALMÉRIO, 1974, p. 63-64).

Assim, fica evidente o quanto o deputado tinha a astúcia de imaginar o que poderia acontecer no futuro político do mesmo e faz questão de conversar com todos os habitantes que se encontram em cada uma das localidades visitadas a fim de transparecer simpático e conquistar um bem fundamental para um político: o voto. Importante também salientar a divisão existente entre pleito regional e geral, já que o geral apresentava uma possibilidade mais ampla e com efeitos sociais maiores. O eleitor tinha a opção de quebrar a chapa e votar em um candidato a deputado estadual de um partido e em um candidato a deputado federal de outro partido sem problema algum. Mas isso era uma possibilidade. E com que mais trabalha o político senão com possibilidades? Paulo Santos tinha no pensamento agora a angústia de ter passado mal na visita ao Carrapato, mais precisamente na casa do Nenzinho. “Viagem perdida. Podia ter aproveitado o tempo, conversado com os amigos do Nenzinho, passado em uma ou outra casa, tomado café com eles” (PALMÉRIO, 1974, p. 63). O fato de não conseguir visitar todos os habitantes da localidade fazia com que o político tivesse medo de apresentar-se desagradável e mesquinho. Preocupava-se também como e o que estariam falando dele na localidade do Carrapato e até mesmo na Vila dos Confins, pois, naqueles duelos, os comentários corriam com tanta rapidez que possivelmente todos do município àquela altura já estariam sabendo o que havia acontecido ao deputado.

Como estratégia para conquistar e marcar presença, os organizadores da campanha pensam em um candidato a vereador em cada uma dessas localidades com o intuito de, com uma pessoa conhecida no lugar como candidato a vereador, a possibilidade de conseguir mais seguidores é muito grande. E quanto mais apoio, maior a chance de conseguir o objetivo que é o número necessário de votos para conseguir se eleger. Assim, a busca pelo Neca Lourenço e o Nelson como representantes respectivamente do Brejal e do Bacurizal era muito importante no caminho para o êxito no pleito em questão. E se esses aceitassem mesmo a candidatura ao cargo de vereador e contribuíssem com adjutório a construção da chapa de João Soares à conquista da prefeitura de Vila dos Confins bem como a campanha eleitoral

ganhariam ainda mais força. Mas ganhar as eleições não significava apenas assumir a prefeitura. Tinha um significado muito maior. Desbancaria o adversário e conquistaria o respeito e a admiração de todos, sem contar que receberia o apoio do governador e acabaria com os mandos e desmandos do Coronel Chico Belo, além de fortalecer o partido União Cívica no município.

A configuração do espaço no âmbito político tem fundamental relevância na obra. O mesmo é disputado e propicia uma luta pela conquista e manipulação deste durante o período do pleito. O espaço assume características de um objeto possuído/possuidor ou demarcado em que uma pessoa ou um grupo exerce uma forma de poder sobre ele. Porém, a relação da personagem com o mesmo a conduz a uma psicologia de estados muito diversos. Em cada local em que os atos ou ações ocorrem dentro da narrativa de *Vila dos Confins*, fica evidente o quanto o espaço mexe com o estado emocional do protagonista Paulo Santos bem como com os demais companheiros de jornada política. É por isso que afirma Lins:

Deve-se ter presente, no estudo do espaço, que o seu *horizonte*, no texto, quase nunca se reduz ao denotado. Por vezes, claro, tende a fechar-se, como nas histórias policiais e de horror, onde proliferam as ilhas, as mansões solitárias, os poços, os calabouços, os subterrâneos, os quartos fechados, tudo indicando a existência de um seccionamento radical entre o mundo e a narrativa e o mundo da nossa experiência. (LINS, 1976, p. 72, grifo do autor).

Se se faz uma verificação dos espaços fechados que o Deputado percorre, perceber-se-á que o mesmo apresenta uma angústia e um descontentamento com tais espaços. Essa relação afetivo-negativa entre o ser e o lugar recebe a definição de topofobia. Assim, “a ligação entre espaço e personagem pode ser de tal maneira ruim que a personagem sente mesmo asco pelo espaço. É um espaço maléfico, negativo, disfórico. Nesse caso, temos, então, a **topofobia**.” (BORGES FILHO, 2007, p. 158, grifos do autor). A cama da casa do Jorge Turco faz um barulho que o atrapalha dormir e é também nesse quarto que há uma discórdia com o Carrilho quando este lhe faz uma proposta inadequada, de corrupção. O quarto da casa do Carrapato onde Paulo Santos é colocado após sentir-se mal mais parece um calabouço onde ele está preso e de onde não pode sair. Há neste sentido um seccionamento no que diz respeito ao estado psicológico do deputado quando o mesmo se encontra em diferentes casas, mas em cômodos com mesmo valor espacial, cômodo este reservado ao descanso e ao amor. Faz-se necessário, então, um estudo deste espaço na obra *Vila dos Confins* em que tal lugar se apresenta com muita ênfase no texto. Se feita uma busca mais específica, perceber-se-á que, em duas situações, passa pelos pensamentos do protagonista

uma preocupação com a forma de estar que os casais Gerônimo e Rosa e necessariamente Nenzinho e a esposa colocam em prática em seus locais de repouso.

O narrador afirma que Gerônimo nem sempre andaria pelas margens do Rio Urucanã pescando ou atravessando gente na balsa. Em certo momento o mesmo sentiria falta do calor do corpo de sua esposa e voltaria para se aquecer com ela, bem como proporcionar-lhe afeto, carinho e atenção. O protagonista tem uma preocupação se a filha Ritinha ouviria ou não os suspiros dos mesmos e o barulho que a relação pudesse produzir, pois o colchão é feito de palha de milho e, portanto, passível de barulho. É importante lembrar também que o rancho em que a família habitava tinha as divisas feitas com taquara de bambu.

Apenas aquele tabique ralo, a meia altura do rancho, separava as noites de Gerônimo e Rosa das noites de Ritinha. O que se dizia num quarto, o mesmo que ser dito no outro... E nem sempre o Gerônimo ficaria vigiando as linhas-largas e fisingando peixe. O frio do sereno faria o negro sentir saudades do corpo quente da sua Rosa. Subiria o rio, remando forte. E Ritinha acordaria com a palha de milho indiscreta do colchão. (PALMÉRIO, 1974, p. 48).

O espaço do rancho retrata a pobreza e revela-se um local pequeno em que humildes famílias do sertão se abrigam. As pessoas residentes em tal morada vivem amontoadas nesses espaços pequenos. Um ser, necessariamente, “vive” a vida do outro que se encontra muito próximo. Aqui, percebe-se que esse espaço é tratado com uma tônica mais sarcástica e com uma percepção mais aguda quando se refere como o marido procuraria a esposa. Já no caso do tratamento sobre o quarto da casa de Nenzinho, na localidade do Carrapato, local onde o mesmo foi colocado após ter um acesso de malária, uma doença que assolava o interior do país na segunda metade do século XX, o narrador de *Vila dos Confins* trabalha com uma forma de descrever e analisar o amor entre o dono da residência e sua esposa. Trata-se, assim, de um amor menos erotizado, mais sério, mais recatado.

A necessidade de análise desses espaços apresenta-se de forma um tanto quanto notória. No rancho de Gerônimo, o deputado vê e faz uma análise do crescimento da filha do balseiro, a Ritinha, moça que passa pela transformação de corpo e começa a se tornar uma mulher. Há, assim, uma erotização do espaço. Já no Carrapato, na casa do Nenzinho, é a bela Maria da Penha que mexe com os pensamentos do político. Nota-se assim, que o protagonista da narrativa, o deputado Paulo Santos, mesmo em um espaço que não o agrada, observa a presença da figura feminina.

Dessa forma, é a partir da visão dele que a narrativa se constrói e o estado psicológico do mesmo interfere muito na forma como ele vê e narra os fatos. E, de acordo com Brandão (2013), essa questão da visão, ou seja, a forma como o narrador vê os fatos tem

uma equivalência com a sequência dos fatos. É preciso ver e perceber o espaço para narrar e descrever o que há dentro deste.

A visão, entendida mais ou menos literalmente, mais ou menos próxima de um modelo perceptivo, é tida como faculdade espacial, baseada na relação entre dois planos: espaço visto, percebido, concebido, configurado; espaço vidente, perceptório, conceitor, configurador. A relação pode sem dúvida adquirir distintas qualificações: mais ou menos isenta, mais ou menos projetiva, mais ou menos autônoma etc. (BRANDÃO, 2013, p. 63, grifo do autor).

De uma forma bastante sucinta percebe-se que a questão da visão do narrador mostra uma realidade do espaço no qual o mesmo apreende o espaço visto. É claro que, de um ponto de vista mais amplo, o que leva a toda a construção do âmbito narrativo voltado para o pleito político no recém-emancipado município de Vila dos Confins é o fato de que o protagonista é um deputado, portanto, um político que narra fatos políticos. E essa visão leva a narrativa a uma sequência de acontecimentos que implicam necessariamente a noção de como são as características específicas do mando político e do coronelismo em determinadas regiões do país.

Há muitas formas de conseguir vantagens em um pleito eleitoral e nada mais forte do que o apelo ao maior chefe político do Estado, o Senhor Governador. Com a instalação do destacamento de polícia e delegado militar, Vila dos Confins tende a ser mais ocupada pelo poder de dominação dessa classe em favor do partido Liberal, o qual tem Chico Belo como candidato a prefeito. Se o candidato a prefeito tem o apoio deste, a possibilidade de se conseguir variadas formas de pressão para intimidar a oposição e arrebanhar um maior número de companheiros torna-se maior. Nada mais importante em uma pequena localidade do que “soltar” boatos a favor ou contra a honra e a integridade, bem como os interesses prós ou contras a um determinado candidato. E essa tática fica evidente quando o narrador informa que “A Vila está que é só boato, doutor. O Chico Belo e o Braulino chegaram ontem da Capital. E veio também o capitão Otávio, irmão do Alcindo...” (PALMÉRIO, 1974, p.120). O Coronel Chico Belo foi à Capital em busca do apoio do governador bem como das forças do governo e, através de uma manobra de conversas e conchavos, conseguiu arrancar do mesmo um importante aliado político, um delegado militar para a Vila dos Confins. Há, nesse sentido, uma oposição entre a Capital e o interior, existindo uma diversificação de formas de poder e habitar. É na Capital de um estado que se concentram as esferas de poder e diversidade de práticas culturais enquanto no interior, além da forma simples de vida que os habitantes de tal lugar vivenciam, os serviços prestados pelo poder público e o acesso ao

conhecimento e a bens culturais são proporcionados e coordenados na maioria das vezes pelo chefe político local, no caso de Vila dos Confins, o prefeito.

Importante salientar que um militar em um local pequeno e sem estruturas de segurança, além de buscar garantir a mesma, adquire um *status* de poder e de figura respeitada. E se este apoia um determinado grupo político ou mesmo tem a simpatia pelo candidato A ou B, esse prestígio pode-se transformar em votos. E se, até na atualidade ainda há o chamado voto de cabresto, imagine em um sertão esquecido no interior do país no início da segunda metade do século XX. E se na política está envolvida a conquista de espaços, as manobras acontecem de ambos os lados. O candidato a prefeito e coronel Chico Belo pressiona o governador e consegue delegado militar para a localidade.

O governador cederá à pressão dos liberais: *delegado militar* para a Vila dos Confins! Logo em seguida, na certa o destacamento... As buscas, os chamados à delegacia, a provocação... “ – A casa do Chico Belo virou formigueiro de gente ... Dizem que o dr. Osmírio, Chico Belo e o capitão vão começar a correr o município todo...” – contara o Daíco. (PALMÉRIO, 1974, p. 120, grifo nosso).

O compromisso que o governador coloca em prática ao apoiar a ideia do coronel Chico Belo tem uma prerrogativa importante do ponto de vista político: a partir de então a representação do Partido União Cívica na capital do estado se colocava contra os interesses do governador. O deputado Paulo Santos juntamente com os correligionários mostraria ao mesmo que de fato mudariam a composição na base e pensariam mais ao apoiar os projetos que o governador enviasse para votação na Assembleia Legislativa do Estado. Já com relação ao atual momento em Vila dos Confins, o que passava no pensamento de todos era a questão de como o povo e mais estritamente o eleitorado receberia a notícia da chegada do delegado militar. A casa do candidato a prefeito pelo partido Liberal se torna uma espécie de local onde toda a população leva e busca informações. A utilização do substantivo “formigueiro” para definir a casa do mesmo funciona como uma metáfora espacial se lavada em consideração que tal espaço está aberto e é receptivo a toda população da localidade. A movimentação em tal local também o caracteriza como um espaço agitado, alvoroçado. Para (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 447) “A formiga é um símbolo de atividade industriosa, de vida organizada em sociedade, de previdência (...) ocupa espaço dos mais humildes”. Nota-se, assim, que a campanha de Chico Belo encontrava-se mais organizada e com a chegada do delegado militar afirmar-se-ia com veemência. O fato de ter um homem das forças militares apoiando a campanha do adversário era um motivo preocupante para o partido União Cívica

porque o mesmo dispõe de grande poder e arbitra segundo seus “ideais” o local sob sua responsabilidade.

A atuação de um delegado militar no interior, principalmente em um município recém-emancipado, onde ainda não há um destacamento policial efetivado, implica uma imposição de regras e normas pelo mesmo. Dar buscas em pessoas única e exclusivamente com o intuito de constranger o cidadão se este fosse companheiro ou aliado do candidato João Soares, provocar um eleitor pelo simples fato de o mesmo não concordar ou não simpatizar com a candidatura do Chico Belo e os chamados à delegacia eram situações adversas e que atrapalhariam o andamento da campanha do aliado do deputado Paulo Santos. Como já estava em andamento a campanha da União Cívica, com um cabo eleitoral deputado, também começaria a correr o município em busca de votos e apoiadores a cúpula do Partido Liberal, liderado pelo Coronel Chico Belo e o delegado militar recém-chegado ao município de Vila dos Confins. Nesse sentido, cabe ressaltar que o partido Liberal, cujo candidato era um coronel⁷, começa a fazer frente na busca pelo eleitorado e entrar de vez na luta pela prefeitura do recém-emancipado município.

1.3 Em *Vila dos Confins*: Reflexões Literárias

Para tratar de um assunto relativo à arte literária é importante primeiramente esclarecer de que ponto do saber literário o presente trabalho irá se orientar. A partir da concepção de literatura de Antoine Compagnon é possível se ter uma ideia básica do que se entende por literatura. Mas é importante salientar que o mesmo discute mais de uma definição para a arte da escrita (e representada).

Para tanto, convém lembrar que, segundo Compagnon (2010, p. 31),

Em sentido mais amplo, literatura é tudo que é impresso (ou mesmo manuscrito), são todos os livros que uma biblioteca contém (incluindo-se aí o que se chama de literatura oral, doravante consignada). Essa acepção corresponde à noção clássica de “belas-letas” as quais compreendiam tudo o que a retórica e a poética podiam produzir, não somente a ficção, mas também a história, a filosofia e a ciência, e, ainda toda a eloquência.

Essa é uma concepção geral lembrada pelo autor. Porém o conceito que mais se aplica à abordagem que ora é proposta é a seguinte:

⁷ O termo *coronel* nesse contexto não se aplica a uma patente militar. Segundo o dicionário Houaiss 2009: Regionalismo, Brasil; indivíduo, geralmente proprietário rural, que controla o poder político, social e econômico de uma região.

No sentido restrito, a literatura (fronteira entre o literário e o não literário) varia consideravelmente segundo as épocas e as culturas. Separada ou extraída das belas-letras, a literatura ocidental, na acepção moderna, aparece no século XIX, com o declínio do tradicional sistema de gêneros poéticos, perpetuado desde Aristóteles (...) Até então, a literatura, no sentido restrito (a arte poética), era o verso. (COMPAGNON, p. 31-32).

Dessa forma, fica claro que a literatura recebeu várias definições ao longo dos tempos. “O lexema *literatura* adquiriu os significados fundamentais que ainda hoje apresenta: uma arte particular, uma específica categoria de criação artística e um conjunto de textos resultantes desta atividade criadora”. (AGUIAR E SILVA, 2010, p.10). Passa, então, a ser trabalhada a prosa, a narrativa. A literatura serve a humanidade de várias formas. Uma delas é o alcance de representação de culturas de um povo ou de denúncias de atrocidades que geralmente não podem se ditas claramente na mídia ou em público. A obra *Vila dos Confins* foi escrita por um político-escritor, que, imerso no seu meio, teve que usar da literatura para denunciar as mazelas da política interiorana na primeira metade do século passado.

De forma bem trabalhada, a construção da narrativa conduz o leitor a um mundo ficcional que desnuda os problemas enfrentados em um Brasil com muitos problemas de infraestrutura, sociais e políticos. Em contrapartida, aparece também como ruptura das relações sociais. E essa difusão dos problemas sociais, políticos e de infraestrutura abordados na literatura de Palmério aparecem como função da mesma. Para Compagnon (2010, p. 36), “a literatura confirma um consenso, mas produz também a dissensão, o novo, a ruptura”. Nota-se dessa forma que em *Vila dos Confins* encontra-se uma ruptura muito grande com o consenso real daquele momento histórico em que o país realmente começava a viver de fato e de direito a democracia.

Em um país até então dominado pelas oligarquias latifundiárias é perceptível na trama de Palmério (1974) a apreensão histórica em que na disputa pelo poder político um coronel, título este conseguido através de conchavos eleitoreiros, tenha conseguido se eleger depois de muitas trapanças e artimanhas inerentes ao processo eleitoral. Coronel Francisco Belo, ou melhor, Coronel Chico Belo é dono de uma sesmaria na região dos confins e, à custa do poder sobre os trabalhadores rurais que dependiam de suas terras para sobreviver, chega ao comando político do recém-emancipado município ao vencer a eleição contra o candidato João Soares por apenas oito votos de diferença.

Mais do que uma simples disputa, é notável a intenção do narrador de contrapor um coronel dono de muitas terras e de um poderio de mandar e desmandar em órgãos governamentais através de sua relação com políticos do alto escalão contra um homem

simples, amigo das pessoas, mas sem nenhum poder financeiro para angariar votos, conforme exemplifica o excerto a seguir:

Eleição se ganha é com dinheiro e polícia. O senhor está vendo o estrago que o Alcindo anda aprontando na Coletoria. Aumenta e diminui os impostos à vontade: o Tinoco, coitado, vai ter de pagar quase o dobro pela chacrinha; seu Horácio, esse então já fala até em fechar a farmácia por causa do lançamento deste ano: de conto e pouco o imposto pulou para três e quinhentos! Se vier o tal de delegado militar, então é que a vaca vai mesmo para o brejo... Gente da roça tem medo de soldado, doutor. No dia da eleição, só aparecem para votar os eleitores deles [...]. (PALMÉRIO, 1974, p.27).

O poder econômico e a possibilidade de manipulação dos órgãos do município para promoção pessoal e em benefício próprio eram comuns aos coronéis no interior do Brasil em meados dos anos 50 do século XX. Fica clara a preocupação do adversário político ao ter conhecimento de que o opositor, Coronel Chico Belo já usava de poderes concedidos a ele mesmo antes de se eleger. Usufruindo de benesses provenientes de amigos detentores do poder em nível mais elevado, utilizava do mesmo para imprimir concessões aos prováveis adversários, aumentando o valor dos impostos e buscando apoio de delegado militar para fazer valer sua vontade. Sejam por meios financeiros ou repressivos, a busca do poder e vontade de se manter nele leva os indivíduos a cometer delitos e impor pressões de várias formas para a permanência no domínio e a manutenção do *status* de ser dominante. De forma sucinta, a literatura aborda esses temas, levando ao leitor a possibilidade de conhecimento e inserção histórica de como os fatos ocorridos em uma determinada época influenciam a vida e a forma de produção de verdades preestabelecidas de jargões muitos fáceis de encontrar ainda hoje no interior do país, principalmente onde famílias tradicionais ainda permanecem no domínio do poder local.

Famílias de baixo ou nenhum poder aquisitivo se submetem às imposições sofridas por grupos sociais privilegiados de forma a ajudar a mantê-los no poder. Indivíduos de tais grupos são pessoas que, provenientes de um mundo onde tiveram acesso à educação formal e detentores de conhecimento técnico ou científico, conseguiram se perpetuar nesse âmbito. Ocupavam cargos públicos, na maioria das vezes por indicação de uma pessoa influente. Porém, de maneira bem diferente, filhos e netos dos agregados ou meeiros desses latifúndios viveram sempre à mercê do que sobrava dessas famílias, como comida, roupas e até remédios. Obviamente que a literatura teve e tem papel fundamental no que diz respeito ao escancarar esse tipo de fato ao mundo dos leitores com interesse e acesso a esse tipo de texto.

A necessidade então de delimitação para discutir a divisão entre o que é literário e o não literário se faz necessário. Primeiro, para ter certeza de que o texto abordado se trata

realmente de texto literário e não necessariamente de apenas um conhecimento técnico ou científico de uma determinada área do saber. É importante explicitar a afirmação de que

Uma das características da obra literária é o tipo de conhecimento da realidade que ela transmite: conhecimento intuitivo e individual [...] o que caracteriza a obra literária é, em princípio, o seu conteúdo; esse conteúdo não se confunde com o das Ciências Humanas e Naturais (conhecimento racional e universal); e se é semelhante ao conteúdo do espírito do comum das pessoas, dele se distingue por ser fruto de uma intuição mais profunda e original da realidade. (AMORA, 2006, p. 51-52).

Nota-se, dessa forma, que a obra *Vila dos Confins* caracteriza-se perfeitamente dentro das concepções de literatura, pois o autor transcende a questão voltada para as ciências humanas ou naturais e aborda fatos relativos ao meio em que vive de “modo intuitivo” como diz Amora. Baseado no conhecimento diário da arte política, o autor da narrativa busca na intuição individual retratar os percalços de uma eleição no interior. Ele apresenta em um texto literário uma dinâmica de conhecimento profundo dos acontecimentos políticos que permeavam os municípios recém-criados no interior do país naquele momento. A forma como escreve o texto também é de fundamental importância para o entendimento do mesmo, seja pela forma, seja pela escolha lexical utilizada. A representação da fala de determinados personagens da narrativa demonstram bem que tal escolha não foi aleatória, mas sim de identificação com um determinado local do país.

— Minha vista anda que é uma barbaridade. E de uns tempos para cá, apanhei uma tremedeira na mão que não para mais quieta [...]
 — Sai da frente da luz menino! Me dá um copo de água, ô Cota. Qual... minha vista não presta mesmo mais não. Besteira teimar [...]
 — Este que é o tal de gê? Gostei dele: uma simpatia de letra! (PALMÉRIO, 1974, p. 64-65).

Nesse romance, fica evidente a intenção do autor de apresentar o regionalismo por meio de elementos linguísticos genuínos do interior do Brasil. A escolha de elementos linguísticos para exprimir fatos e acontecimentos é marca perceptível no mesmo. E se há intenção na escrita, obviamente o interesse é de impactar quem fará leitura da mesma. Mas a que público é destinado uma obra literária? Certamente não é muito fácil responder a esse questionamento, já que um grande número de pessoas terá acesso a esse escrito. Nota-se que o léxico usado na obra muitas vezes se aproxima da variedade linguística utilizada no interior do Estado de Minas Gerais quando o narrador utiliza o discurso direto ou indireto livre para representar falas das personagens.

1.4 O Povoamento do Sertão

Algumas figuras tiveram fundamental importância no processo de povoamento do espaço nacional. Assim como mostra o romance de Palmério, as pessoas, aos poucos, começaram a chegar a um novo lugar, o sertão. Nas palavras de Almeida (1999, p. 53), “Sertão designa, de modo geral em todo o Brasil, as regiões interioranas, de população relativamente rarefeita, onde vigoram costumes e padrões culturais ainda rústicos”.

Uma das figuras historicamente conhecidas que passou a habitar ali foi o caboclo, sujeito discriminado, sem muitas oportunidades e sem instrução formal de conhecimento. Quase sempre sem ter onde morar ou mesmo trabalhar, encostava-se às fazendas e construía ali seu rancho de paredes de taquara e coberto com folhas de coqueiro, ou mais comumente chamado de pau-a-pique. Também com um peso muito grande no povoamento desses espaços é a figura do garimpeiro que, assim como o caboclo, vivendo em busca do sonho de tornar-se rico ao garimpar uma boa pedra preciosa, perambulava pelo sertão de Minas Gerais, que não por outro motivo recebera esse nome em busca de riquezas minerais.

Assim, nota-se como o desbravador chega ao sertão e abre condições de habitação e sobrevivência em um espaço antes inabitável. E também o que traz de novo e como transforma o sertão. O ato de abrir a fazenda é também uma forma de alcançar novas oportunidades de forma a diversificar os rendimentos. As lavouras ofereciam um novo meio de renda e ainda agregava valor às terras já pertencidas pelo fazendeiro.

Mas as fazendas vão se abrindo, mais e mais, as lavouras jogam mato no chão, tomam conta das baixadas, esgotam varjões. Gado de cria povoa campos, arame farpado fecha os primeiros pastinhos de bezerro, aroeira em pé enquadra currais de bois. Gente de fora chega: povo de chapéu, uns até de botina. E vem machado e vem foice, laço, enxada e facão. Rancho, esse se faz de pau-a-pique rebocado a tabatinga, rancho de porta e janela, com horta-de-couve e chiqueiro. Povo e bicho de fora: galo músico, galinha garnisé, cachorro paqueiro, cachorro onceiro, cachorro veadeiro. O sertão toma ares. (PALMÉRIO, 1974, p. 125-126).

Há uma perceptiva mutação do espaço do interior que começa a ser desbravado e a dar uma outra formação ao que antes era apenas caatinga e mato. É a chegada da lavoura que traz mais riquezas e possibilidades de trabalho ao ser que até então está acostumado à lida com as pequenas atividades do dia a dia. As baixadas são locais onde geralmente se encontram boas terras para cultivo devido ao fato de que, quando das enchentes, as águas extras acumulam ali grande quantidade de nutrientes que ajudam na produção das mesmas. Mas também o gado começa a povoar esse local de forma a não apenas produzir leite e sim também carne, pois gado de cria já se fazia presente nas fazendas e na produção de capital.

Nota-se assim que, no sertão há lugar para tudo que possa levar o crescimento e a riqueza: para terras boas, as lavouras; para terras mais fracas como os campos, o gado de cria. Percebe-se assim uma transformação da natureza em cenário. Para Borges Filho (2007) é através da cultura que o homem modifica o espaço e o constrói à sua imagem e semelhança. Nesse sentido, o que era natureza, ou seja, aquilo que o homem não havia construído passa a ser um cenário, espaço modificado pela mão do ser humano.

Importante salientar que o que faz o sertão crescer é aquilo que vem de fora, ou seja, gente e bicho. Se se leva em conta que tanto o caboclo quanto o garimpeiro são forasteiros bem como os animais que começam a fazer parte dessa nova estrutura de Brasil é possível perceber que ambos tiveram suas parcelas de heroísmo nesse desbravar de terras alheias. Mas, o que leva a um debate mais profundo é o fato de que, assim como o Brasil foi povoado com diferentes etnias e pessoas vindas de várias partes do mundo, assim também ocorreu com o povoamento do sertão. E a forma como o ser vai transformando o sertão em lugar habitável na construção dos ranchos de pau-a-pique e organizando a vida em sociedade ao cultivar hortaliças no quintal do rancho para o próprio consumo. De acordo com o narrador “O Sertão toma ares”, ou seja, é perceptível aos olhos do narrador que o espaço rústico e hostil da caatinga e do cerrado se socializa e adquire um aspecto de sociedade. Mas o caboclo conta com a hospitalidade do dono da fazenda e busca de forma gentil e humilde uma aconchego na casa da fazenda.

— E o caboclo?

Assunta. Vigia o movimento. Um dia aparecem na sede da fazenda ele, a mulher, a filharada. O fazendeiro, a fazendeira, o povo chegante tem mesmo bom coração. Recebem a visita na cozinha, sem cerimônias, servem o docinho, um café. A caboclada volta contente uma sacada de agrados – toucinho, rapadura, um vidrinho de querosene, palmo e tanto de fumo de rolo, roupinha usada já, mas bem que serve ainda para tapar as vergonhas das meninas-mulheres, que, coitadinhas, estão numa penúria de dar dó. (PALMÉRIO, 1974, p. 126).

No texto de *Vila dos Confins* fica evidente o quanto a figura do caboclo é satirizada e o quanto o mesmo tem sua imagem menosprezada no romance de Palmério (1974). Assim como em fins dos anos 2000 lavouristas e fazendeiros do sul do Brasil desbravaram terras no centro-oeste e na atualidade implementam uma grande área de produção numa região denominada “MATOPIBA”, ou seja, um território com terras nos estado do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, também estes povoaram o sertão dos confins em Minas Gerais. Esses, o povo “chegante”, e não só do sul como de vários locais do Brasil, nas palavras do narrador da obra. O caboclo é visto e descrito na obra como um ser à parte, que não tem perspectivas e sem muita vontade de trabalhar ou progredir. Destaque-se que há

uma discussão acerca de como o mesmo se aproxima do dono da fazenda e consegue arrancar do proprietário um sentimento de dó.

Faz-se necessário também deixar claro o quanto a forma que o caboclo é definido tem uma discrepância com relação à forma como o mesmo é visto durante o pleito eleitoral. “Ler o quê? Escrever o quê? Mas agora é preciso: a eleição vem aí e o título de eleitor rende a estima do patrão, *a gente vira pessoa.*” (PALMÉRIO, 1974, p. 64, grifo nosso). No primeiro encontro na casa da sede da fazenda, como mostra a passagem anterior, o caboclo é recebido com carinho e atenção, porém, nesse trecho, ele mesmo destaca a sua verdadeira condição. Diz, por via da expressão em destaque, que naquela situação específica, tornara-se pessoa, mostrando que o fato é que antes dali é tratado e visto como se não o fosse. Desse modo, nos lembra da necessidade e busca do homem por mais humanidade, por dignidade, de ser visto e tratado como tal, de ser humano como realmente é.

A família está unida, mas apresenta uma pobreza de mexer com os sentimentos de qualquer pessoa que tenha um mínimo de senso de responsabilidade humana, entretanto, aqueles que visam unicamente o próprio benefício utilizam-se dos mais variados tipos agrados para ludibriar as pessoas mais humildes. O caboclo, figura presente em várias obras, não tem um estado de vida enraizado em princípios de trabalho e prosperidade. Assim como na realidade, essas famílias geralmente são muito carentes, vivem em verdadeiro e constante estado de penúria. Falta o básico como, por exemplo, roupas adequadas para as meninas que, nas palavras do narrador precisam “tapar as vergonhas”. Assim, nota-se ainda uma crítica ao caboclo como se este fosse se “amansando” e conquistando o dono das terras nas quais este se encontra instalado. Então,

[...] voltam no dia seguinte – marido, mulher, meninada. Mais presentes, mais agrados. O fazendeiro não incomoda, não – podem continuar morando nas terras. Até uma lavourinha de meia, se quiserem... E adianta ferramenta, adianta mantimento, adianta um dinheirinho.” (PALMÉRIO, 1974, p. 126).

Desse modo, como é perceptível na obra analisada, a figura do meeiro começa a aparecer. Na expressão “de meia” o texto revela uma figura que até meados do século passado era comum tanto na zona rural como em cidades interioranas de pequeno porte. O dono da fazenda fornece tudo que o trabalhador precisa para que este produza e parta na metade, como a própria palavra já diz, “à meia”. Com essa relação de intimidade entre ambos, muitos meeiros construíram patrimônio e criaram a família dentro de propriedades do tipo latifúndio. A forma como é apresentada a figura de fazendeiro e caboclo é colocada de tal forma que transparece a imagem de fazendeiro bondoso e humano. Porém, na sequência da narrativa, o

caboclo é apresentado como um ser incapaz de prosperar e mal-agradecido. Para o narrador de *Vila dos Confins*, o caboclo não produzia e ainda colocava defeito em tudo que o patrão proporcionava. Isso depois que recebera tudo para o trabalho: semente, mantimentos para a subsistência da família e as ferramentas para a execução do trabalho.

Que o quê! Todo santo dia é dia santo, e a dor no encontro não o deixa. E o cupim é por demais, nunca se viu tanta praga assim no terreno, a semente que o fazendeiro forneceu foi semente bichada, sem prestanta. Benzeção pouco adianta: nasce nada, cresce nada. Só mato. (PALMÉRIO, 1974, p. 126).

Não só na obra *Vila dos Confins* como em outras obras literárias no contexto nacional a figura do caboclo é satirizada e marginalizada de forma que este é apresentado no contexto nacional como um ser à parte da sociedade ou necessariamente como um indivíduo desvalorizado, uma “praga”. “E, se o caboclo pelado já é a praga das maiores, caboclo de foice, machado e enxadão vira pai e mãe de todas as pragas.” (PALMÉRIO, 1974, p. 126). Esse é o adjetivo utilizado pelo narrador da obra para atribuir a essa figura presente na sociedade brasileira e definir sua participação no contexto histórico-nacional. Leve-se em consideração que também o garimpeiro é uma figura presente na obra, e tão satirizado quanto o caboclo, é apresentado como um ser mundano, sem rumos, que desbarata pelo mundo afora povoando beiras de rios com potencial para garimpo e formando corrutelas de ranchos, os quais também contribuíram, mais tarde, para a formação de vilas e cidades pelo interior do Brasil. Cidades históricas como Estrela do Sul, com o garimpo às margens do Rio Bagagem ou necessariamente Abadia dos Dourados, às margens do Rio Dourados, ambas nos Estado de Minas Gerais, tiveram um início de formação baseados nestes pilares. Antes de receber o nome de Abadia dos Dourados, a localidade recebera o nome de Arraial dos Ranchos e Arraial do Garimpo.

O texto de *Vila dos Confins* é enfático no sentido de que tanto o caboclo quanto o garimpeiro tiveram fundamental participação tanto no processo de formação do recém-emancipado município quanto no povoamento desses espaços descritos na obra. A forma como o caboclo aponta na propriedade com um ar de pobreza e miséria e como ele faz para ficar e edificar residência na propriedade de um latifundiário é apresentada de modo crítico pelo narrador. E mesmo sem ter uma grande serventia para a sociedade em si no ponto de vista do narrador da obra, em época de pleito eleitoral este se torna “gente” e passa a ter uma preciosidade nas mãos: o direito de votar. Isso também acontece com o garimpeiro que é submetido ao dono do garimpo e que, se tiver com os documentos organizados, rende muitos votos no pleito porque é fácil de agradar.

Na sequência da narrativa, que se passa no interior de Minas Gerais, mais precisamente no sertão dos confins apresenta o caboclo como um ser que não é bem visto por estes espaços. Se se leva em consideração que há a citação de espaços reais na narrativa, como por exemplo, a referência à cidade de Uberaba, há que se considerar que a visão do protagonista com relação ao mesmo, a frequência deste nas fazendas e o povoamento do garimpeiro nas zonas de extração apresentam verossimilhança a fatos da realidade. A esse tipo de representação do espaço na obra literária, Borges Filho chama de realista. Assim,

O **espaço realista** é aquele que se aproxima o máximo da realidade do público. Nesse caso, o narrador se vale de citações e descrições de lugares existentes. Ele cita prédios, ruas, praças, etc. que são co-referenciais ao leitor real. Esse tipo de espaço sempre esteve presente na literatura e tem como um de seus principais efeitos de sentido o de dar verossimilhança à obra literária. (BORGES FILHO, 2015, p. 20, grifos do autor).

Portanto, autor e protagonista da obra são respectivamente políticos, ambos em esfera federal de forma a supor que em tais situações a vivência de ambos tenha sido levada da realidade para ilustrar fatos ou propriamente fazer denúncias contextualizadas a partir de uma obra literária. A narração da chegada do garrote Lontra na cidade de Uberaba apresenta uma referência da Estação de Trem e o nome de uma rua da cidade triangulina. “E, quando o bezerro guzerá chegou à *estação da Mogiana*, chegou de trem-especial, importante que nem político do governo. E desceu a *rua do Comércio* a pé, puxado pelo dono, banda de música na frente...” (PALMÉRIO, 1974, p. 95. Grifo nosso). Verifica-se nesse contexto que a utilização de locais reais na cidade conhecida nacionalmente pela fama do gado zebu contribui de maneira precisa para um efeito de verossimilhança entre ficção e realidade.

1.5 Memória e Identidade em Vila dos Confins

Estudar a memória e a identidade de um povo condiz com a sequência de como os fatos aconteceram e para que curso caminham. Nesse sentido, faz-se importante uma abordagem desses temas cujas teorias serão aplicadas na obra em questão. De uma forma bastante complexa há que se ressaltar que a memória e identidade de um povo têm referenciais muito diversos e relação direta uma com a outra. É importante levar em consideração que o texto de *Vila dos Confins* tem características de regionalismo, ou melhor, é uma literatura regionalista que aborda questões pontuais do interior do país. Partindo do princípio de que a obra trata da primeira eleição em um município recém-emancipado, a questão de como fica a memória e a identidade desse povo é questionável, pois ainda não

estão vinculados a um município emancipado. Sua memória e identificação são provenientes de outro município, que então já não faz mais parte da sua vivência diária.

Essa questão torna-se, portanto, alvo para debate em torno desses temas, por conta desse modo de identificação e das memórias específicas de um novo lugar.

Podemos encontrar na imprensa ou ainda na literatura de valorização do patrimônio inúmeros exemplos desses enunciados evocando a “memória coletiva” de uma aldeia ou cidade, de uma região, de uma província etc., enunciados que geralmente acompanham a valorização de uma identidade local. (CANDAUI, 2014, p. 25).

O que leva a um debate um tanto quanto mais aberto com relação a esses temas empregados no contexto da obra em estudo é o fato de que os cidadãos de Vila dos Confins, local esse que era apenas distrito de outra cidade, passam a ter uma nova visão de partícipes em uma sociedade em comum na qual têm acesso à cultura específica de tal lugar. Quando o município consegue sua emancipação, ele sofre, juntamente com os munícipes, uma mutação no sentido de como lidar com a identidade. Se antes de tal acontecimento o morador da localidade era brasileiro, mineiro e com o gentílico de outra cidade, a partir de então este se torna brasileiro, mineiro e *confinense*, ou seja, a referência de município e de bandeira, que também é um símbolo, muda. A identidade local passa a vigorar e manter um status de civilidade para com o mesmo. A prefeitura e a câmara municipal em funcionamento fornecem ao seu concidadão a possibilidade de amar e idolatrar suas demarcações, bem como tudo o que é produzido naquele local através do brasão estampado na bandeira e mais necessariamente de defender em todos os sentidos o município que habita.

Cada ser que já habita o local ou aquele recém-chegado, como é o caso do fazendeiro que o texto trata de “chegante” sofrem uma mutação nos valores identitários bem como culturais, e estes por sua vez, têm muita relação com a memória. O caboclo que faz morada na fazenda e aos poucos vai se ambientando naquele espaço começa assim também a fazer parte do município e colocar em prática os valores que este prega e defende. O garimpeiro, quando chega e se instala numa região de garimpo, mesmo em condições precárias de trabalho quanto de vida, fixa moradia no entorno e passa a ser cidadão de tal lugar. Nesse sentido, há uma mistura de conhecimento e vivências que vão construindo as bases culturais de determinado local como dando vida a uma nova forma de identificação, ou seja, criando novas identidades.

Na formação de um município muitas coisas são levadas em consideração. Inclusive, implica, necessariamente, mudanças de comportamento e a aplicabilidade de modelos culturais diversos na criação da nova unidade, no que diz respeito à identidade e

também à memória de um povo. Mas tratar do tema da identidade direcionado a apenas um grupo é um tanto quanto mais difícil, como bem lembra Joel Candau:

Aplicada a um grupo a complexidade aumenta. Passemos ao fato de que, nesse caso, o termo “identidade” é impróprio porque ele nunca pode designar com rigor uma “recorrência”: em um momento preciso de uma observação um indivíduo é idêntico a ele mesmo, mas duas pessoas – mesmo que se trate de gêmeos – jamais são idênticas. (CANDAU, 2014, p. 25).

Pode-se analisar então que, assim, o que identifica ou faz com que um ser tenha identificação com um determinado lugar em um determinado espaço são necessariamente o conjunto de aquisições, conhecimentos e experimentação do que é estranho a esse ser. E a partir dessas práticas, um conglomerado vai se constituindo no seio dessa sociedade de tal forma que com o passar dos anos e a vinda de novas gerações o que era inicialmente uma junção de representações culturais de povos com experiências e vivências diferentes transforma-se em um ato cultural de um povo específico. Por isso, faz-se necessária a verificação de até onde vai o fator memória de um povo. Os habitantes que povoam um lugar, em sua primeira geração, trazem consigo dados, crenças, práticas culturais provenientes de outros espaços e possivelmente de outras formas de coabitar determinado lugar. Já as gerações seguintes criam e consolidam suas representações culturais naquele determinado espaço.

Vila dos Confins é o relato literário típico do que acontecia com vários lugarejos do interior de Minas e do Brasil no momento histórico em que foi escrito. A necessidade de emancipação se aguçava e de forma bastante truculenta se criavam municípios. Mas uma questão muito importante com relação à memória de um povo apresentava-se como um problema a ser solucionado. Como manter a memória de um povo que a partir de um decreto governamental deixa de pertencer a um município maior e passa a ter *vida própria*. E é nessa perspectiva que o tema memória será abordado dentro dessa temática na Obra de Palmério. Assim,

O ponto de origem não é suficiente para que a memória possa organizar as representações identitárias. É preciso ainda um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências, que são os acontecimentos. Um tempo vazio de acontecimentos, cuja maior ou menor densidade permite distinguir os “períodos” e as “épocas”, é um tempo vazio de lembranças. (CANDAU, 2014, p. 98).

Faz-se necessário uma abordagem mais geral com relação ao tema tanto da identidade quanto da memória. É bom salientar que, nas palavras do narrador, o município de Vila dos Confins nasce de um interesse político de expansão da política pelo interior do país.

Esse pode ser o acontecimento de que fala Candau (2014) quando aborda a questão de que para haver uma mudança nos critérios de memorização de fatos pertencentes a uma pessoa ou grupo de pessoas é necessário que ocorra um tempo vazio de acontecimento. Pode-se, então, entender esse espaço vazio de tempo no período eleitoral quando, de forma bem marcada, a população tinha a oportunidade de identificação com eventos e acontecimentos ocorridos naquele espaço.

E com certeza o acontecimento político, inédito no município recém-emancipado, deixaria marcas profundas em todos aqueles direta ou indiretamente envolvidos no processo. Diferentemente dos centros maiores de convivência social, no interior acontecia muito pouca coisa que fizesse prender a atenção e mexer com os sentimentos de toda uma população. Os pleitos eleitorais em cidades com um número pequeno de habitantes são assim até os dias atuais. Ficam marcados na vida de cada cidadão os acontecimentos em um determinado período de tempo, o que hoje acontece a cada quatro anos nesses lugares esquecidos. Famílias divididas, sonhos realizados ou perdidos e muitas lembranças e memórias desses acontecimentos. Voltando à Vila dos Confins, há que se ressaltar que o acontecimento político marcou profundamente toda a população do município.

O que faz com que uma comunidade se mantenha viva são as possibilidades de conduzir os atos e fatos memoriais na sociedade em que são inseridas. Mas memória, antes de ser um ato coletivo, é também um ato social. A primeira eleição marcou de forma profunda o sertão dos Confins. “Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (HALBWACHS, 1990, p. 132). E esse fato social desencadeia uma série de possibilidades do que é interessante e conveniente atribuir a um grupo como aquilo que fica na memória de um povo.

Certamente os acontecimentos excepcionais também têm lugar nesse quando espacial, mas porque na ocasião certa o grupo tomou consciência com mais intensidade daquilo que ele era desde há muito tempo e até este momento, e porque os vínculos que o ligavam ao lugar se tornaram mais claros (...) Porém, um acontecimento realmente grave sempre causa uma mudança nas relações do grupo com o lugar (...) A partir desse momento, não será mais exatamente o mesmo grupo, nem a mesma memória coletiva; mas, ao mesmo tempo, o ambiente material não mais será o mesmo. (HALBWACHS, 1990, p. 133-134).

Nesse aspecto, a tomada de partido na eleição de Vila dos Confins marca uma divisão dentro do contexto político e social do município. Os correligionários e companheiros políticos de um grupo não frequentam com a mesma harmonia ou assiduidade um local dominado pelo grupo adversário. Por isso, Halbwachs menciona que o ambiente não será o

mesmo para tais seres que habitam o espaço mencionado. O que interessa questionar é a forma que essa memória está sendo transmitida de geração em geração. Há que se ressaltar que a escrita revolucionou a questão da memória na sociedade de forma que a mesma consegue marcar o território e permanecer de forma *imutável* ao longo dos tempos. Candau trata de pequenas comunidades em que a transmissão da cultura e da memória acontecem de forma oral. Para o estudioso,

Excetuando o caso de pequenas comunidades nas quais a transmissão oral é suficiente para impregnar o indivíduo de sua tradição cultural, e se abstraímos os múltiplos processos protomemoriais que, em todas as sociedades, podem prescindir de escritos, a escrita – e mais ainda o impresso – permitiu, sem dúvida, a socialização da memória e a possibilidade de estocagem de informações cujo caráter fixo pode fornecer referenciais coletivos de maneira bem mais eficaz que a transmissão oral. (CANDAU, 2014, p. 108).

O que o teórico chama de socialização da memória pode ser entendido como a transmissão de fatos ocorridos em uma determinada comunidade através de referenciais que norteiam e marcam um determinado tempo e espaço. A partir de uma análise espacial na comunidade fictícia de Vila dos Confins é perceptível que a luta política pelo poder na região constitui um fato marcante na memória de tal sociedade até então acostumada a vivenciar e internalizar proposições e acontecimentos de outros povos e outras comunidades. Esses fatos fazem com que a tradição cultural dos cidadãos do recém-emancipado município seja abstraída a partir de um momento histórico, a saber, a eleição, e transforme a socialização da memória desse mesmo povo. Passa, assim, a proceder a uma socialização memorial direcionando o fato de que como essa comunidade do interior do Brasil armazene em seus documentos os acontecimentos ocorridos no local. Se se leva em consideração que os livros de registro dos cartórios de registro civil ou dos cartórios eleitorais com a contabilização dos dados da eleição perceber-se-á que funcionam como meio de manter a história e a memória vivas.

Entende-se, dessa maneira, que a escrita contribuiu muito para que a memória de comunidades esquecidas pudessem estocar os vestígios e as marcas de acontecimentos ocorridos ou num passado mais remoto ou muito distante fazendo com que as reminiscências internalizadas de um povo possam perpetuar e criar oportunidade das gerações seguintes ter contato com fatos marcantes em um determinado local.

Abre ainda uma perspectiva de abordagem direta com as questões da identidade. De acordo com Silva (2008 p. 76), além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são resultado de atos de criação linguística.

Através de atos de fala ou escritas é que a produção da identidade vai acontecendo de forma a cristalizar na diferença. Assim, na obra *Vila dos Confins*, fica evidente esse marcador a partir da seguinte questão: se um eleitor apoia abertamente o Coronel Chico Belo, logo será impossível apoiar também João Soares. Aplique-se a essa questão também a mudança causada no município, ou seja, deixa de pertencer a um polo maior e mais importante, seja político ou econômico, e passa a figurar como centro comercial e político. Os interesses aumentam em ambos os sentidos. Daí a necessidade de marcar território e dominar todas as formas de poder existentes nesse espaço.

Claramente nota-se nesse princípio que a identidade é marcada pela diferença. Todavia, para que elas existam,

A identidade e a diferença tem que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2008, p. 76).

E são os atos sociais que fazem com que a cultura seja ativada e produzida tanto a memória quanto a identidade. Deve-se levar em consideração que são as pessoas nos afazeres do dia a dia que constantemente mudam o ambiente em que vivem e produzem suas mais variadas formas de expressão cultural, fazendo com que dessa forma aquilo que mais importa ou marca seja sempre lembrada ou rememorada. É bom salientar ainda que se um fato marcante acontece nesse determinado local, mas não interessa aos detentores do poder lembrá-lo, o mesmo cairá fortemente no esquecimento. Se se buscar o motivo pelo qual a ditadura militar no Brasil “sumiu” com vários corpos de pessoas torturadas até a morte, aí está uma das causas. Notar-se-á que mesmo sendo um episódio triste e marcante na história do país, os executores da referida atrocidade, tal como aconteceu nos campos de concentração na segunda guerra mundial, fazem questão de sumir com os vestígios da barbárie. Ao contrário, essas provas sobre os fatos acontecidos podem também ser transformadas em relíquias da memória se estão em posse de quem quer que seja e interessa divulgá-los no intuito de externar a toda comunidade sua história e cultura.

A questão da produção da identidade está diretamente ligada à questão do poder. Quem administra uma determinada parcela da sociedade ou exerce qualquer forma de poder sobre ela está o tempo todo, voluntária ou involuntariamente, contribuindo para a formação de uma identidade. As relações sociais são marcos diferenciais para que se perceba até que ponto a definição de identidade e diferença se entrecruza e se mistura no processo de criação de um rótulo identitário. Dessa forma,

Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí estar presente o poder: A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais, eles são anormais”). (SILVA, 2008, p. 81-82)

O exercício do poder acontece de forma a direcionar o caminho dos acontecimentos na perpetuação de uma forma de agir ou pensar. Se for pensado de que forma a diferenciação marca a produção da identidade é necessário afirmar que os habitantes de uma determinada comunidade têm maior propensão em querer fazer parte de um grupo vencedor ou que, pelo menos, que detém o poder regional no caso de uma disputa eleitoral em um município recém-emancipado. É possível notar que, assim como o narrador de *Vila dos Confins* aborda a questão do “nós” e do “eles” no que diz respeito à opção pelo voto em um dos concorrentes no pleito eleitoral da cidade fictícia, isso pode desencadear uma série de marcas daquilo que se chamou de inclusão e exclusão. A saber: há nessa abordagem uma classificação do eleitorado e conseqüentemente das famílias do local. Na visão do deputado Paulo Santos, padrinho político de João Soares, o “ele” é quem vota no candidato da oposição, o coronel Chico Belo, os “bons” de um lado e os “maus” do outro lado.

De uma maneira mais acentuada será desencadeada uma forma de produção de diferenças para que se firme a identificação de parcelas da sociedade a um grupo, a uma cidade, a uma região ou até mesmo a um país. O que se depreende disso é poder afirmar que as identidades, assim como foi percebido na discussão sobre a identificação (ou a falta de identificação) de um povo com uma determinada cultura após emancipação política de um município, são mutáveis. Mudam de opinião de acordo com o interesse daqueles que exercem uma forma de poder sobre os demais.

1.5.1 A Percepção da Realidade na Obra de Ficção

Transmitida de forma oral ou imagética, a literatura há muito tempo instiga e emociona públicos leitores e até mesmo não leitores. Ela tem muitas funções, mas ressalte-se nesse contexto que a obra *Vila dos Confins* denuncia mazelas existentes no seio da sociedade brasileira no início da segunda metade do século XX. Se levada em consideração a época em que foi escrita, ficará mais latente a questão de como o autor tinha clara a consciência política do jogo de poder que corroía a democracia no Brasil, principalmente o que diz respeito às

falcatruas e jogadas eleitoreiras para se chegar ao poder em um município no interior do país, principalmente um recém-emancipado. É preciso entender que a literatura vai muito além de narrações fictícias ou poéticas, chegando a um engajamento universal voltado para as questões sociais e culturais de uma determinada sociedade, mas também de muitas outras.

De forma contextualizada a literatura também incide sobre as questões da memória e da identidade, visto que serve de base memorial para que fatos abordados em uma obra permaneçam no tempo e chegue a gerações futuras, contribuindo para que formas e expressões culturais sejam protegidas e não desapareçam. Na obra *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (2006), Antonio Candido mostra que a partir da literatura é possível criar-se uma identidade nacional, de modo que, conforme escreve o estudioso, a obra literária “contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional” (CANDIDO, 2006, p. 20). Ainda para Candido, a literatura é artifício identificador, sobretudo porque traz elementos sociais e culturais. Por meio da linguagem, das imagens e temas, forma-se “um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase” (CANDIDO, 2006, p. 23). A identificação de um povo com suas formas de expressão cultural e o reconhecimento de seus ancestrais faz com que o respeito dedicado a uma determinada comunidade se fortaleça e se fixe. A obra em foco trata das questões cotidianas de uma comunidade no interior do Brasil, mais precisamente do sertão de Minas Gerais, assim, as abordagens feitas sobre as teorias da literatura, memória e identidade são de fundamental importância para que se conheça e entenda o texto.

Ressalte-se que Mário Palmério foi também deputado federal e percorreu um espaço muito parecido com o mencionado na obra e isso leva a crer que os fatos abordados possam refletir aquilo que o escritor-político tenha vivido nas suas andanças nas campanhas políticas. Pelo que se verificam atualmente em municípios pequenos no interior do país, questões importantes como o processo eleitoral, artimanhas e conchavos políticos ainda permanecem muito semelhantes com os fatos narrados em *Vila dos Confins* (1974).

CAPÍTULO II

O SER FICTÍCO E A HABITAÇÃO: POSSÍVEIS RELAÇÕES

2.1 As Casas em Vila dos Confins

A casa é então um instrumento de Topoanálise. É um instrumento eficaz precisamente porque de uso difícil. Em suma, a discussão de nossas teses é levada a um terreno que nos é desfavorável. Com efeito, a casa é, à primeira vista, um objeto rigidamente geométrico. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua realidade inicial é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vidas bem encaixadas. A linha reta predomina. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. (BACHELARD, 2008, p. 63).

A casa é um espaço que requer muita atenção em qualquer obra literária. Se levado em conta que a mesma apresenta vários aspectos para estudos e contribui para que sejam analisadas questões como a situação psicológica das personagens, faz-se necessário um aprofundamento sobre o que esse espaço representa na obra *Vila dos Confins*. Saber de que modo e em que lugar as personagens habitam ou se situam é importante, pois como assinala DaMatta (2000, p. 29):

O espaço é como o ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida. Para sentir o ar é preciso situar-se, meter-se numa certa perspectiva. No avião sabemos que o ar existe não só como coisa inefável, mas como força e densidade, já que é ele quem sustenta o aeroplano de várias toneladas que nos conduz em viagem rápida para onde desejamos. Do mesmo modo, para que se possa “ver” e “sentir” o espaço, torna-se necessário situar-se.

Percebem-se, ao longo do texto, algumas casas que implicam uma construção definida na trama elaborada por Palmério. A casa/venda do Senhor Jorge Abdala, mais conhecido como Jorge Turco, a casa da fazenda do Boi Solto, a casa da localidade do Carrapato onde o Deputado tem um mal-estar e descobre que está com maleita⁸ e a casa de Gerônimo, onde o balseiro mora com a esposa, a filha Ritinha e o filho Totonho. A origem de Jorge Turco, estrangeiro que se instalara no Brasil, mais precisamente no interior de Minas, é desconhecida, como exemplifica a próxima citação: “[...] estranho tipo, o Jorge Turco. De onde teria vindo, que motivos teriam dado com aquele sírio, já velhusco e entretanto ainda solteirão, à beira do Urucanã, pelos perdidos ermos dos Confins?” (PALMÉRIO, 1974, p. 23).

⁸ O mesmo que malária – Segundo o dicionário Houaiss, doença aguda ou crônica causada pela presença de parasitos do gên. Plasmodium nos glóbulos vermelhos do sangue; é transmitida de pessoa infectada a pessoa não infectada pela mordida de mosquitos do gên. Anopheles e caracteriza-se por acessos periódicos de calafrios e febre que coincidem com a destruição maciça de hemácias.

Os móveis dentro da habitação são também passíveis de estudos e suas colocações bem como o estado em que se encontram podem definir ou contrastar com a personagem ou personagens que habitam ou frequentam uma determinada casa ou cômodo da mesma, denotando graus diferentes de estados psicológicos, situação econômica, aspectos da personalidade, dentre outros.

2.2 A Casa e a Venda de Jorge Turco

A casa do comerciante sírio apelidado de Turco é um misto de residência e comércio. Era comum na metade do século XX, no interior do Brasil, que as edificações recebessem improvisos. Ainda não havia muitas condições para expansão e crescimento de seus cômodos, então muitos comércios eram utilizados também como residência. Com uma idade já avançada e ainda solteiro, o Senhor Jorge Turco tem fama de ser muito preocupado com as finanças e não gastar dinheiro à toa. Porém, quando o assunto é política, até os mais preocupados em guardar dinheiro e ter economias ajudam no caixa de campanha. Homem de negócios e também de cultura é a figura do Sírio que se radicou no Brasil. Apenas uma pessoa com nível cultural elevado podia trazer consigo livros naquele contexto. E pela descrição da casa do mesmo isso fica claro. Segundo o narrador,

Ali, na encardida bruaca de couro cru, os livros: esquecidos hoje, dentro da mala-boas obras, via-se pela encadernação e riqueza das gravuras, e pelo jeito sério que apresentavam. Jeito só, que as páginas em árabe, eram incompreensíveis, um garatujado esquisito, macega impenetrável e misteriosa. (PALMÉRIO, 1974, p. 23-24).

A forma como estão dispostos os livros dentro da casa do Senhor Jorge turco tem uma influência muito significativa em seus hábitos. Fica claro que ele, morando em um lugar quase esquecido do mundo, perdera o entusiasmo pela leitura. Os livros não se encontram em uma estante, como comumente poderiam ser encontrados num escritório ou em sua residência na Síria, mas sim em uma bruaca, mala feita de couro de animal, mais precisamente de couro de bovinos. A riqueza das obras trazidas pelo comerciante apresentava uma grande quantidade de detalhes como gravuras e belas encadernações, o que provavelmente não era comum nos poucos livros encontrados naquela região do país. Mas, mais uma vez a origem do velhote era questionada. O motivo era a escrita dos livros não ser em português, língua materna do Brasil, mas em árabe.

Ao tratar os textos como “garatujado esquisito” nota-se que a língua é desconhecida pelo Deputado e que, por isso, há algo de misterioso nas páginas de tais livros. E fica ainda mais claro quando utiliza das palavras “macega impenetrável e misteriosa” para tratar da disposição em que os textos eram organizados no interior dos livros. A dúvida sobre a origem do comerciante ou necessariamente do quê o levara até o sertão dos confins era latente na ideia do narrador. Assim, como os livros se encontram jogados pelos cantos da casa e com outras serventias, que não eram mais para leitura, mas de suporte para algum objeto ou tampa para outros. No entanto, nas primeiras viagens do Deputado à Vila dos Confins, os livros apresentavam-se como se fossem lidos. Eram deixados sobre a mesa da cozinha como se fizessem alimento à alma junto ao alimento do corpo. Eram encontrados também no quarto e embaixo da gaiola que aprisionava o sofrê e filhotes de pássaro-preto, pássaros que eram tratados com papas de angu. Para o narrador, além dos livros, uma luneta também chama a atenção na casa do comerciante. Como já não usava mais os livros, pelo menos a luneta tinha o ar de que era usada. Objetos que não são muito frequentes no sertão aparecem na casa de Jorge Turco e propiciam uma instigação ao pensamento do leitor pelos espaços da casa onde se encontram e completam a sua caracterização como personagem.

Esses objetos dispersos pela casa podem dar a impressão de como seria a morada de um homem que veio de outro continente habitar em terras brasileiras. É evidente que Jorge Turco tinha deixado de lado os livros e a luneta, conforme mostra a descrição de como se encontravam em sua casa. Podem revelar também um estado de alma do sírio, que por não estar mais crendo naquilo que os livros ou a luneta poderiam significar para ele, os tenha abandonado. Assim, Bachelard (2008, p. 84) afirma que “toda grande imagem simples revela um estado de alma. A casa, mais ainda que a paisagem, é ‘um estado de alma’. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, ela fala de uma intimidade”. Nesse sentido, nota-se que a casa de Jorge Turco, com o passar do tempo, perdeu a organização e a harmonia, assim como os objetos da mesma foram aos poucos perdendo o valor.

Percebe-se, dessa forma, que

A casa adquire as energias físicas e morais de um corpo humano. Ela curva as costas sobre o aguaceiro, retesa os rins. Sob as rajadas, dobra-se quando é preciso dobrar-se, segura de poder endireitar-se de novo no momento certo, desmentindo sempre as derrotas passageiras... Contra tudo e contra todos, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo. O problema não é somente um problema do ser, é um problema de energia e, conseqüentemente, de contra-energia. (BACHELARD, 2008, p. 62).

Por isso, a casa adquire sentidos e sentimentos comparados aos que os seres humanos são desafiados a experimentar. Mas a casa, além de apresentar inter-relações em seu âmago simbólico e concreto, no imaginário popular pode estar ligada também ao seu lado externo. DaMatta escreve sobre essa diversidade de interpretações:

Metáforas e símbolos onde a casa é contrastada com a rua são, pois, abundantes numa sociedade onde casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais (como é o caso da família norte-americana) e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira. (DAMATTA, 2000, p. 52).

No que se refere a essa dialética, Roberto DaMatta contrapõe a casa com a rua instaurando conjecturas, e a partir desse embate enfatiza o lugar social, a ideologia, valores e ações presentes na sociedade brasileira que podem coexistir a partir desses locais. Assim como na realidade o ser humano situa-se e faz de sua morada seu local social de referência, assim também faz a personagem na obra literária. No fragmento da obra *corpus* supracitado, se, por ventura, os livros estivessem bem arrumados em uma estante ou desempenhassem a posição de propiciadores de conhecimento, ou ainda aparentassem a intelectualidade do proprietário, não seriam descritos como largados em qualquer canto. Mas ainda há um agravante maior: são utilizados para desempenhar funções que não são comuns a eles como, por exemplo, servir de tampa para algum caixote.

Independente do lugar onde habita, o homem tem a necessidade de se afirmar diante do espaço. Embora tenha vindo de muito longe, o comerciante elege um espaço com muitas dificuldades e que ainda tem que ser desbravado. É importante ressaltar que, de uma forma clara e precisa, nota-se a falta de entusiasmo do dono da casa/venda com as leituras, mas também que ele observa fixamente o lugar e que sua maior preocupação é com os negócios no comércio. E, se essa atividade rendia lucros ao proprietário, era vista como ponto positivo pelo deputado Paulo Santos. Motivo disso é que a campanha precisaria de um caixa para custear as despesas. Se pleito eleitoral em município recém-emancipado era difícil, sem recursos financeiros, ainda seria pior.

Cumpramos ressaltar que há outros compartimentos da casa/venda a serem analisados, dentre eles, o banheiro. Esse espaço tinha suas peculiaridades, apenas tinha serventia de resguardar o banho. Assim como era comum nas casas do sertão, no interior, mais necessariamente onde o saneamento não havia sido implementado, esse cômodo era uma pequena construção conhecida como “casinha”, instalada à parte, geralmente nos fundos da

casa grande. Como não havia eletricidade no local, possuía apenas um chuveiro de balde, no qual era colocada a água que era previamente aquecida na fornalha.

Além disso, chama a atenção o percurso necessário para se chegar até esse banheiro, conforme figura a citação a seguir: “Passou pela cozinha, atravessou correndo o quintal até o chuveiro – desajeitado chalezinho de adobo sem reboco. Mal conseguiu meter-se ali dentro”. (PALMÉRIO, 1974, p. 29). Pela trajetória feita pela personagem, é possível notar que a casa tem espaços fartos e abrangentes e o quanto esse percurso espacial conduz os fatos da narrativa. Em contrapartida a “casinha” é um espaço bastante simples e pequeno, sem reboco e feito de adobo ou, como cognomina o *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2009), de adobe⁹. Se era restrito o banheiro onde o Deputado Paulo Santos tomava seu banho matinal e se o banho exigia técnica, mais apertada e delicada era a situação que colocara os companheiros diante do quadro político municipal. Plantara a semente do sonho de vencer a eleição, entretanto, o prazo e recursos financeiros estavam escassos.

A venda do Jorge Turco nesse contexto já se transformara em um birô¹⁰ do partido União Cívica. Local onde os correligionários se encontravam para conversar e traçar estratégias para o pleito municipal que se aproximava. Porém, como comércio é um local em que todas as pessoas podem frequentar, nem todos que compareciam por lá eram realmente companheiros daquela luta política e tinham seus interesses próprios, muitas vezes opostos à maioria. Mas para os companheiros, a casa/venda também servia de pouso e local para se alimentarem.

Até que enfim a Ambrosina apareceu, chamando para o almoço. Onze horas, quase! Nem todos, porém, aceitaram o convite do Jorge Turco. Mas aos que saíam João Soares avisava:

— Às quatro horas aqui na venda. Quero ver se amanhã bem de madrugada boto o deputado na estrada para conversar com o Néelson e o Neca Lourenço. Quatro horas da tarde, por favor! Precisamos deixar um eito de assuntos resolvidos hoje (PALMÉRIO, 1974, p. 34).

Assim, a casa/venda/birô transforma-se em um local estratégico para a organização da campanha de modo a ser conduzido ali tudo que há de mais importante sobre a eleição. Ressalte-se ainda que a venda encontra-se dentro da currutela¹¹ e mostrar-se-á como um espaço de acontecimentos fortes durante toda a narrativa. Acontecem ali as reuniões

⁹ “Tijolo grande de argila, seco ou cozido ao sol, às vezes acrescido de palha ou capim, para torná-lo mais resistente” (HOUAISS, 2009).

¹⁰ “Local que serve de escritório ou gabinete, onde se realizam reuniões e/ou assembleias.” (HOUAISS, 2009). Também é conhecido como comitê político.

¹¹ Nome que se dá a pequenos vilarejos, que se localizam geralmente à beira de estradas, em locais isolados, fora das cidades, comumente utilizado na narrativa em estudo.

políticas, de amigos e serve como ponto de discussão para vários assuntos que cercam e interessam aos seus moradores.

2.3 A Venda do Fiíco

Como de costume em tudo que se trata de política, se a venda do Jorge Turco era o “quartel general” do Deputado Paulo Santos e do partido União Cívica, a venda do Seu Fiíco funcionava quase com o mesmo sentido. Mas a venda guarda muitos segredos e é o espaço em que ocorre também o ato final da narrativa quando do encontro do mascate Xixi Piriá e o capanga da família Belo, o Filipão. Porém, com uma diferença: se o Jorge Turco era amigo do apoiador maior da campanha de João Soares, como é possível ler em Palmério (1974, p. 261), “Fiíco, o dono da venda, também tido e havido como eleitor de cabresto do fazendeiro do Brejal”. O mascate vinha da Fazenda do Boi Solto onde deixara os amigos para seguir seu destino. Seu Sebastião, dono da fazenda, que tanto lhe queria bem e o tratava como pessoa da família assim como sua filha, a bela e misteriosa Maria da Penha, sempre o acolheu em sua residência.

O estado psicológico do mascate não era dos melhores. Estava triste por vários motivos e o principal deles era a perda da eleição. Se o sertão é triste durante o período da seca, a situação se inverte durante a chegada das chuvas e nesse sentido, o espaço contrasta com o estado de espírito do pequeno mascate. Borges Filho (2007, p. 41) afirma que quando “não há nenhuma relação sentimental com o espaço [...] nesse caso, o espaço estabelece um contraste com o íntimo da personagem”. A natureza toma novos ares e revive. “A caatinga – outro aspecto, agora, depois que as chuvas a lavaram e refrescaram. Exagero de passarinho, exagero de perfumes das flores desabrochadas. Beleza de sertão, na tarde a cabecear seus primeiros cochilos” (PALMÉRIO, 1974, p. 259).

Nota-se que, o lugar pelo qual percorre o mascate passa por transformações, era carregado de sequeidão e o chão arenoso apresentava-se quase como um borralho de fornalha e agora, nota-se pela descrição que a aparência muda. A vida, que depois de algum tempo parecia enclausurada e estanque, volta a dar sinais de o líquido precioso – a água – que se apresenta com seu grande poder de transformação e a capacidade de dar vida novamente àquilo que parecia morto. Aqui é importante perceber que, além de elemento que transforma o local, a água possui valor imagético fluido, volátil e, portanto, transitório. Bachelard (1884-1962), em sua obra *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* (2013) conclui que “a água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o

fogo e a terra” (BACHELARD, 2013, p. 7). Como se vê, esse elemento remonta a mudança e transformação, desenvolve positivamente o meio circundante, reaviva a paisagem, dando vida às plantações e, como afirma o narrador, embeleza e alegra o sertão. Também nesse sentido, Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 15) enfatizam que “As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência.” Foi possível constatar na passagem em análise, ao menos o primeiro e os últimos temas mencionados pelo narrador, o líquido resgata e regenera a vida e o espaço. Percebe-se também que essa mesma água apresenta analogia com o ato de uma mãe amamentando seu filho e transferindo a este os nutrientes para a revitalização e restituição da vida.

A intuição da bebida fundamental, da água nutritiva como um leite, da água encarada como o elemento nutritivo, como o elemento que digerimos como evidência, é tão poderosa que talvez seja com a água assim *maternizada* que se compreende melhor a noção fundamental de elemento. (BACHELARD, 2013, p. 130).

Assim como uma mãe amamenta um filho e nutre o mesmo com tudo aquilo que a criança necessita para sobreviver, a natureza com a água, principalmente da chuva, também revitaliza o local onde cai. E quando isso acontece, a terra absorve e digere todos os nutrientes que a água propicia fazendo com que o verde aflore e que a vida da vegetação se torne mais visível e mais resistente ao meio onde está inserida. Nesse sentido, a água se transforma em um elemento indispensável à vida, tanto da natureza quanto do ser humano. A água se faz mãe, ao passo que nutre tanto a terra quanto o homem.

Relembrando a passagem citada anteriormente, o uso do termo “exagero” em Palmério (1974, p. 259): “[...] depois que as chuvas a lavaram e refrescaram. Exagero de passarinho, exagero de perfumes das flores desabrochadas.” Na natureza, em um contexto de seca do sertão, a chegada da chuva pode trazer coisas positivas, acontecimentos bons e providenciais. Cabe verificar que a palavra *exagero* aparece na narração de forma a enfatizar e antecipar os fatos, isso porque no cotidiano da venda do Fiico acontecem somente exageros. Todavia, dentro da venda, a palavra toma conotação negativa, pois lá as desgraças são eminentes devido aos atos exacerbados das personagens.

A venda do Fiico é apresentada de forma a descrever e apresentar um pequeno contraste com a venda do Jorge Turco. Portas pequenas, pequeno balcão e o chão de terra batida mostram o quanto o comércio do companheiro e eleitor do Chico Belo é mais humilde que a do concorrente da Vila dos Confins. E ainda com um canto meio escuro, que fica ainda

muito preciso ao se demonstrar que já era tardezinha e o sol se punha deixando respingos vermelhos de claridade no céu. Xixi Piriá, uma personificação de um ser muito comum na segunda metade do século passado, que andava de casa em casa, fazenda em fazenda, levando os mais variados produtos e serviços. Xixi Piriá “carregava na alma um peso qualquer” (PALMÉRIO, 1974, p. 260).

Enquanto isso, o mascate chegara à venda e se recolhera num canto:

Eduardão e Osorinho, chegadinhos da invernada, a roupa num barro só. E Xixi Piriá, descansando do estirão sem fôlego desde o Boi Solto, quase escondido no canto escuro da venda – boneco de pessoa pendurado na tábua do banco, os pés balançando-se a mais de palmo do chão. Miudeza de dar pena [...]. (PALMÉRIO, 1974, p. 260).

O canto escuro da venda pode ser analisado como um espaço de refúgio do pequeno homem de boa índole que trazia consigo uma amargura na alma e uma tristeza no coração devido às desgraças que haviam acontecido. O quadro remete à penúria de um indivíduo desumanizado, comparado a um objeto, um boneco desprovido de vida. Esta personagem escolhia o local para esconder-se do mundo exterior e conectar-se com seu “eu” interior, refletir sobre suas angústias e encerrar-se em seus sonhos e devaneios dramáticos. Convergindo para a teoria de Bachelard (2008, p. 286), observam-se as possíveis interpretações que se inscrevem nesse lugar:

O mais sórdido dos refúgios, o canto, merece um exame mais sórdido dos refúgios, o canto, merece um exame. Recolher-se no seu canto é, sem dúvida, uma expressão pobre. Mas, se ela é pobre, é também aquela que possui numerosas imagens, imagens de uma grande antiguidade, talvez mesmo imagens psicologicamente primitivas. Muitas vezes, quanto mais simples é a imagem, maiores são os sonhos.

A forma como a personagem se coloca no canto da venda conduz a uma constatação de que o pequeno homem se escondia do mundo naquele momento. A morte de Ritinha, a perda da política e o cansaço o abatiam. O capanga Felipão, após muito tempo escondido na mata, tal qual um bicho selvagem vive, aparece para comemorar a vitória da família que o mesmo serve e com a cabeça invadida de todas as ruindades possíveis chega ao recinto da venda. Um lugar sombrio, a venda do seu Fiíco, e carregada de sensações passíveis de coadunar com ações que impliquem tragédia. De um lado, um pequeno sardento e triste por vários motivos; do outro, um ser com pensamentos diabólicos, acostumado a viver como bicho, utilizando da força física e do poder da família para a qual trabalha. Nota-se assim que o espaço da venda o qual o mascate escolhe para se abrigar é um canto escuro. Pode-se entender que

[...] o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. Ele é o local seguro, o local máximo de minha imobilidade. O canto é uma espécie de meia-caixa, metade paredes metade porta. [...] A consciência de estar em paz em seu canto propaga, por assim dizer, uma imobilidade (BACHELARD, 2008, p. 146).

Diante dos fatos acontecidos e das seguidas perdas, Xixi Piriá, fisicamente cansado depois de uma longa distância percorrida a pé, procura na venda um canto para seu refúgio e descanso. Se se procura entender os cantos dessa forma, ao ser confrontado pelo valente capanga, o mascate é incomodado na sua zona de conforto. Colocara-se ali para passar despercebido e usufruir um pouco de paz. Porém, a descrição do canto como escuro reforçava-se com o estado da personagem, o fato de a mesma carregar certo “peso na alma”. É desse modo que, como explica Borges Filho (2007, p. 40), “[...] há uma relação de homologia entre personagem e espaço”.

Um dos fatos que comprovam o abuso de poder que ora detém o capanga Felipão é um costume que os jagunços colocavam em prática no interior: obrigar a todos que se encontravam no recinto a tomar cachaça para comemorar algo. “— Desce a pinga seu Fíico. Rodada geral por conta de minha volta. E em copo graúdo por conta da nossa política. Ainda, moçada, vamos festejar a vitória!” (PALMÉRIO, 1974, p. 261). Porém, na narrativa percebe-se que o mascate não tinha nada a comemorar, mas mesmo assim é insultado pelo valente capanga a ingerir bebida alcoólica, algo que o mesmo não era acostumado, aliás, nem do cheiro gostava. Mesmo assim, foi obrigado a dirigir-se ao balcão e beber o copo cheio da bebida dos diabos e o fim não poderia ser outro.

Reunidas todas as tristezas e sentimentos ruins em um ser, o mesmo é capaz de transformar-se e de enfrentar o maior dos adversários, seja ele físico ou psicológico. E é o que acontece com o capanga dentro do espaço escuro da venda e diante de uma plateia enfurecida com os caprichos do mesmo. A percepção do espaço nesse sentido acontece de forma que a personagem Xixi Piriá ao perceber que o malvado capanga está distraído e após beber um gole da cachaça que estava servida obrigatoriamente no copo o mascate tem um ato de loucura quando a aguardente passa pela garganta e desce queimando todo o seu ser. Assim encontra-se o ato na narrativa, “O copo voou – cheio, pesado, transbordando da pinga nova do Bilé – para espatifar no meio da testa do Filipão” (PALMÉRIO, 1974, p. 264). O ser humano é dotado de várias percepções e formas de comportamento e não apenas as identificáveis. Igualmente, conforme assinala Hall (2005, p. 144): “Não existem apenas os tipos introvertidos e extrovertidos, autoritários e igualitários, apolíneos e dionisíacos, além de todos

os matizes e intensidades da personalidade, mas cada um de nós possui uma série de personalidades situacionais aprendidas”.

Dessa forma, é possível entender que o que aconteceu com o mascate franzino, magricela e humilde diante do corpulento capanga foi um ato de comportamento que foge às explicações mais plausíveis. Mas não se portando com um rompante de bravo ou necessariamente sendo um homem com características físicas fortes, a situação impôs uma personalidade agressiva ao mascate naquele momento. Percebe-se bem a estatura do pequeno quando da descrição de que parecia um boneco sentado na tábua do banco e os pés sequer encostavam-se ao chão. Difícil imaginar que um ser com essas características pudesse enfrentar em seguida um homem grande, forte e ainda portando uma arma de fogo poderosa na cintura. Porém, a tristeza que abalava o mascate junto ao ato humilhante de ser obrigado a beber cachaça à força, levou-o a atirar o copo ainda quase cheio da bebida na testa de Filipão e a atacá-lo com o punhal que recebera de presente do Deputado Paulo Santos.

A venda do Fiíco apresenta-se com traços toposfóbicos desde a primeira vez que aparece na narrativa. É possível fazer tal afirmação, pois, de acordo com a teoria da Topoanálise de Borges Filho (2007, p. 157) a *topopatía*, que se refere a toda “[...] relação sentimental, experiencial, vivencial, existente entre personagem e espaço”; de modo que, quando a ligação é positiva e benéfica, acontece a *topofilia*, no entanto, quando acontece o inverso é caracterizada a *topofobia*. No campo da geografia humanista, ambos os termos são conceituados por Yi-Fu Tuan. Assim como em Borges Filho (2007), para o geógrafo, *topofilia* refere-se à familiaridade, à identificação positiva do ser com o lugar, e *topofobia* representa o contrário, tendo em vista que este termo remete à aversão, ao medo, e até mesmo ao asco pelo lugar. A relação do ser com o meio circundante, nesse sentido, “engendra afeição ou desprezo”, como assinala Tuan (1980, p. 114).

Logo, não é só na esfera social que esses conceitos se manifestam; na realidade e/ou na ficção, *topofilia* e *topofobia* podem ocorrer. Apontando para estas teorias, na venda, as portas pequenas, as pessoas acoradas, e um canto escuro em que se sentou Xixi Piriá, ao entrar exausto no local após uma viagem desde a fazenda do Boi Solto, tudo isso caracteriza o ambiente negativo. O estado físico em que se encontrava somado ao psicológico e os traços que a venda apresenta conduz a narrativa a condicionar entre o lugar e a personagem uma relação de topofobia, ou seja, há uma relação afetivo-negativa entre ambos. E todos esses fatores somados levam o pequeno sardento a desferir vários golpes de punhal no corpo de Filipão a ponto de o mesmo não conseguir reagir mesmo portando uma arma de fogo poderosa na cintura.

Acaba morto no chão de terra batida da venda. É também o ato final da narrativa, conforme figura a citação seguinte:

E, inteiramente atuado pelo capeta que tomara conta de seu corpinho magricela, o mascate saltou. Uma das mãos no pescoço do bandido, a outra agarrada ao cabo do punhal de prata – presente do seu doutor, dado ali, ali na venda do Fíco! Quando as mãos de Filipão largaram de esfregar os olhos queimados pelo fogo da cachaça e procuravam a cintura, era tarde: trancadas, agarradas que nem trepadeira em tronco de pau, as coxilhas de passarinho de Xixi Piriá lhe abarcavam a cintura, rijas que nem cipó, fechando o caminho da mão canhota, prendendo o revolver na capa da guaiaca. (PALMÉRIO, 1974, p. 264 e 265).

Termina assim a triste e violenta vida do capanga Filipão. Homem com vida de bicho selvagem que teve a sua existência marcada pela obediência à família dos Belos, cujo membro desta se tornara agora o prefeito de Vila dos Confins. Uma vida de servidão e de fugitivo levaram a arrogância e prepotência de Filipão a um trágico fim. Valentia, bravura, porte físico avantajado: nada do que tinha em excesso o servira. A força física bem como a coragem para qualquer ato fez com que um homem humilde e de corpo franzino o assassinasse de forma brutal. Com uma grande quantidade de punhaladas desferidas no grande corpo do capanga, o pequeno mascate leva a óbito o valente Filipão e acrescenta com seu feito um toque de romantismo na obra de Palmério.

2.4 O Rancho Habitado: Lugar de Pobreza, Desconforto e Esquecimento

As moradas são sempre base de investigação quando se propõe a estudar o espaço na obra literária. A casa em si apresenta uma infinidade de possíveis estudos e interpretações e as diferentes formas de habitar. Pode possuir conotações simbólicas, Bachelard (2008, p. 26) conclui que “[...] na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através dos pensamentos e dos sonhos.” Enquanto em seu sentido concreto, encontra-se no *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2009) que a casa é “edifício de formatos e tamanhos variados, geralmente de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação”. Porém, há ainda uma acepção sobre a casa encontrada no dicionário de símbolos. Para (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 196) “A casa está no centro do mundo, ela é a imagem do universo”. Nesse contexto, verifica-se que o universo no qual se encontram os habitantes do rancho descrito no texto de *Vila dos Confins* (1974) representa com verossimilhança a vida dos mesmos. O rancho é comparado com a casa, pois se configura uma residência permanente. Assim,

O exterior da casa é a máscara ou aparência do homem; o telhado é a cabeça e o espírito, o controle da consciência: os andares inferiores marcam o nível do inconsciente e dos instintos; a cozinha simboliza o local das transmutações alquímicas, isto é, um momento de evolução interior. (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 197).

O rancho é um lugar habitável, morada simples, coberta por folhas de coqueiro – babaçu – comumente encontradas no interior do Brasil até hoje e era quase a única opção em questão de moradia no sertão de Minas Gerais. E é em um rancho com paredes de bambu e teto de folhas de babaçu que residem o balseiro Gerônimo, a esposa Rosa, o filho Totonho e sua filha Ritinha. Morada simples de pessoas sem instrução e perspectiva de melhora de vida. Conforme se observa na citação, o Deputado Paulo Santos: “Invadiu sem cerimônia a cafua. Nem um pau mudado – a mesma divisão de taquara que dividia os quartos, decerto ainda o mesmo telhado de folha de coqueiro, preto de fumaça... A mesma pobreza e desleixo [...]” (PALMÉRIO, 1974, p. 47).

O Deputado Paulo Santos, mesmo depois de muitos anos, encontra o rancho em que residia o balseiro da mesma forma em que estava da última vez, ou seja, nada tinha mudado na vida material dele. A estrutura da “casa” ainda era a mesma: havia apenas uma divisão de taquaras entre os quartos e na cozinha, onde eram recebidas as visitas; havia somente uma fornalha na cozinha para o preparo da comida e piso de terra batida. De fato, a simplicidade e a falta de recursos financeiros não são próprias das moradias com estruturas mais modernas. A forma de definição da casa/rancho em que habitava a família do balseiro Gerônimo condizia com a pobreza e o desleixo que os cidadãos viviam no interior. O próprio narrador afirma diretamente que além da geografia, também o governo esquecera o município de Vila dos Confins e toda a sua gente.

Dentre os temas que formam a narrativa, o da pobreza é central e está relacionado claramente com a denúncia acerca de problemas políticos e sociais existentes naquela região. A busca de um público com pouco ou nenhum esclarecimento para o registro dos títulos eleitorais comprova tal afirmação de forma a representar os mandos e desmandos existentes na política local. Pessoas comparadas a animais e todos residindo no mesmo espaço é comum no decorrer da narrativa e nos acontecimentos dos fatos. Após atravessar o rio Urucanã e avistar do outro lado o rancho do pai de Ritinha, o deputado Paulo Santos põe-se a pensar que nem o telhado de folha de coqueiro o proprietário do mesmo havia trocado. “Nem um pau mudado – a mesma divisão de taquara que dividia os quartos, decerto ainda o mesmo telhado de folha de coqueiro preto de fumaça... A mesma pobreza e desleixo” (PALMÉRIO, 1974, p. 47). Porém, o político começava a enxergar um pouco mais de luz naquele ambiente. Cabe

esclarecer que, de acordo com a teoria da Topoanálise de Borges Filho (2007, p. 50), ambiente é a soma das características do lugar mais a impregnação do clima psicológico, como se lê na seguinte passagem, em Palmério (1974, p. 47): “Respirou, na cozinha. Um pouco mais de alegria, que o sol da manhã entrava pela porta escancarada. E a pintalhada, a leitoada, o cachorrinho paqueiro. A Ritinha acendia o fogo. Rosa, a mãe, andava pelo rio lavando roupa”.

Se o tempo se apresentava fechado até então com mormaço de chuva e dificuldades para atravessar o rio Urucanã na balsa, a situação melhora com a chegada ao rancho e necessariamente a satisfação de estar na “casa” de um amigo. A luz solar que invadira o local trazia consigo a alegria da claridade e do calor. Sabe-se que em uma de suas simbologias, “o sol é a **fonte** da luz, do calor, da vida” (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 836, grifos do autor). É importante ressaltar que a porta escancarada recebia esse elemento com alegria e os animais se colocavam dentro do rancho como verdadeiros habitantes do mesmo, significando que todos naquele local eram iguais. Ressalte-se também que a porta escancarada recebia o sol com alegria e os animais se colocavam dentro do rancho como verdadeiros habitantes do mesmo. E se Ritinha acendia o fogo da fôrnalha para passar o café, instigava a imaginação do deputado que depressa se punha a pensar sobre o quarto da garota. O homem observava que aposento da moça era separado do dos pais apenas por taquaras. Imaginava, ao mesmo tempo, como eram as relações entre Gerôncio e a esposa. “Apenas aquele tabique ralo separava as noites de Gerôncio e Rosa das noites de Ritinha” (PALMÉRIO, 1974, p. 48). A questão de o que se dizia de um lado era a mesma coisa que dizer do outro levava a crer que tudo o que se passava com o casal de um lado, a filha já moça ouviria do outro. Nota-se assim que a filha já com o corpo de mulher podia vir a sentir desejos de se relacionar com um homem. O espaço pode contribuir de forma bastante categórica no que diz respeito ao sentido de calor o qual é percebido pela narrativa. Correspondendo a simbologia citada acima, sol, fogo e calor humano, tudo ilumina e aquece o espaço humilde e pobre do rancho.

O sol entrava pela porta escancarada para aquecer o rancho e levar um pouco de alegria àquele recinto. Na filosofia de Bachelard, os elementos do fogo e do calor provocam a sensação de bem-estar, de modo que “a primeira convicção calorosa é um bem-estar corporal. É na carne, nos órgãos, que nascem as imagens materiais primordiais” (BACHELARD, 2013, p. 9). O calor aquece o corpo e a alma, traz a sensação de alento e satisfação. Assim, da mesma forma, a moça Ritinha acendia o fogo para aquecer a água e preparar o café para o deputado, pessoa estimada e um grande amigo do pai.

De fato, o rancho é um espaço da narrativa que merece uma atenção especial. É onde o político se pega a pensar em muitas situações vividas ou ainda por viver. Nesse mesmo lugar o deputado doa uma quantia em dinheiro para que a moça compre um vestido. Imagina como a Ritinha crescera e se tornara uma moça e passa até a pensar em um rapaz para namorá-la. Na cozinha é que o deputado Paulo Santos sentia alívio e tranquilidade.

O cheiro de fumaça de lenha molhada enchia a cozinha. Que bom ficar ali, cochilando com a galinha que chocava debaixo do jirau do fogão, distraído com a lereia do papagaio que remoía a cantiguinha violeira – composta com certeza por ele mesmo, o pândego!... (PALMÉRIO, 1974, p. 48).

Note-se que o narrador se refere ao cheiro da fumaça, como se ela fosse algo capaz de tomar conta do ambiente, de preencher o interior da cozinha. Mas a casa, feita de taquara de bambu e teto de folha de coqueiro, possibilita arejar bem rápido esse tipo de substância. O narrador de *Vila dos Confins* apresenta o rancho do negro Gerôncio como um local onde a personagem de Paulo Santos se sentia muito bem e chegava a comparar o que sentia aos animais que ali também habitavam. Fica claro que a tranquilidade encontrada nesse espaço conduz o protagonista a cochilar ao ouvir a lereia do papagaio. Assim, o descanso de noites mal dormidas e da luta em busca de votos faz-se necessária e apresenta-se agradável. Há uma mistura de sentidos e sensações entre o espaço e as personagens. Ritinha, uma moça ainda sem namorado e com poucas perspectivas na vida, apresentava-se bastante acanhada e vergonhosa ao passo que o político era pessoa bem instruída e percebia, como um político astucioso, a pobreza e a falta de assistência em que as pessoas do interior do país viviam até então. Denota-se assim, que a cozinha era muito pequena e custava comportar muitas pessoas. Veja que a moça, ao acender o fogo quase se encostava ao político e, como os pensamentos dos seres humanos são sempre fluidos, o instinto masculino falava mais alto. Imaginava ele como a Ritinha crescera e se tornara moça, fazendo assim comparações com uma semente que brota do chão arrebatando tudo que encontra pela frente a fim de encontrar um raio de sol que fizesse desenvolver-se e crescer.

Como encorpara, de repente, a Ritinha! As coxas, grossas, de um roxo desmaiado de nódoa de jenipapo; as ancas crescidas, esticando com força o pano da saia, os seios também, as pontas já puindo, com o duro roçar, o ralo da fazenda da blusinha apertada. Força de mulher completando-se – broto de planta que, ao nascer, rasga tudo, semente e chão. (PALMÉRIO, 1974, p. 48).

A percepção de como um olhar transforma o espaço aconchegante em que se encontra o Deputado e a moça em um espaço de transgressão e pensamentos fortuitos. Quando vira a menina na venda com os pais não prestara bem atenção à moça, porém, quando

ficou a sós com ela na cozinha do rancho desdobrou-se em pensamentos. Olhou as pernas e a cor das mesmas ao passo que não se olha para um ser dessa forma a não ser que se tenha intenções libidinosas. A personagem Ritinha apresenta uma transformação corporal se comparada ao início da trama em que a mesma não tem as características que o narrador ora lhe atribui. Assim, “as personagens diversificam-se socialmente e desenvolvem-se através da textualização de traços físicos variados [...] à qual se acrescenta a *possibilidade de transformar-se* entre o começo e o final do romance” (REUTER, 2004, p. 24, grifos do autor). Muda a questão corporal da moça. O homem Paulo Santos também observa a anca e os seios dela. Já não há mais nenhum traço de criança e todo esse contexto psicológico por que passa induz os pensamentos devassos que direciona à moça.

A observação é tamanha que em determinado momento da narração é percebido até que a blusinha da personagem está puindo na altura do mamilo, o que leva a duas importantes constatações: a primeira é de ordem corporal e mais precisamente sexual, assim leva o Deputado a expressar o sentimento de desejo e preconizar que a garota precise de um namorado para casamento; o segundo, de ordem social. Nota-se aí uma denúncia quanto à pobreza e desleixo com os habitantes do interior, mesmo tratando-se de uma moça bonita. Impossível deixar de debater sobre tal questão uma vez que a moça que já apresenta traços de mulher, não tem sequer uma roupa que lhe caiba. “Ritinha andava agora apanhando coisas. Pisava com os pés descalços a terra socada da cozinha, num rijo sacudir de carne roxa, roxa e nova, ainda de vez...” (PALMÉRIO, 1974, p. 48). A descrição de como a moça se vestia e andava em casa, ou seja, de pés descalços reforça a questão da pobreza em contraste com sua sensualidade e beleza.

E se a comparação é feita da transformação da menina em mulher com um broto de planta que ao nascer rasga tudo, rasga também a imaginação do homem Paulo Santos no pequeno espaço da cozinha do rancho do Gerônimo. Após os devaneios, a política chama o protagonista à realidade novamente e como que num átimo, na eleição a busca dos votos também precisa “brotar” das urnas se se quiser conseguir a vitória. Política e amor misturam-se e um vai construindo os sonhos e criando situações para que a outra apareça de forma bastante avassaladora. O certo é que ambas podem edificar e estabilizar um ser, bem como, se não houver sucesso, destruir e aniquilar o mesmo. É o que se nota com o falecido marido de Dona Maria da Penha e com a forma como o deputado imagina que será a vida daqueles que apoiam a candidatura de João Soares, caso perca a eleição. A região no qual estão inseridas as personagens na narrativa *Vila dos Confins* apresenta de forma sucinta como vive o ser no interior do país e como são seus costumes e hábitos. Saliente-se ainda que, a descrição desses

espaços se apresente de forma muito parecida com a realidade numa acepção ao fato de que as edificações e estruturas físicas do país eram condizentes com o que o texto apresenta. A descrição do espaço, nesse sentido, tem a capacidade de identificar as características geográficas e denunciar os fatos sociais por meio do texto de ficção que em determinadas situações têm essas funções.

A categoria das edificações existentes no local onde vive ou se move a personagem pode indicar seu espaço social [...]. Tanto pode o espaço social ser uma época de opressão como o grau de civilização de uma determinada área geográfica. Outras tantas manifestações de tal conceito podem ser identificadas na classe a que pertence a personagem e na qual ela age: a festa, a peste ou a subversão da ordem. (LINS, 1976, p. 74-75).

Comprova-se assim, que a edificação do rancho em análise indica perfeitamente o espaço social próprios das personagens, como elas habitam e como se movem. Deve-se ter em mente que uma caminhonete para conduzir várias pessoas por estradas de terra é um tanto quanto insuficiente e perigosa. O fato é que as condições financeiras da época não condiziam com luxos, como automóveis. Outro fator importante é a falta de pontes para travessia dos rios, sendo utilizada assim, uma balsa para tal procedimento.

Por outro lado, cabe enfatizar que as classes sociais às quais pertencem as personagens são bastante distintas. Algumas desfrutam de poderio financeiro, como, por exemplo, o coronel Chico Belo, capaz de utilizar grande quantia em dinheiro para atrair companheiros políticos e votos ou possuem quase nada.

A personagem, em consonância com o espaço no qual habita ou transita, tem uma implicação nos fatos e ações da narrativa, de modo a construir significações para a sequência da diegese. Com a evolução do romance, há uma diversificação das personagens. Para Reuter (2004, p. 15), “a noção de indivíduo emerge progressivamente. A pessoa (e a personagem) não é mais um simples emblema de casta social (o cavaleiro, o camponês...)”. Por isso, faz-se muito importante entender os modos de vida e de ser de uma determinada personagem. Assim,

O estudo de uma determinada personagem será sempre incompleto se se também não for investigada sua *caracterização*. Isto é: os meios, os processos, a técnica empregada pelo ficcionista no sentido de dar existência à personagem. Pode-se dizer, a *grosso modo*, que a personagem existe no plano da história e a caracterização no plano do discurso. A personagem diz respeito ao objeto em si; a caracterização, à sua execução. (LINS, 1976, p. 77, grifos do autor).

A caracterização, tanto de Gerônimo quanto de Ritinha ou Rosa, que habitam o rancho, é a de que vivem num nível de pobreza material muito grande. Isso é apresentado de

forma bastante convincente se se parte do fato de que a moça não tinha sequer um calçado ou mesmo estivesse cabendo em suas roupas. Ressalte-se ainda que ao passar o café seja pedido à mesma para colocar pouca rapadura para adoçar o mesmo. Até o uso do açúcar era um privilégio. Caracteriza-a ainda não apenas a peça de roupa, mas sim a descrição de que o colchão era feito de palha de milho. Assim, tem-se uma diversificação entre os espaços habitados pelos ricos como a casa do Coronel Chico Belo ou a farmácia do Carrilho e o rancho do balseiro bem como as casas na localidade do Carrapato, um distrito do recém-emancipado município de Vila dos Confins.

A identificação de determinados personagens com os locais e pessoas com os quais estão envolvidos também são questões marcantes em toda narrativa. Há de se perceber que as pessoas têm uma percepção do local onde vivem e dos meios em que podem ser inseridos. Através de uma análise de como se comportam os seres humanos diante de determinadas situações, no que diz respeito às figuras que povoam a obra em questão verificar-se-á que geralmente as mesmas se mantêm em um mesmo *status* social. Aqueles que têm um maior nível de conhecimento ou por ventura são dotados de uma perspicácia maior tentam, através dos conchavos políticos, manterem-se no mesmo patamar ou melhorar alguns degraus na escala de medida da sociedade. Ao passo que os seres com poucas perspectivas buscam em primeiro lugar sobreviverem, e, em segundo, melhorias simples como, por exemplo, serem bem atendidos pelo poder público ou mesmo ao singelo fato de ver o amigo e companheiro triunfar no quesito ao qual se propôs, ou seja, se eleger o prefeito de Vila dos Confins.

A proposta de Carrilho ao deputado para aderir à campanha de João Soares ilustra bem o tipo que quer se dar bem à custa das regalias políticas.

— Pois não é que o Carrilho criou coragem com a minha delicadeza? Me disse que eu não estava bem informado, que o dr. Osmírio garantiria arranjar o diploma; mas que não queria ficar devendo favor ao Partido Liberal – estava disposta a trabalhar conosco. E que gastava também, ajudava no caixa do partido... E veio com a safadeza: o Jeová tinha um certificado da secretaria, uma licença provisória; se ele, Carrilho conseguisse o diploma, o Jeová perderia o direito... que o Jeová não era pessoa de confiança, e sim um espião do Chico Belo, um leva-e-traz... E piscava, e falava baixinho, olhando para os lados... O tipo do vigarista, com aquele terno de casimira e aqueles óculos! (PALMÉRIO, 1974, p. 52-53).

Fica assim claro que a política gira em torno de questões muito mais profundas do que se pode perceber e a caracterização que é feita neste trecho da personagem ilustra muito bem isso. Percebe-se que há muitas disputas em jogo no cenário criado pelo narrador, que todos têm implicação direta com o processo eleitoral e as relações de poder dentro da

sociedade. Em um município recém-emancipado a estrutura do comércio ainda não está formada e quanto menos concorrência, mais fácil de sobressair na atividade. Essa era a intenção da personagem Carrilho, que tentava conseguir um diploma de farmacêutico com a influência do deputado, a fim de acabar com a concorrência da personagem Jeová. Este, por sua vez, tem a licença para trabalhar, pois é prático na área e a lei o protegia.

A possibilidade de aceitação na política de pessoas com má índole é perceptível de forma que se um grupo político não aceita a inserção no seu meio, o outro grupo adversário aceitará. É importante salientar também que a questão financeira pesa muito sobre os pleitos eleitorais. E muito mais quando diz respeito a um município pequeno e que poucos votos podem dar a vitória a qualquer um dos grupos políticos que disputam o mesmo. O tema é tratado em um romance, porém acontece também na realidade atual da política nacional. O que se tem na atualidade por denominação de doação para campanha, no pleito eleitoral de Vila dos Confins era uma “ajuda” mesmo, uma contribuição para se conseguir alguma regalia com o vencedor da eleição, algo de desejado com o grupo que viesse a chegar ao poder no município. Nesse contexto, a intriga também faz parte da construção da narrativa, bem como do processo eleitoral que se passa na trama.

Sabendo que um deputado têm aliados em setores da administração pública, Carrilho, em sua conversa com o deputado Paulo Santos, tenta convencer o político a praticar um ato ilícito usando de suas “potencialidades” políticas. O farmacêutico dizia que

Ia se dando muito bem na Vila, estava até com uns planos de aumentar a farmácia, ampliar a sapataria... E rodeou, e rodeou, até que me propôs arranjar para ele um diploma de dentista formado. No Rio, disse ele, sabia que se conseguiam diplomas até de médicos. E que estava disposto a gastar até uns cobres se o negócio fosse mesmo garantido... e que “o senhor compreende”, era preciso gratificar algum funcionário do Ministério, correr uma gorjetinha aqui, outra ali... (PALMÉRIO, 1974, p. 52).

Carrilho é uma personagem com fundamental importância na trama e transforma o espaço de sua propriedade, ou seja, a farmácia em um reduto eleitoral do partido Liberal. O narrador trata, portanto, de uma proposta de corrupção por parte do comerciante. Depreende-se assim, que o texto literário trata de tal questão de forma a denunciar esse tipo de negociata. Por isso, é importante dedicar um estudo mais profundo sobre as personagens que povoam a obra e suas ligações com os espaços nos quais estão inseridos. Pode-se perceber que “As personagens têm um papel essencial na organização das histórias. Elas determinam as ações, vivenciam-nas, religam-nas e dão sentido a elas. De uma certa maneira, *toda história é história das personagens*” (REUTER, 2004, p. 56, grifos do autor).

Uma abordagem mais concisa mostrará que cada personagem dentro da narrativa em questão tem papel fundamental em sua construção. Segundo Antonio Candido (2002), a personagem, representação ficcional do ser humano, representa o que há de mais vivo num romance. O estudioso assinala que a trama se realiza através de um “certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste”. (CANDIDO, 2002, p.55) Note-se que a personagem é elemento primordial na narrativa, afinal ela vive a trama e povoa os lugares do romance, imbuindo nesse contexto os valores que os animam.

O deputado não cedeu aos pedidos do farmacêutico-prático e necessariamente este se aliou ao adversário contribuindo assim, com os votos da sua família e com o capital financeiro que investiria na campanha de João Soares. Se se leva em consideração que Chico Belo venceu a eleição por apenas oito votos, perceber-se á que a personagem Carrilho e suas ações contribuíram de forma decisiva para o resultado final do processo. Assim, as personagens vão construindo a história total do romance, por meio de suas próprias histórias. Desencadeiam ações e construções de sentido a partir do espaço que ocupam e da função social que desempenham. Um farmacêutico-prático tem seu meio de conhecimento e pessoas que são ligadas ao mesmo. Sua função social apresenta-se de maneira bastante contundente e dominadora, pois em um lugarejo escondido no meio da caatinga e do sertão, este pode ser útil tanto quanto um médico, além de possuir os meios para decidir uma eleição.

As características físicas bem como comportamentais das personagens podem também expressar muito sobre como a mesma atuará na sequência da história. O narrador apresenta um sujeito de tipo esperto que quer tirar proveito da situação, e nada melhor que um pleito eleitoral para tal intenção. Principalmente no que diz respeito ao fato de, se estiver aliado ao grupo vencedor, poder usufruir das regalias e sinecuras que a situação pode proporcionar. Na relação das personagens com o espaço que as mesmas ocupam no momento da conversa, há relevância na maneira como o “vigarrista” do Carrilho conversa com o deputado. Fica evidente que não olhava nos olhos do mesmo e falava baixinho, de forma que ninguém ouvisse, pois estavam no quarto da casa do Jorge Turco, espaço que se caracteriza como local estratégico para as conversas e conchavos políticos.

2.5 A Casa em Carrapato

A casa torna-se um local bastante enfático no que diz respeito ao estudo do espaço no âmbito da obra literária. Verificar-se-á que a mesma recebe uma descrição bastante

abrupta, representada na questão topofóbica, ou seja, não há uma relação agradável entre espaço e personagem. O deputado Paulo Santos e os demais companheiros chegam à localidade do Carrapato no intuito que move a narrativa: angariar o máximo de apoio possível e votos para eleger o aliado e amigo João Soares ao cargo de prefeito, primeiro prefeito de Vila dos Confins. E se a localidade apresentava-se com descrições e características muito discrepantes não era diferente como eram caracterizadas as casas. Nota-se assim, que para o narrador, “Se a Vila dos Confins dava aquela primeira impressão de **pobreza**, o Carrapato lembrava **miséria** e **abandono**” (PALMÉRIO, 1974, p. 54, grifos meus). A própria toponímia já reforça essa situação degradante “Carrapato”. De fato, é apresentado assim numa sequência de tristeza e lamentações. Porém, a crítica social apresentada utiliza de três substantivos de cunho negativo que, se relacionados ao tema do espaço, memória e identidade causa um forte impacto.

Primeiramente, há o fato de que os habitantes habitam tal local estão muito acostumados com a sensação de miséria e abandono. Se cada local habitado, em um país democrático de direito, precisa ser governado por alguém, percebe-se aqui ainda mais a questão do abandono. Mas a questão da pobreza permeia a obra e coloca em debate os espaços desassistidos do interior do Brasil onde os serviços básicos não chegam. Por isso, continua a descrever a primeira impressão de que teve ao chegar à localidade. É perceptível o quanto esse espaço habitado do Sertão é deixado de lado, à mercê da própria sorte. Assim, “Difícil topar, naquele fim-de-mundo deserto, coisa mais triste e mais sem vida” (PALMÉRIO, 1974, p. 54). A obra é conduzida pelo narrador político que espera, além de conquistar votos e mais prestígio, deixar uma boa impressão de sua imagem e ganhar a simpatia dos moradores do local. O que chama atenção é o fato de que a localidade é apresentada como deserto, local triste e sem vida. Ao passo que se percebem essas características, é necessário trazer à luz da teoria do espaço literário a constatação de que o espaço tem também, entre outras, a função de antecipar fatos da narrativa.

E isso de fato acontece. É em uma casa, no Carrapato, que o deputado Paulo Santos sente os primeiros sintomas da terçã maligna e sente-se muito mal. A percepção do espaço e do que acontecia em volta era feita de tal maneira que leva a entender o quanto era cruel o meio-ambiente e como a questão geográfica e suas características implicavam a forma de vida do lugar. A caatinga, vegetação comum a áreas áridas, tem uma presença marcante bem como o tipo de solo da localidade que, sendo arenoso, propicia a perpetuação de calor recebido do sol. Isso faz com que o espaço torne-se ainda mais difícil para a sobrevivência e permanência humana em tal espaço. Para entender a concepção de como esse ambiente

condizia com o que o político se deparara na localidade e como seria difícil enfrentar todos esses obstáculos para a condução da campanha, o narrador descreve assim o espaço: “O sol caía de ponta, brutal. Entorpecia e queimava tudo. A areia era polvilho de espelho socado no pilão. O ar, a gente podia vê-lo mover-se – lesma amarela, quente, pegajosa, a arrastar-se por sobre as ruas e telhados.” (PALMÉRIO, 1974, p. 54).

As características que são apresentadas vêm de forma denunciativa e avassaladora escancarar como é a vida da gente que habita tal espaço. O sol, nesse sentido é apresentado não como uma fonte de luz, calor e vida, mas necessariamente um objeto que cai de ponta e fere e destrói quem está sob seus raios. Para (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 836, grifos do autor) “o sol é também *destruidor*, o princípio da seca, à qual se opõe à chuva fecundadora”. E se cai de ponta e brutal confere à narrativa um ar muito forte de impiedade. A analogia que é feita da areia também ratifica esse tom: “polvilho de espelho socado no pilão”. Há de entender que restos de espelho quebrado refletindo o sol pode até mesmo ferir profundamente quem o pise ou tenha contato com o mesmo. E o ar, que se faz difícil de respirar, pode ser visto e até comparado com uma lesma. Seria impossível do ponto de vista científico ver o ar mover-se, porém com o aquecimento e a areia muito quente, tudo torna a respiração mais difícil. Ainda nesse excerto, pode-se verificar o gradiente sensorial da visão, pois esse é o elemento pelo qual a personagem se relaciona com o meio, absorvendo deste, sentidos negativos. Enquanto o sol ofusca e queima, o ar é quente e viscoso. Por meio do olhar, a personagem compreende e percebe o lugar, ao mirar ao longo do caminho, vê que a seca é condição permanente, que, com um aspecto até mesmo fantasmagórico, perpassa e devasta a natureza e a vida do homem.

Nesse contexto, é necessário salientar a importância de compreender e definir as características geográficas, e de saber como realmente é o clima de determinada região, para ter-se uma noção se o ficcionista faz uma assimilação com a realidade ou necessariamente apresenta um contraste para conseguir um efeito de sentido através do espaço e do que o circunda. Assim, a ficção tenta retratar de forma concisa e real o que se tem de realidade. Conforme a passagem citada, o narrador dá a caracterização da seca, do clima hostil, do ambiente árduo e entorpecedor, portanto, é preciso levar em consideração que a obra tem um cunho regionalista, por tratar de questões em um determinado espaço do interior de Minas Gerais, assim como Guimarães Rosa tratou da questão espacio-regional em sua obra *Grande Sertão: veredas*.

Pode-se argumentar, então, que a obra *Vila dos Confins* tem atributos que condizem com a realidade de uma determinada região do país em que questões políticas,

sociais e econômicas encontram como pano de fundo um texto literário no qual podem ser encontradas denúncias e referências ao real. Assim,

Em linhas gerais, o regionalismo pode ser definido como o tipo de realismo voltado para o que há de particular em determinada região, entendida como circunscrição geográfica à qual se associam idiosincrasias socioculturais, políticas, econômicas. Aqui, é também a resposta humanista que prevalece, sob a forma de universalismo. (BRANDÃO, 2013, p. 168).

Cabe, nessa perspectiva, uma abordagem concisa a partir do estudo da questão regionalista ou o que se diz de regionalismos. Dentro de um lugar geográfico, como por exemplo, um município, uma pequena localidade ou uma grande região, questões socioculturais, políticas e econômicas podem ser objeto de uma maior reflexão. Em Vila dos Confins, através desses espaços, fatores importantes dentro de uma sociedade estão discutidos de forma bem clara. Antonio Candido (1989, p. 151), pontua que “o regionalismo foi uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local”. Mas a política serve como base para a estruturação da história, bem como para implicar os fatos e acontecimentos dentro do âmbito cultural, social e principalmente econômico. Se se parte da premissa de que quem tem um maior poderio financeiro tem mais possibilidades de conquistar o pleito eleitoral, já se coloca em cheque a lisura do processo. E isso acontecia naquela época bem como acontece na atualidade. Assim são entendidos os pleitos eleitorais no interior, esses têm uma característica bem diferente de uma disputa em um grande município ou necessariamente em uma capital do país. Por isso, parece-me que há essa caracterização de regionalismo na obra *corpus*, de acordo com o que sumariza José Maurício Gomes de Almeida:

Regionalismo é outro conceito que precisa ser bem compreendido, se se quer usá-lo com propriedade. De vez que região implica uma parte dentro de um todo amplo – o país como tal –, a arte regionalista *stricto sensu* seria aquela que buscaria enfatizar os elementos diferenciais que caracterizariam uma região em oposição às demais ou à totalidade nacional. (ALMEIDA, 1999, p. 54).

Há ainda outros fatores que exemplificam tal modalidade de definição da literatura uma vez que também as questões socioculturais e de identidade com um determinado grupo social tem grande relevância. Ao serem verificadas na obra marcações geográficas que existem na realidade como quando da citação do Rio Paranaíba que divide os estados de Goiás e Minas Gerais ou mais especificamente se faz uma alusão ao Ribeirão do Dourados e Rio Preto, dois afluentes que desaguam no Rio Paranaíba, fica clara a tentativa de levar para o

trabalho literário fatos da realidade e de se fazer uma assimilação real com os espaços nos quais os fatos tenham acontecido.

A localidade do Carrapato não conseguia ter uma receptividade das melhores. Isso fica claro com a descrição do local e dos atributos ambientais e geográficos que o mesmo apresenta. E as casas que o constituíam, devido à pobreza e miséria daquela gente, também não conseguiam ser espaços aconchegantes, acolhedores e nem agradáveis. Quase todas eram ranchos e contavam com a mínima estrutura possível. O espaço do Carrapato já não se apresenta como um espaço que tem uma relação de afetividade com a personagem e ainda condiz com um momento da narrativa em que este passa mal. Os visitantes foram recebidos na cozinha de forma a perceberem o lugar a partir do estado em que o cachorro se encontrava à porta da casa de Nenzinho.

O deputado passou pelo cachorro deitado à porta da casa do Nenzinho. Todos os outros passaram, passou o dono também – e o pobre continuou fundido ali na areia borralhenta. Mal abriu e azarolhou os olhos embaçados, e meio arregaçou as pelancas da boca. Mas antes não tentasse sorrir: comentário cruel, o do Aurélio:

— Que cara de besta esse cachorro tem!

Paulo arriou-se no duro banco de jacarandá. A dor de cabeça apertava – em cima dos olhos e no começo da nuca. Ele sabia o que era: os goles exagerados da cachaça da véspera, no rio; e muito cigarro. (PALMÉRIO, 1974, p. 54).

O desânimo do cachorro deitado à porta da casa de Nenzinho, companheiro político do deputado Paulo Santos, consternava a todos e levava Aurélio a um comentário desolado com relação ao mesmo. Atribui ao cão uma característica que personifica a imagem do mesmo, ou seja, a expressão “cara de besta” representa a ingenuidade e desamparo do animal. Todos passam pelo cachorro e como se não estivesse ninguém transitando por aquele espaço ele continua intacto com a cara na areia quente. Ao sentar-se em um banco duro de madeira, o deputado começa a sentir os primeiros sintomas de um mal comum no sertão: a maleita. Porém, ele não queria admitir o fato e afirmava que a dor que sentia na cabeça não fosse indício de que estivesse doente, principalmente em meio à campanha eleitoral. O deputado atribui à cachaça e ao cigarro consumido no dia anterior a consequência do que estava sentindo. O espaço começa a ser um divisor de etapas na narrativa e na campanha eleitoral, contribuindo para que o chefe político se desestruture e passe por maus momentos na localidade do Carrapato.

A residência do Nenzinho se apresenta como um espaço topofóbico para o deputado. As dores e o mal-estar aumentam e o deputado acaba desmaiando e caindo do banco de jacarandá onde havia sentado. Se o banco é duro, dura também se apresenta a campanha em que ora trabalham em busca de apoio e candidatos a vereador. Novamente, o

topônimo Carrapato condiz bem com a estrutura do lugar, porque é a semelhança que chama a atenção. O lugarejo é caracterizado como se fosse o parasita que o nomeia: um ser improdutivo e dependente de outro ser para sua sobrevivência.

A passagem pelo Carrapato apresenta uma série de dificuldades voltadas para a campanha eleitoral bem como ao estado de saúde do deputado. Após cair desmaiado na cozinha o mesmo é levado para o quarto e colocado na cama para repouso. Começa, então, uma percepção que o mesmo tem do quarto e as relações que esse espaço implica para a personagem. Como o deputado está passando por um problema de saúde e em uma localidade de forma nenhuma agradável e sem recursos, também o espaço que a trama acontece condiz com um pensamento cada vez pior da personagem em relação ao lugar e ao estado em que se encontra. A percepção do espaço apresenta-se de forma bem desagradável. Para o narrador, a Vila dos Confins estava um “Mormaço. Entretanto, por toda parte, pelas frinchas da janela e pelo vão do telhado; até dos tijolos rejuntados do chão subiam nuvens de quentura. Um forno”. (PALMÉRIO, 1974, 58). O quarto em que estava em repouso, a princípio apresentava características de um espaço incomum para o bem-estar humano, e principalmente de um ser em um mau estado de saúde, acostumado ao conforto da cidade grande. Sendo assim, de acordo com o que explica Brandão (2013, p. 69), podemos entender que: “Os sujeitos ficcionais têm usualmente como parâmetro uma humanidade naturalizada, a que se atribui um sistema perceptivo cujas feições são orgânicas. Os objetos são definidos, com frequência, segundo um protótipo de realidade também de índole naturalizante”.

É possível perceber como essa humanidade apresentada pelo deputado Paulo Santos é condicionada à sua condição de ser comum em que está sujeito a todos os problemas que um cidadão comum pode enfrentar. A doença por qual passa o protagonista pode ser entendida do ponto de vista humanitário que mesmo sendo o maior angariador de votos e pessoa notável pelo cargo que ocupa na sociedade, não está imune às mazelas da sociedade e à condição humana. A naturalidade como é descrita a casa em que o mesmo se encontra no Carrapato faz com que o protótipo de vilarejo se caracterize pautado em uma noção real muito enfática. Busca-se assim, um efeito de real, como diria Barthes, que transforma a narrativa em uma extensão de fatos que o narrador da obra tenha, por ventura, vivido. A representação do espaço no qual está inserida a localidade de Carrapato, distrito pertencente ao recém-emancipado município de Vila dos Confins, tem uma semelhança muito grande com a realidade se levarmos em consideração a organização e estrutura das corrutelas e distritos constituídos até a metade do século XX. Percebe-se, nesse contexto, que tais comunidades

encontravam-se em um estado de pobreza e descaso por parte das autoridades políticas da época.

A casa e, mais necessariamente, o quarto onde se encontra o deputado, mostra traços reais de uma casa pobre em uma localidade distante do centro urbano. Na cozinha, a popular e comum fofalha usa madeira – lenha – para cozinhar os alimentos e preparar café, chá e demais comidas. A fumaça que emana da mesma invade os outros cômodos e dá um tom de abafamento e fadiga no político que apresenta um estado de saúde debilitado. Mesmo com as portas e janelas da casa fechadas, eram aparentes os problemas que a mesma apresentava com relação à sua estrutura, pois a fumaça da cozinha chegava a todos os cômodos bem como a poeira e raios solares penetravam a residência pelos buracos no teto e pelas frestas das janelas. É perceptível esse quadro quando o narrador informa que o quarto estava com a “Janela fechada para não entrar o sol. Bobagem: o sol entrava pelas frestas das telhas em canudos redondos de faroletes. E, dentro deles, a fumaça da cozinha vinha brincar de virar cambota com os fiapos de poeira.” (PALMÉRIO, 1974, p. 58). Poeira, fumaça e um local abafado: assim se apresentava o quarto onde descansava o deputado na casa do Nenzinho na localidade do Carrapato. Nota-se assim que a relação personagem-espaco apresenta-se cada vez mais de forma constrangedora e a caracterização do quarto vai se tornando uma espécie de constrangimento para o mesmo.

A descrição de como estavam dispostos os objetos no quarto tem uma culminância no estado de saúde do enfermo e caracteriza bem a psicologia da personagem no atual momento de doença. Há uma luta entre o deputado e a terçã maligna que o dominara na chegada à localidade. Um quarto fechado entrando raios de luz misturados com fumaça advinda da cozinha e um mormaço forte. Calor, raios de luz e fumaça constituem um espaço totalmente adverso aos aspectos que condizem com um bom local de recuperação para quem está doente:

Do buraquinho de prego da folha da janela vinha o corisco de sol: fininho no começo, ia engrossando, engrossando, até bater na parede. Se viesse de topo, a marca de luz seria redonda; mas vinha oblíqua, e morria em elipse. Exatamente onde estava o dragão: bicho feio, cruz-credo! Cabeça de cobra, corpo de jacaré, asas de morcego. E botando fogaréu pela boca escancarada. São Jorge, esse, sim: de armadura, espada na mão, olhar sereno. Beleza de moço! Olhavam para a gente – ele, o dragão e o cavalo: parece até que pousando para retrato. (PALMÉRIO, 1974, p. 58).

Como que se em um átimo de vida o sol quisesse entrar naquele recinto para levar um pouco de luz à escuridão em que se encontrava o senso da personagem, o mesmo começava fininho e ia engrossando até colidir com a parede do quarto. E não se apresentava

como uma colisão comum, pois clareava o lugar onde estava disposto o quadro de São Jorge, o santo que luta contra um dragão. Várias características têm esse monstro. É formado por partes de vários animais perigosos e peçonhentos, que podem disseminar muitas ruindades à raça humana. Cobra, jacaré e morcego formando uma criatura que cospe fogo pela boca. “O dragão nos aparece essencialmente como um guardião severo ou como um símbolo do mal e das tendências demoníacas (...) Como símbolo demoníaco, o dragão se identifica, na realidade, com a serpente” (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 349). Há uma assimilação neste sentido, pois o local estava quente e na parede um quadro de um animal mitológico que expele fogo pela boca. Assim, como o jacaré e a cobra, também o morcego ataca sua presa pela boca. E é com a boca que o dragão expõe sua arma letal. Porém, há uma salvação. O bom moço São Jorge que luta em cima do seu cavalo pronto a combater o mal. Assim, importante lembrar que para Bachelard (2008, p. 344) “O caráter anormal da imagem não quer dizer que ela seja fabricada artificialmente. A imaginação é a faculdade mais natural que existe”. Se se leva em consideração a apreensão que o deputado nutre no espaço do quarto e a vontade de se curar e sair daquele espaço fica evidente o quanto o local de apresentava topofóbico para o político.

O deputado, quando sozinho no quarto, começa a refletir sobre o que acontece e se realmente continuará vivo para dar continuidade à disputa eleitoral. Após fazer uma minuciosa análise do quadro de São Jorge, lutando com o dragão, percebe uma interpretação mais profunda do referido quadro. Começa, então, a viver o que o local lhe oferece e a reviver os quartos que o mesmo conhece.

Pra aceitar a imagem, para ouvir a imagem, é necessário viver esse estranho murmúrio do sol que entra num quarto onde se está sozinho, pois de fato o primeiro raio *bate* nas paredes. Esses ruídos serão ouvidos também – para lá do fato – por aquele que sabe que cada raio de sol transporta abelhas. Então tudo zumbe e a cabeça é uma colmeia, a colmeia dos ruídos do sol. (BACHELARD, 2008, p. 228-229).

Aceita, assim, a realidade que vive. O deputado entende que precisa melhorar o estado de saúde para continuar a campanha política pelo sertão dos confins. Mas precisa primeiro libertar-se do quarto opressor e da doença que o assolam no determinado momento. Os ruídos na cabeça parecidos com o zumbir de uma colmeia de abelhas deixam o mesmo tonto e sem rumo. Importante salientar que tudo isso, a exemplo do ser oprimido dentro de um determinado espaço, acontece em meio à campanha eleitoral.

A questão da religiosidade apresenta-se na diegese desde o início. A igreja que caracteriza a Vila é a mesma administrada por padre Sommer. E ao longo do texto essa

religiosidade é praticada e apresentada em várias situações. Na casa do Nenzinho, na localidade do Carrapato, mostra-se um quadro de São Jorge montado em seu cavalo, pendurado na parede do quarto, em uma batalha com o dragão com múltiplas feições.

Necessariamente, a casa e seus aspectos negativos transcendem uma marginalização do espaço enquanto habitat natural. Isso porque as pessoas, casas, e até mesmo animais e plantas recebem uma caracterização em um sentido depreciativo. Porém, a receptividade que as pessoas dedicam ao deputado Paulo Santos e os demais companheiros políticos são de uma tônica muito humana e representa bem a questão existencial na obra *Vila dos Confins*, ou seja, o acolhem na localidade do Carrapato como se fosse um parente próximo ou um antigo amigo no qual todos os habitantes do lugar têm muito respeito e admiração.

2.6 A Casa da Fazenda do Boi Solto

Após sentir os males da maleita na localidade do Carrapato e juntamente com os amigos entender que aquele não era o local adequado para se curar, o deputado Paulo Santos é levado para a fazenda do Boi Solto. Com condições mais propícias em conforto e higiene, a casa grande da fazenda oferece um espaço amplo e arejado bem como com os cuidados de toda a família, inclusive da bela Maria da Penha, filha do Seu Sebastião. Após ter tomado dois comprimidos, o político já se sente melhor e quando chega à fazenda é notável que o mesmo fica cada vez melhor. Para o narrador de *Vila dos Confins*,

Uma semana inteira de repouso em nada prejudicaria a campanha. Sim, uma semana no mínimo – dormindo cedo, levantando-se tarde, pescando, armando alçapão para apanhar a filhotada de sofrês que já vira, na mesma hora que chegara à fazenda, saraivando de cantigas novas o pé de figueira-de-folha-miúda do curral, a árvore que dá sombra mais fresca e a que mais ajunta passarinho no tempo de fruta. E conversando no alpendre com Maria da Penha, ou passeando a cavalo com ela. Que diferença do Carrapato! (PALMÉRIO, 1974, p. 72).

O deputado, em seus pensamentos, achava que passar o dia inteiro no Carrapato era ruim e reclamava consigo mesmo, no entanto, a impressão era bem outra no que se refere ao fato de ter que ficar para o almoço e hospedar-se na casa da fazenda. Uma semana inteira, e mais interessante ainda é que, fica claro que essa semana inteira seria o tempo mínimo a passar por lá. É notável a diferença de expressão do espaço do Carrapato em relação à Fazenda do Boi Solto. Se na localidade do Carrapato o protagonista avista dois pássaros pretos, dois anus agourentos, na fazenda é o contrário. É como se o bando de sofrês o

recebesse com cantigas de boas vindas. Outros contrastes são percebidos quando se coloca em averiguação o espaço urbano/rural da corrutela em comparação ao espaço senhoril da fazenda. Agora, respira um ar fresco e não mais um ar pesado e quente que antes tragava e, possivelmente, tudo isso implica a melhora da saúde do deputado. Há ainda um último interesse percebido através do propósito do mesmo ser bajulado pela Dona Maria da Penha. Passeios a cavalo pela fazenda ou conversas a sós com a mesma no alpendre da casa levavam o doente a não querer mais sair daquele lugar. A chegada dos amigos da Vila, trazendo os remédios também condiz com a melhora do estado de saúde de Paulo Santos. E com uma surpresa: o grande e velho amigo Padre Sommer viera junto com os demais para dar apoio moral e espiritual ao doente. Daí a exclamação de quanta diferença havia entre os dois lugares. A fazenda torna-se assim um espaço topofílico, ou seja, a relação espaço-personagem é agradável e harmoniosa.

A melhora do deputado é evidente a partir do momento em que o mesmo muda de lugar. O psicológico da personagem confirma também a mudança do tempo em que acontece a narrativa, já que a temporada das chuvas se aproxima e deixa para trás a sequeidão e a falta de vida na caatinga. Assim, para o narrador “na direção da chapada alta começava a rolar pesados chumações de lã cinzenta. Chuva! Chuva, graças a Deus!” (PALMÉRIO, 1974, p. 73). E se para a maioria das crenças ocidentais a graça e as bênçãos vêm de cima, do céu, também de lá, da direção da chapada alta vinha a chuva. Chuva essa que significa fonte de vida e alegria e muita fartura para quem reside na zona rural. Mais vida encontrava também o deputado ao observar Maria da Penha e atribuir a ela vários adjetivos.

Paulo Santos apresenta sinais de melhora, tão como à natureza agrada com a chegada da chuva. Assim como ele sai da febre, a natureza também começa a devolver a graça da chuva com a maturação dos primeiros frutos. A água é uma substância que traz vivacidade a tudo, logo, é importante salientar que, nesse sentido, há uma metáfora com relação à vida de uma forma bastante intrínseca, uma vez que homem e natureza se fundem e confundem. “A água é a forma *substancial* da manifestação, a origem da vida e o elemento de regeneração corporal e espiritual, o símbolo da fertilidade, da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude”. (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 15, grifos do autor). Assim, pode-se notar o quanto a questão da metáfora ajuda na condução de legitimidade do texto enquanto um emaranhado de significados. Há uma maturação no pensamento político dos correligionários da União Cívica enquanto ouvem as belas histórias do Padre alemão. Cheiros e percepções do cerrado eram percebidos com a mudança da estação, como se lê em Palmério

(1974, p. 73): “É um começo também de vento fresco cheirando a araticum¹², sinal de que recém-chegava dos espigões da serra, lá onde a chuva malhara com vontade e já principiavam a madurar as primeiras frutas do cerradão.”

Como se nota, ficam de lado todas as dificuldades e a situação tem uma mudança de ares. Com saúde em perfeitas condições e fortalecido pela amizade do Padre e dos dias de repouso na casa da fazenda é hora de novamente ir recuperar o tempo perdido com a doença. É perceptível, na mudança climática, a presença do gradiente do olfato, pois, de fato, o vento carrega e dissemina o cheiro do araticum, que tem efeito perfumador e animador. É possível perceber que a personagem se relaciona com esse meio de forma positiva, o ar com a temperatura amena transporta o aroma da chuva e essências, trazendo ao mesmo tempo bem-estar e esperança. Conforme explicam Chevalier e Ghebrant (2012, p. 235) “a chuva é universalmente o símbolo das influências celestes recebidas pela terra”. Desse modo, assim como se lê na passagem citada, esse é um elemento essencial, responsável pela fertilidade e fecundação da terra, do alimento, é fonte de vida e de bem-aventurança. A chuva anuncia a presença da comida, figurando o gradiente do paladar, com a sugestão da chegada do período das frutas e o seu processo de maturação. Há a impressão de reconforto, sentimento esse que foge à realidade do homem sertanejo e da maioria dos espaços da obra. Nesse ínterim, esse excerto pode representar o paradoxo que acentua o drama e transcende a realidade das pessoas que vivem na linha espacial da seca, onde se impõe os grandes períodos de estiagem em contrapartida com a espera pelo período da chuva, significando a alternância benéfica e educadora entre as épocas de dificuldades e períodos felizes na vida.

¹² 1. Designação comum a várias árvores e arbustos, que ocorrem no Brasil, da família das anonáceas, espécie dos gêneros *Annona* e *Rollinia*, geralmente cultivados pelos frutos comestíveis, também muito apreciados pela fauna, ou, o fruto dessas plantas (HOUAISS, 2009).

CAPÍTULO III

O ESPAÇO DAS HISTÓRIAS DENTRO DA HISTÓRIA

3.1 A Furna

A narração de *Vila dos Confins* é construída em diferentes espaços nos quais as ações se desenrolam, tal como acontece em toda a narrativa. Percebe-se que a balsa, o rio Urucanã e as fazendas têm relevância bastante acentuada na obra, mas um dos espaços chama a atenção pelo efeito de sentido bastante eloquente apresentado por um dos personagens, a saber, o Padre Sommer. Esse local misterioso e de importante desfecho nas histórias do pároco é a furna. O cerrado é percorrido rio acima e nesse caminho acontece o ataque da onça preta ao acampamento, assim, também conduz os fatos da narrativa. Com o intuito de chegar às ruínas do garimpo, o religioso acaba encontrando outro tesouro. Trata-se de uma aventura atrás de um animal feroz cujo prêmio é a pele do mesmo que o padre apresenta na vila, bem como a história que conta com prenúncios heroicos da luta. Nesse contexto, faz-se necessário a observação de como o espaço literário pode determinar as ações futuras de uma narrativa a partir do sentido que direciona o acontecimento dos fatos. Tem-se assim uma história dentro da história.

Os fatos mencionados dizem respeito à luta do padre Sommer com uma onça preta que fora encontrada durante a noite em um acampamento. O animal ataca o local em busca de comida e acaba tomando por vítima um dos jumentos que carregava a tralha dos aventureiros durante a viagem. Trata-se de uma narrativa dentro de outra narrativa, portanto, uma narrativa hipodiegética ou narrativa enquadrada. Nota-se que ao apresentar essa técnica narrativa, outro narrador, e agora não o protagonista Paulo Santos, dá vida à história que se passa no meio do mato e que alonga o tempo da narração. É importante salientar que

[...] todo o texto narrativo implica a mediação de um narrador: a voz do narrador fala sempre no texto narrativo, apresentando características diferenciadas em conformidade com o estatuto da *persona* responsável pela enunciação narrativa, e é ela quem produz, no texto literário narrativo, as vozes existentes no texto – vozes de eventuais narradores *hipodiegéticos* e vozes de personagens. (AGUIAR E SILVA, 2010, p. 759).

O texto é narrado em primeira pessoa, logo, o que se verifica, é a voz narrativa do padre Sommer e não a voz narrativa do protagonista Paulo Santos. Dessa forma, na história da luta entre o religioso e o animal, não é mais o político que conta o fato, mas uma personagem

que assume a ação nesse determinado momento. Tendo isso em vista, pode-se considerar o que afirma Aguiar e Silva (2010), pois, acontece o alongamento do tempo da narração onde o narrador instaura uma espécie de narrativa segunda e a enxerta na diegese primária, ou seja, uma história dentro da história.

A função do espaço nesse sentido é de situar a personagem no contexto espacial em que a ação se desenrola e fazer com que ele tenha a percepção do local para movimentar-se. Uma questão muito intrigante é como essa percepção dos sentidos faz com que a personagem se dimensione e se localize dentro da fuma: alternadamente, pelo cheiro, o padre consegue perceber se a onça está ou não dentro do buraco. Como as cores também são determinantes na produção de sentido, a cor preta e a escuridão desse lugar representam o desconhecido e o perigo daquilo que não é visto, considerando-se ainda que a cor predominante da onça a deixa invisível em consonância com a fuma: ela também é preta. Outra questão muito importante no estudo do espaço literário é o espaço linguístico utilizado na obra, assim palavras como “cova” e “loca escura” representam bem as dificuldades e os perigos de acesso ao local.

Mesmo antes da batalha, tem-se a exata noção da distância da personagem em relação ao animal. Altura e largura são descritas, demonstrando como as coordenadas espaciais relacionam-se e contribuem para o encadeamento das ideias. Dessa forma, ao entrar na fuma, o caçador procura a onça primeiro pelo alto, já que pelo peso e agilidade da jaguarana seria impossível sobreviver a um ataque de cima para baixo.

Vasculhei toda a gruta, palmo a palmo: primeiro pelo alto, prevenindo um salto traiçoeiro. Não ficou uma saliência, uma rachadura na pedra, sem vistoria. E nada! Teriam os cachorros se enganado e seguido um rastro velho? Haveria outra saída por onde escapara a onça preta? Examinei tudo de novo, sempre de costas para a parede de pedra sem sair do lugar. O fedor de carniça continuava, e eu não via nenhum osso, nenhum resto de bicho morto. Misterioso aquilo. (PALMÉRIO, 1974, p. 87).

Sabendo que a onça é traiçoeira, o padre faz uma cautelosa varredura na fuma, a fim de encontrá-la e mantê-la em seu campo de visão. O animal se utiliza de traição, ou seja, ataca sorrateiramente, sem que seja percebido, mas seu adversário também tinha sua técnica de segurança. Procurava pela onça com as costas no paredão de pedra de forma que nada o atingisse por trás. O espaço fazia-se misterioso à medida que Padre Sommer não encontrava nenhum resto de animal, ossos que a onça não conseguisse devorar e ficassem espalhados pela fuma. A gruta apresentava outra dificuldade: as rachaduras na pedra podiam esconder a onça preta. Embora que, em determinados momentos, transpareça um leve sentimento de medo, não escapa a noção de topofilia entre personagem e espaço. O sertão, necessariamente o

cerrado fechado, era propício a muitos perigos, mas também a muitos atos de peripécia e heroísmo. E o que não falta na estrutura narrativa da obra *Vila dos Confins* são esses espaços do interior do Brasil, com seus rios, matas e currutelas sendo cenários bem comuns para conflitos e aventuras. O romance em análise presta-se muito bem a retratar essa realidade.

3.1.1 A Furna e a Percepção dos Sentidos

Através da narrativa de Palmério (1974) é possível ter-se a exata noção de como a percepção dos sentidos condicionam a sequência de fatos em um determinado espaço apresentado em uma obra literária. Sabe-se que a visão é um dos principais sentidos e que, a partir dela, as personagens localizam-se dentro do espaço apresentado pelo narrador. Mas, no caso da furna, esse é um dos sentidos em que o Padre Sommer não pode confiar, pois a mesma além de ser muito profunda é muito escura, o que torna a ação difícil e perigosa. Dessa forma, a personagem precisa contar com outros artifícios em que os outros sentidos lhe proporcionam melhor desempenho na luta, como o tato e o olfato, uma vez que as lanternas não são uma fonte inesgotável de luz e que se a luta com o animal for demorada dentro da loca a mesma pode não suportar um longo período acesa. Percebe-se assim que a furna apresentada é cheia de obstáculos, e nesse caso todos os sentidos têm fundamental importância nos atos desempenhados pelo religioso dentro do buraco profundo e escuro. A entrada na furna já apresentava grandes dificuldades:

Com a lanterna acesa e amarrada no cabo da zagaia, entrei de joelhos no buraco. Mas a abertura era só no começo: à medida que eu ia entrando, a caverna se alargava e ficava mais alta, permitindo que eu caminhasse de pé. Fui indo, fui indo, a luz da lanterna clareando o buraco, até que cheguei a uma espécie de salão grande como esta sala. (PALMÉRIO, 1974, p. 98-99).

A furna era cheia de adversidades, desafios e mistérios. Presume-se que a entrada da furna era muito estreita e de difícil acesso, pois a personagem precisou ajoelhar-se para entrar, uma referência habitual para um padre, já que, no cristianismo, pôr-se de joelhos é uma atitude comum quando se faz uma oração. Além disso, aproximar-se da terra, do chão, do *humus* é, naturalmente, um ato de *humildade*, devoção e respeito. Após a passagem com dificuldades, a visão apresenta um espaço grande e que pode ser comparado a uma sala, a mesma em que o Padre-caçador conta a sua história de bravura e heroísmo na caçada da fera, a onça preta, a mais brava e perigosa do Sertão dos Confins e que as pessoas do lugar achavam ser até “causos de caçador” a existência da mesma. O fato é que ainda nesse

momento a visão era perfeita e não demandava tanto a necessidade de uso dos outros sentidos para a aferição do espaço. Mas como já foi abordado que a cova era cheia de obstáculos e o Padre havia vasculhado todo aquele salão, anteriormente foi necessário usar outro sentido para tentar perceber se a onça estava ou não por perto. O gradiente sensorial do olfato é utilizado pelo padre para tentar encontrar o animal na busca de cheiros, ou melhor, maus cheiros de forma que se sabe que esses felinos por caçar suas presas e mantê-las em um determinado local para se alimentar durante alguns dias o cheiro exalado pela jaguarana é sempre muito forte, assim como se pode perceber na afirmação do narrador de que “a catinga de carniça tinha apertado, um bafo podre que chegava a provocar ânsia de vômito” (PALMÉRIO, 1974, p. 86).

Além da visão e do olfato, há ainda mais três sentidos que se devem levar em conta em uma obra literária na busca de entender o espaço da mesma. São eles: audição, tato e paladar. Para Borges Filho (2007, p. 69) “O ser humano se relaciona com espaço circundante através de seus sentidos.” Percebe-se dessa forma que, quanto mais difícil de usar o gradiente sensorial da visão mais complicada se torna adentrar na fuma. Faz-se necessário então o uso das demais formas de percepção do local onde se encontra a personagem. Na passagem que segue fica claro o uso do tato, do olfato e da audição:

Esquisita, mesmo, aquela loca! Nem um rosnado, nem um sinal de vida da onça; só o barulhinho da água a pingar da parede. A catinga aumentava cada vez mais, e nem me deixava respirar direito... Dei mais um passo, mais outro, e de repente a coisa trovejou. Não sei se por causa dos ecos provocados pela passagem torta em forma de túnel, ou se por causa do imprevisto ou do medo que eu já sentia, o fato é que o miado da jaguarana foi o gemido mais furioso, mais agoniado que eu já escutei em toda a minha vida. (PALMÉRIO, 1974, p. 99-100).

Percebe-se assim que é a união de todos os sentidos que faz com que o Padre Sommer procure incansavelmente pelo animal dentro da fuma e obtenha êxito ao encontrá-lo escondido bem no fundo da fuma. Pode-se pensar que se a personagem não pudesse contar com todos os seus sentidos talvez o desfecho da narração fosse bem diferente. É importante salientar também, que foi a luz da lanterna que o ajudou a encontrar o animal, porque podia ver os olhos da fera refletirem no foco que disparava. A cor da onça ratifica o perigo que o ato dispensava, e dentro de um buraco escuro só mesmo pelo olfato e pela audição para percebê-la. Assim, o padre se mantém a uma distância segura para não ser atacado de surpresa pelo animal feroz. E essa percepção do espaço faz com que o embate aconteça de forma lúcida pelo Padre alemão. Como não é uma luta entre dois seres da mesma espécie percebe-se que o ser humano usa de diferentes recursos para enfrentar o felino e tentar vencê-lo. O interior da

furna é um espaço mais propício ao animal selvagem que propriamente a um ser humano, combatente que não consegue saltar uma distância muito grande e nem tem peso e garras tão agudas quanto às de uma onça quando esta se encontra em seu habitat natural.

A furna apresenta-se de forma claustrofóbica à personagem do Padre Sommer. Para Borges Filho (2007, p. 158-159) “quando o espaço se aproxima do nefasto, temos a topofobia. No campo semântico da topofobia encontramos, entre outras situações, a **claustrofobia** e a **agorafobia**, que definem antiteticamente algumas das relações topofóbicas com o espaço”. Quanto mais o aventureiro entra na toca, mais esta se torna escura e o leva a sentir-se preocupado com o que lhe espera. Começa a apresentar até dificuldades para respirar pelo fato de que a catinga era percebida com frequência e cada vez mais forte. Nesse contexto, observar-se-á que a percepção que o religioso tem nesse instante o conduz a um sentimento de medo, de morte. Para o Padre Sommer,

A catinga aumentava cada vez mais, e nem me deixava respirar direito. Cheguei a vacilar, que avançar mais já me parecia ser mesmo uma temeridade, uma ofensa a Deus, como havia dito o Cearense. E se a lanterna se apagasse? E se eu escorregasse naquele chão visguento de lodo? Confesso a vocês que comecei a sentir medo, e eu sabia que o medo queria dizer morte certa. Voltar era impossível; ficar parado esperando pela onça, loucura pior ainda, que a lanterna acabaria se apagando. O remédio era acabar o começado, fosse lá o que Deus quisesse. (PALMÉRIO, 1974, p. 87)

A furna é percebida de diferentes formas e dimensões. Observa-se que, quando o Padre se aproxima do animal, sente o espaço fechado e o medo começa a tomar conta de seus sentimentos. Relembra o que o amigo de acampamento o aconselha, mas já não há mais outra opção a não ser enfrentar o felino que se encontra no local. Nota-se que no espaço da furna a sensação de claustrofobia leva o aventureiro religioso a indagar se seguir adiante com a perseguição da onça não pudesse ser até mesmo uma ofensa a Deus, pois o local se apresentava bastante impróprio para a luta.

Numa acepção mais contundente, é possível analisar a furna a partir de algumas concepções de romance nas quais se encaixa o espaço descrito na obra. Como é uma obra de cunho regionalista e do sertão de Minas Gerais, fica bem evidente que existir uma furna, ou seja, um buraco profundo ou caverna no meio da mata fechada seria bem comum. E a partir desse enredo, o narrador de *Vila dos Confins* atribui a essa natureza um ar de perigo e aventura, quando contrapõe homem e animal em locais extremamente desconhecidos para ambos. Para um animal, é evidente que esta é uma situação um tanto quanto mais normal, mas para um ser humano, as limitações ali lhe impostas são latentes. O que não parece normal é a definição de lutas entre homem e animal, pois é comum que animais sejam sempre presas

para o ser humano, que é bem conhecido como um ser dotado de “inteligência” que imprime sua supremacia ao animal irracional. Mas é importante salientar que o homem do século XX já estava bem mais acostumado com a vida em sociedade civilizada e, portanto, perdera a agilidade e perspicácia necessária para lutar de igual para igual com um animal mais corpulento e ágil.

Nota-se que o gradiente sensorial da audição vai tomando cada vez mais importância na narrativa do ato ocorrido na fuma. Todo tipo de sentimento de medo é exteriorizado pelo padre aventureiro quando está prestes a iniciar a luta e afirma ter ouvido um gemido “rouco e trêmulo, pragas e ameaças misturadas com o ranger dos dentes e um rosnar desesperado” (PALMÉRIO, 1974, p. 88). Todos esses sentimentos são dinamizados na narrativa e têm sentido no romance porque o espaço em que acontece a ação possibilita tal estado psicológico da personagem. O narrador faz uma intertextualidade com as escrituras bíblicas quando se refere à questão de ranger dos dentes. Se for feita uma busca mais profunda nas escrituras bíblicas será encontrado em Lucas, capítulo 13, que “Ali haverá grande lamento e ranger de dentes...”. É possível então notar que pelo contexto haveria naquele espaço um embate que o ranger dos dentes de um dos seres seria acentuado, que a dor e o sangue correriam em desatinada luta sangrenta, com muito sofrimento para ambos os gladiadores.

3.1.2 O Sentido da Água e o Caminho para a Fuma

A água, como um dos elementos básicos da natureza encontra-se muito presente na narrativa de Palmério. No percurso do texto, ressalta-se o caráter providencial de sua existência. Ao lado dela, desencadeiam-se várias passagens marcantes e de fundamental importância para o desfecho da história. Se se observa o que ocorre no lago existente na fazenda do Boi Solto, de propriedade do Senhor Sebastião, pai de Maria da Penha, temos um prenúncio do que vem a acontecer na sequência dos fatos. O Deputado Paulo Santos, encantado pela bela e viúva Maria da Penha, após indícios e insinuações de que a mesma apresentava interesse em ter um caso amoroso com o Deputado, marcam de se encontrarem à beira do córrego, numa noite de lua cheia.

Eis o que vem a acontecer:

Mas Paulo não chegara ainda à porteira grande, e um berro feio – berro de boi erado – quietou os grilos e fez a tropa reunida junto ao cocho levantar os pescoços e empinar as orelhas. Berro que não parava, comprido, agoniado, terrível. Só uma vez,

em menino, Paulo ouvira coisa igual: fora na fazenda, quando assistia à castração da garrotada de corte, serviço bruto... Urro pavoroso... Pois era uma coisa assim – aboio trêmulo e desesperado – que enchia a fazenda do Boi Solto, vindo do lado da lagoa. (PALMÉRIO, 1974, p. 106).

Acontece que, no exato momento em que o Deputado sai da casa para o encontro com a viúva, um fato marcante destrói os planos dos dois. O político e a filha do dono da casa haviam combinado um encontro assim que todos se recolhessem para dormir. Porém, o ataque da serpente ao bezerro muda totalmente os rumos desse encontro porque os berros do animal atacado acordam todos na fazenda. Nota-se que o ato amoroso que estava prestes a acontecer em um espaço marcado pelo frescor e tranquilidade não é consumado. Como se lê em Palmério (1974, p. 106) “Onde se encontrariam? Longe de casa, com certeza, no escuro sossego do bambuzal do córrego...” é perceptível que ambos queriam se afastar da casa e buscar um lugar de paz para o encontro. Porém, esse espaço apresenta-se marcado por oferecer um sossego no qual não podiam ser vistos os perigos, pois era escuro. E a água do córrego corria para a lagoa onde a luta entre a serpente e o boi se passa.

A água é um elemento que conduz e propicia a vida, até o corpo humano é formado por mais de 70% dela. Nesse contexto do devaneio, Bachelard (2013) apresenta a ideia de fim de percurso, elemento amigo e companheiro da morte. Como se não bastasse, a desgraça da doença que atacou o Deputado, agora sua vontade de ir ter com Maria da Penha é também interrompida. O fato da castração de bezerros quando Paulo Santos ainda era menino e de o negociante Nequinha Capador estar presente na fazenda retomam uma discussão antiga e comum no interior. Os pais castravam o pretendente da filha, se o candidato a genro tivesse relação com a moça antes do casamento. Estaria Paulo sujeito a isso? Teria uma sucuri, ao matar um bezerro na lagoa, salvado a pele do político? O fato é que Paulo escapou por pouco, de pelo menos, uma desfeita muito grande com o homem que o recebeu e deu abrigo enquanto se curava da maleita. A interrupção do encontro com Maria da Penha vem do lado da lagoa, onde uma sucuri ataca um bezerro cego de um olho e o leva às profundezas da mesma. Berro feio, urro pavoroso: são essas as denominações direcionadas ao acontecimento e que representa bem o estado psicológico em que se encontrava o Deputado. Mas cabe analisar a água também no contexto da lagoa, no sentido de esse representar um espaço de atração e refúgio. E com água límpida e refletindo um espelho, tornando-se ela perigosa. Nota-se claramente a intenção de trabalhar a água como um elemento que representa o perigo e a morte anunciada.

Porém, no devaneio da água, pode-se perceber que a mesma implica várias possibilidades na interpretação e análise de uma obra. Nunca a utilização desse elemento é inocente, ou seja, sempre aparece carregada de sentidos.

Segundo Bachelard (2013, p.49),

[...] podem-se descobrir as duas águas, a da alegria e a da dor. Mas não existe apenas uma lembrança. Nunca a água pesada se torna uma água leve, nunca uma água escura se faz clara. É sempre o inverso. O conto da água é o conto humano de uma água que morre. O devaneio começa por vezes diante da água límpida, toda em reflexos imensos, fazendo ouvir uma música cristalina. Ele acaba no âmago de uma água triste e sombria, no âmago de uma água que transmite estranhos e fúnebres murmúrios.

A água pode conduzir a um devaneio que contraste com o que se percebe na narrativa, porém, pode levar a possibilidades de alegria e de dor. Assim como é essencial para a vida, seja para a natureza quanto para o corpo humano, ela pode proporcionar também a dor e o sofrimento. A água da lagoa é bonita e cristalina para quem a admira, mas para o boi que buscava saciar a sede após comer o sal que estava no cocho ela se torna nefasta e fúnebre. A lagoa transforma-se em um espaço de pavor e prenúncio de morte para o boi quando a sucuri o arrasta para dentro da mesma. Contata-se que o triste murmúrio da água pode ser relacionado com o triste berro do boi que sem possibilidade de reação vê-se no leito de morte ao ser dominado pela cobra e arrastado para as profundezas da lagoa.

A água exerce assim uma força muito grande na narrativa de *Vila dos Confins*. É possível notar que de uma forma bastante latente aparece na obra em várias situações. E dentro da fumaça não é diferente, pois pelo fato de o buraco ser escuro e de dimensões muito extremas, apresenta um grau de dificuldade considerável se se pensa no perigo que o Padre Sommer correu dentro da mesma. Bachelard (2013, p. 93) afirma que “a água comunga com todos os poderes da noite e da morte”. Consegue-se, então, depreender dessa afirmação que a definição feita pelo narrador mostra, de forma sucinta, como esse espaço pode transformar-se num ambiente propício a um acontecimento macabro, na medida em que o religioso valente luta contra o animal até tirar a vida de seu oponente.

Ao que se pode notar, a condução da narrativa leva a um emaranhado de fatos e situações que direcionam os aspectos no sentido de entendermos como o escuro da fumaça e a referência ao escuro das trevas têm uma estreita relação com os fatos ocorridos naquele espaço comum no centro do Brasil no início da segunda metade do século XX. Por isso, é importante frisar que

Apesar de os espaços a que estamos expostos durante nossa existência serem extremamente variados, ainda mais variada que eles é a percepção que cada um tem do espaço em que se localiza. Cada ser percebe diferentemente o mesmo espaço. Dois seres colocados ao mesmo tempo no mesmo espaço terão opiniões diversas sobre ele. E isso, que vale para as pessoas, vale igualmente e com mais razões para os grupos sociais. Essas variações se devem tanto à formação cultural de cada um que, ao longo dos anos, foi recebendo padrões de interpretação específicos, mas também se deve à própria constituição física, genética de cada ser particular. (BORGES FILHO, 2007, p. 71-72).

Se essa percepção se dá de diferentes formas em seres da mesma espécie, por exemplo, na raça humana, deve-se lembrar de que a onça reage de outro modo. Esse é um animal “irracional” e percebe o espaço da fuma de uma forma diferente da de um ser humano. Já o homem, em um ato de desespero, se enloca, na tentativa de se esconder e salvar a própria vida, porém, acontece o contrário. Para o narrador de *Vila dos Confins*,

Nem pe. Sommer, nem o Vasco da Vacaria, zagaieiro ou caçador nenhum sabe explicar direito a última e suicida decisão da onça quando se entoca. Lá fora, a ramagem alta do mato dá-lhe todas as vantagens da luta: ali não chegam os cachorros nem a visada do caçador – é a largueza, são os mil recursos onde se apoiarem suas mil formas de velhacaria e de força descomunal. Sim, bicho nenhum tem mais força, astúcia, e agilidade. [...] Pois é um bicho desses, velhaco que só, que acaba cometendo a suprema tontice, desorientado talvez pela perseguição implacável dos cachorros. Enlocou-se, morreu. (PALMÉRIO, 1974, p. 85).

A personagem acaba cometendo um erro e indo para um espaço fechado, ficando acuado e sem possibilidades de fuga, o que poderia encontrar, sobretudo, se fosse para um espaço aberto. Mas na narrativa, independente disso, é assim que percebe melhor o interior da fuma e imagina imprimir uma superioridade em relação à onça, no que tange às malícias e velhacaria que o felino pudesse colocar em prática se estivesse no mato vasto e aberto. Além disso, o padre coloca cachorros para acuar e perseguir a onça. Depende, pois, do auxílio deles para localizar a jaguarana. É com o reforço dos animais caninos que o caçador descobre o esconderijo da onça-preta. Como o olfato dos cães é superior ao humano, Kurt e Blitz, os cachorros do Padre Sommer, descobriram que ela tinha se escondido na fuma. Ali, foi possível verificar que ela se refugiou para esconder o jumento que tinha atacado no acampamento e esconder a si mesma do caçador e de seus cachorros.

No que se refere à questão da água relativa aos acontecimentos e fatos, tanto dentro, quanto no caminho para a fuma, foi imprescindível uma análise do lugar para o entendimento da história e do que ele implica dentro da narrativa. Mas o elemento “rio” também guarda segredos. É onde a onça consegue desempenhar uma astúcia diferenciada. Esse é um local propício para sua sobrevivência, bem como cúmplice e aliado nas artimanhas

para caçar e abater suas presas. Nesse contexto, também as águas do rio ajudam-na a ser um animal misterioso.

No rio, aquele outro mistério: vem a pintada nadando, nadando, sem bulha na água, só a cabeça de fora e de repente... lá se pinchou ela! E aonde? No galho da gameleira, alto de dois metros, debruçado sobre o rio. Firmou-se em que, onde apoiou as patas, onde achou a necessária resistência para o salto na árvore? Ninguém sabe: o rio é fundo, água só... (PALMÉRIO, 1974, p. 85).

Mais uma vez a água apresenta-se de forma concisa e com primordial importância na sequência da narrativa. Não somente a água parada da lagoa guarda segredos, mistérios e perigos, mas também a água corrente do rio auxilia um animal e implica perigo para o ser humano. Já na fumaça, trata-se de uma água que mina e torna o espaço com lodo, escorregadio, tornando-o ainda mais perigoso. Portanto, encontram-se três formas diferentes de representação da água: a água parada, a água corrente e a água que mina.

À medida que o Padre entrava na fumaça na caça da onça, o espaço se tornava cada vez mais escuro e abafado. A cor predominante nesse contexto é o preto, uma forma de implicar o escuro e levar a uma assimilação com as trevas. Além da onça, o paredão de pedra da fumaça também era preto. Para Palmério (1974, p. 88) “Beleza de animal! Preta, preta como a parede de pedra em que se apoiava”. Nota-se assim que a simbologia do preto que converge com o escuro mantém uma relação de proximidade com a escuridão e a morte. Dessa forma,

Do ponto de vista da análise psicológica, nos sonhos diurnos ou noturnos, bem como nas percepções sensíveis no estado de vigília, o preto é considerado como a ausência de cor, de toda luz. O preto absorve a luz e não a restitui. Evoca, antes de tudo, o caos, o nada, o céu noturno, as trevas terrestres da noite, o mal, a **angústia**, o inconsciente e a Morte. (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 742, grifos do autor).

A partir de tal constatação, é possível afirmar que o espaço de lutas em que se encontram o Padre Sommer e a onça converge para o caminho do caos e da angústia de maneira que apenas um dos dois sobreviverá. O religioso procura o felino e o espera em vigília até que o mesmo aparece e a luta acontece. A água aparece mais uma vez com veemência no texto, funcionando como uma coordenada espacial para os aventureiros que buscavam o garimpo às margens do famoso rio Emburradão. O rio Urucanã descia à direita dos caçadores nos quais se encontrava o Padre Sommer, os cachorros do padre, Kurt e Blitz, o Jovino, filho do cearense e mais três garimpeiros. Se for pensada a questão topoanalítica de que histórica e simbolicamente as coisas boas estão ligadas ao lado direito e as más ao esquerdo, é possível fazer uma assimilação de como será o fim da narrativa do ato em

questão. Observa-se que de um modo camuflado, as coordenadas espaciais podem também fazer a função de antecipação da narrativa. Segundo a narrativa,

Viajamos nove dias, pelo espigão, acompanhando o rio, que descia à nossa direita. Enquanto subíamos o Caracol, topávamos com sinais largados pelo Cearense: picadas, restos de fogo, borra de café. Quando alcançamos os garimpeiros, era noite, e a fogueira do acampamento deles nos guiou. Cearense já estava de volta e nos contou o acontecido: [...] Cearense e os companheiros tinham sido assaltados por uma onça preta. A coisa se deu à noite, no acampamento de fogo aceso e sentinela armada. (PALMÉRIO, 1974, p. 78).

A coordenada espacial referente ao lado direito do Rio Urucanã conduz o texto numa perspectiva de que os que estão à direita serão salvos de qualquer mal. Mais uma vez se retorna à questão dos escritos bíblicos, perceber-se-á que Jesus Cristo está sentado à direita de Deus Pai. O Padre aventureiro subia a Caracol. Pode-se entender dessa forma que para as religiões e crenças ocidentais geralmente é entendido que o céu está para cima, para o alto. Algumas analogias são importantes nesse quesito que diz respeito ao ato interpretativo e conduz a narrativa a um espectro de amplo entendimento. Fazem-se necessários então alguns questionamentos relativos à transmutação dos mitos e fatos históricos inseridos no contexto das narrativas fictícias. Há uma dualidade persistente no texto em relação ao sagrado e ao profano, ou melhor, entre as coisas do céu e as coisas da terra. O Padre é de origem alemã, portanto como fica evidente na narrativa, branco, “puro”, um homem a serviço das coisas de Deus e do bem dos homens. Ele busca exterminar um animal que assaltou seus companheiros e roubou um animal de sela. Interessante salientar que o animal era de cor preta, cor predominante das trevas, e o fato aconteceu à noite, quando tudo fica mais perigoso dentro da mata fechada. O que é evidente nesse aspecto é que dessa forma fica claro o que de real acontece na narrativa de *Vila dos Confins* e que o autor transforma em ficcional. Saliente-se, pois, que a caverna denominada como fuma apresentava espaços inóspitos que conduzem a uma descendência de formações rochosas que podem ser redimensionadas para um estudo espacial mais conjuntamente depurado.

Quando o narrador da referida obra trabalha com a definição da veia de pedra parecida com a coluna de sustentação de uma igreja para descrever o interior da fuma, é perceptível a alusão a um local onde o sagrado detona e mata o profano. Dessa maneira a questão bem X mal, escuro X claro, Deus X demônio têm uma relevância muito grande no que diz respeito ao estado psicológico que a trama imprime sobre a personagem na qual o ato de luta se desenrola no fim do ato na loca de pedra. E essa pode ser entendida como uma

função espacial dentro de uma obra literária: apresentar, através do estado psicológico de uma personagem, o espaço em que se encontra e a relação entre ser e lugar.

Como se trata de uma narrativa cujo tema central é a política partidária, faz-se necessária uma abordagem sobre tal questão. Percebe-se que há uma luta entre homem e animal no contexto da história narrada pelo Padre alemão. Ao conseguir matar a onça, o “animal racional” consegue impor a hegemonia sobre o “animal irracional” de forma que, ao vencê-lo, o religioso se torna o ser dominante. Podemos, nesse caso, comparar esse enfrentamento também com a luta política na disputa pela prefeitura de Vila dos Confins. Ao final do pleito, o candidato Chico Belo supera o amigo do deputado Paulo Santos, João Soares, e vence a primeira eleição do município por uma diferença de oito votos. Verifica-se, então, uma luta de classes onde há dominantes e, conseqüentemente, dominados. Pelo fato de Chico Belo dispor de um poderio financeiro e dominar pessoas ligadas ao poder público, o mesmo usava de tais meios para sobressair na disputa eleitoral e obter êxito. O coronel dominava as pessoas simples, humildes, tanto pela carência de bens físicos destes quanto por imposição de suas vontades através dos mandos e desmandos de um delegado de polícia que se encontrava no município e trabalhava na defesa dos interesses do primeiro prefeito de Vila dos Confins.

3.2 O Espaço e a Luta pelo Poder em *Vila dos Confins*

O espaço de lutas e domínios no sertão de Minas Gerais é uma temática das obras de Mário Palmério. O autor conheceu de perto a realidade nua e crua dos espaços descritos em *Vila dos Confins*. Assim, a análise do espaço nesse livro de Palmério se faz necessária, pois aborda temas relevantes como política, identidade e dominação. O capítulo oitavo também apresenta-se como uma história dentro da história, uma narrativa hipodiegética, e narra as aventuras de um galo velho que ainda sonha continuar dominando o espaço da fazenda em que habita.

Um texto literário se diferencia de um não literário também pela forma que a linguagem do mesmo é estruturada. Baseado em uma linguagem conotativa, a narrativa literária propicia várias interpretações do mesmo texto. Ela transcende a função referencial da linguagem, ou seja, não tem apenas a pretensão de informar. Assim, é importante salientar que o discurso utilizado no dia a dia para a comunicação conta com um vocabulário muito parecido com aquele utilizado em uma obra literária. Porém, há uma grande diferença no que

diz respeito à significação. A literatura não se preocupa com a verdade científica, mas faz o homem refletir acerca dos problemas que a sociedade enfrenta.

A fala ou discurso é, no uso cotidiano, um instrumento da informação e da ação. A significação das palavras, nesse caso, tem por base o jogo de relações configuradoras do idioma que falamos. Vincula-se a uma verdade de correspondência (...) o mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística. O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais, e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração do objeto estético. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 7).

A estrutura do texto literário, por assim dizer, permite a utilização de estratégias que acarretam uma diversidade de interpretações. A representação feita a partir da fazenda do Boi Solto de forma a representar uma cidade em que habitam aves tem o intuito de transcender a percepção humana bem como fazer com que o leitor assimile as relações de poder que o circundam. Nota-se no texto de Palmério (1974) que a linguagem ancorada na conotação e em metáforas representa a estratégia chamada literariedade.

Em texto de 1972, Algirdas-Julien Greimas acentua a relatividade do conceito, ao vincular a interpretação da literariedade, ou seja, das características que tornam 'literário' um texto, "a uma conotação sociocultural e a sua conseqüente variação no tempo e no espaço humanos. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 10).

O tempo e o espaço condizem perfeitamente com o texto de *Vila dos Confins* (1974) de forma a representar a estrutura das vilas e cidades no contexto histórico-social em que se insere a obra. Nesse aspecto, faz-se necessário explicitar que "o ficcional não se confunde com falso: nele se abriga alguma coisa captada da realidade". (PROENÇA FILHO, 2007, p. 10). É possível essa assimilação se levar em consideração que em qualquer fazenda do interior, no sertão de Minas Gerais, pode-se vivenciar uma noite cuja "lua crescente, lindeza de pedaço de lua clareando toda a fazenda"(PALMÉRIO, 1974, p. 70).

3. 2. 1 Espaço, Percepção e Dominação espacial

Há várias formas de se focar os espaços numa obra literária. E os cinco sentidos têm importância primordial nessa construção. Assim, "deve-se perceber de que maneira os sentidos estão atuando na relação do espaço com a personagem" (BORGES FILHO 2007). Diante disso, far-se-á uma discussão acerca da seguinte passagem do capítulo oitavo de *Vila dos Confins* (1974). Para o narrador,

A voz ainda saía bonita, forte, alcançando longe. Pena o som meio rachado – donde o apelido de João Fanhoso, que lhe pregara a Argemira, mulatinha metediça, espevitada, mestra em botar nome nos outros. O canto do Galo solou cheio, melodioso, dentro da noite clara. Passou pela ameixeira alta do paiol, atravessou os currais, o mangueiro, e planou trêmulo por sobre o bambuzal do córrego – tempinho só de deixar cair meia-dúzia de ecos nas touceiras verde-amarelas. (PALMERIO, 1976, p. 75, 76).

Ao descrever que a voz do galo alçou bonita e forte, o narrador de *Vila dos Confins* faz um elogio ao canto do galo, mas quando utiliza o advérbio de lugar *longe* se faz presente a percepção do espaço pelo gradiente sensorial da audição. É necessário esclarecer que “como existe a variação de proximidade/distância nos sentidos em relação ao espaço, adotou-se, nesse item da Topoanálise, a terminologia **gradientes sensoriais**” (BORGES FILHO, 2007). Mas, aprofundando na análise do vocábulo em questão, percebe-se que o mesmo denota uma percepção de que o espaço percorrido pelo som do canto do galo alcançou uma longa distância. Saliente-se ainda que para BORGES FILHO(2007), “por gradientes sensoriais, entendem-se os sentidos humanos: visão, audição, olfato, tato e paladar”. Na sequência apresentada pelo estudioso supracitado, esse gradiente tem fundamental importância nos estudos de cunho topoanalítico, além de contribuir para uma pesquisa mais enfática na obra. Ora, se a voz ainda está forte e bonita, é sinal de que o galo ainda tem forças para dominar o terreiro por muito tempo.

Porém uma voz rachada pode não soar como força e beleza, e sim como um ponto de fragilidade no galo. Aplique-se a isso a situação em que o Deputado Paulo Santos se encontrava e perceber-se-á uma grande similaridade com estado de saúde em que o político se encontrava naquele momento. Nota-se ainda na passagem que os adjetivos usados para descrever a Argemira, *metediça e espevitada*, são extremamente racistas e coincide com um Brasil que ainda não havia assimilado a inclusão de todo o povo para usufruir de todos os direitos que um cidadão comum hoje tem acesso. Assim como a maioria dos políticos são vistos, é percebida também uma falha no galo, desde os tempos de formação do seu canto. O som da voz do galo atravessa uma distância considerável de forma que dá para perceber e notar também o quanto a fazenda era de dimensões exorbitantes. Os verbos *passou, atravessou e planou* condizem bem com a situação de momentos e apresenta um espaço bastante amplo de modo a engrandecer o domínio do espaço ocupado pelo mesmo.

E como o espaço é um dos elementos da narrativa em que este estudo se desenvolve, é importante salientar que,

Apesar de os espaços a que estamos expostos durante nossa existência serem extremamente variados, ainda mais variada que eles é a percepção que cada um tem

do espaço em que se localiza. Cada ser percebe diferentemente o mesmo espaço. Dois seres colocados ao mesmo tempo no mesmo espaço terão opiniões diversas sobre ele. E isso, que vale para pessoas, vale igualmente e com mais razão para os grupos sociais. (BORGES FILHO, 2007, p. 71).

Nesse sentido, fica claro o quanto cada personagem percebe o espaço em que ocupa. E a variação desses espaços é que torna a dinâmica dos fatos da narrativa condizentes com cada acontecimento existente na trama. O Deputado Paulo Santos, homem de cidade grande e com vida mais na capital do que necessariamente nas cidades do interior, percebe o espaço do campo, da roça, da Fazenda do Boi Solto, um lugar bastante diferente de onde sentiu os sintomas da maleita, a localidade do Carrapato, que pelo próprio topônimo não condizia com um lugar agradável de estar, com um espaço cheio de vida, verde, alegre, tranquilo. Dá para fazer uma assimilação entre o que vive o Deputado e a história do João Fanhoso. E se as galinhas ficavam em volta do João Fanhoso, não se pode negar que Maria da Penha também ficava ao redor do político. Cuida dele como se fosse uma enfermeira, fazendo chá, arrumando o quarto onde o mesmo dorme e até aplicando injeção para tratar a maleita. Ainda há mais uma ponderação a ser feita.

Se o Deputado Paulo Santos se sentia melhor na fazenda que no Carrapato, mas mesmo assim ainda não se sentia em seu habitat natural, o que o diferia de Maria da Penha. Moça do interior e criada na roça se casou muito cedo e o marido teve uma morte muito estranha e sem muitos esclarecimentos. Se o futuro se apresentava obscuro na política, obscuro também era o passado de dona Maria da Penha. E os espaços ocupados pelos dois se apresentavam de forma bastante diferente para cada um deles. Porém, os dois se encontram no decorrer da trama e começam a ter intimidades. Logo no início da viagem do Carrapato para a fazenda do Boi Solto o Deputado já admira a moça pela análise que faz do seu físico. Como o interior do Brasil no início da segunda metade do século XX ainda não dispunha de serviços básicos à população e sentia muitas carências, principalmente de cuidados específicos com a higiene pessoal, uma moça naquelas condições era anormal pelos padrões de corpo e estética apresentados.

Agora podia esperar o Bernardino sem tanta preocupação. Depois, era bonita, de fato, a diaba da Da. Maria da Penha! Difícil uma mulher assim socada por aqueles fundos. Bons dentes, limpa, vestida quase com capricho. E desembaraçada, conversando, dando opiniões. Quando viu, já tinha sido levado pelo fordeco do Seu Sebastião. (PALMÉRIO, 1976, p. 78).

Paulo Santos sente-se aliviado depois de sair da localidade do Carrapato e destinar-se à Fazenda do Boi Solto para terminar de se curar da maleita que contraiu. Foi

convencido pelos amigos a ir repousar e passar uns dias na propriedade do Seu Sebastião e conhece a Dona Maria da Penha no caminho. A moça chama a atenção do político e o faz a olhar com olhos necessariamente de homem e não de figura política, apenas como uma eleitora. Repara os mínimos detalhes como, por exemplo, os dentes da moça e se anda limpa, coisa não muito comum no sertão de Minas Gerais. O espaço de dominação no interior do Brasil ainda se apresentava muito fechado e normalmente as pessoas mais esclarecidas moravam nos grandes centros, daí, o motivo de o Deputado ter se impressionado com a forma e atitude da viúva. Também a forma de vestir-se é levada em consideração e a forma como a moça se veste é descrita como quase com capricho. Não é comum mulher entrar em assunto de homens, ainda mais em política.

Mas, mais uma vez, a filha do dono da Fazenda do Boi Solto se apresenta diferente das demais ao mostrar pontos de vista e opiniões em territórios até então dominados pelos homens. Sem pensar exatamente na campanha o Deputado sobe na caminhonete e vai para a fazenda. É necessário que se faça uma abordagem bem minuciosa nas passagens descritas na obra, em especial na fazenda do Boi Solto, porque este é um espaço que se apresenta propício à ação das personagens e trás instantes de calma, descanso e reflexão no momento conturbado que a situação política implica aos políticos em determinadas situações. Também, a forma como é visto o dono da casa ajuda na decisão de ir esperar o Bernardino na fazenda. Para o narrador de *Vila dos Confins*, Seu Sebastião “era homem diferente, atencioso, simpático, via-se até que pessoa um tanto instruída”. (PALMÉRIO, 1974, p. 72). Essa noção de pessoa bem instruída, aliada ao debate sobre como convencer um eleitor a dar ou não seu voto faz muita diferença em uma eleição em que é decidida voto a voto.

Nos pleitos do interior de Minas, principalmente em municípios recém-emancipados, muitas vezes foram decididos por uma pequena quantia de votos. E se feita uma análise completa da obra, perceber-se-á em seu final que a diferença foi de apenas oito votos a mais para o vencedor. A casa da fazenda contribui para a sequência da narrativa bem como a recuperação completa do protagonista. Isso é primordial na trama e a partir de então, juntamente com os companheiros, continua a caminhada pelo município em busca de apoio e candidatos a vereador para a formalização da chapa para disputar a eleição. Assim como as pessoas, e em uma comparação com a casa visitada no carrapato, as casas na zona rural não tinham muita estrutura, nem tampouco eram novas.

O espaço da casa, bem como o de seu entorno, tem um papel primordial na narrativa e esse local é descrito da seguinte maneira:

A fazenda, casa velha mas asseada, os móveis bem arrumados, o cheiro a alfazema da roupa de cama, o quarto amplo, forrado, com aqueles dois janelões abertos sobre o quintal... Fora uma sorte ter vindo. Viagem curta, estradinha boa, nem meia légua de caatinga para vencer. (PALMÉRIO, 1976, p. 78).

Desse modo, é perceptível o quanto os espaços da casa têm uma função objetiva dentro da obra literária e isso não seria diferente em *Vila dos Confins*. A casa, assim como a moça que reside nela, causam visões diferentes do que se tinha normalmente nesse tipo de localidade. Tanto a moça quanto a casa são bem avaliadas pelo hóspede. Coincidentemente, o quarto destinado a ele é amplo, assim como se poderia imaginar, o tamanho da fazenda que recebe o nome de Boi Solto. O forro em uma residência na zona rural era coisa luxuosa e funcionava no psicológico da personagem como uma forma de proteção.

A crítica social que é feita na palavra *asseada* tem uma carga ideológica muito grande ao se pensar e generalizar que todas as casas velhas são sujas ou malcuidadas ou que as pessoas que nelas habitam condizem com a relação entre sujeira e pobreza ou zona rural e falta de higiene. É importante ressaltar que foi destinado ao político na casa um quarto amplo e forrado, o que são adjetivos que dão ao mesmo uma ideia de conforto, segurança e comodidade. Essa descrição ajuda a nortear e interpretar o quanto esse período de estadia na fazenda do Seu Sebastião faz bem a Paulo Santos.

A descrição tem papel importantíssimo dentro da análise de uma obra literária. Sem isso não seria possível perceber como é o espaço em que habita um ser ou se desenrola uma ação. Através da descrição dos espaços é que a personagem é conduzida pelos caminhos da trama e o leitor consegue assimilar e interpretar o que virá a acontecer em seguida, de forma a contribuir com o andamento da história narrada e propiciar uma dinâmica na narrativa. Assim,

A descrição serve para, no interior da narrativa, comunicar informação, do autor ao leitor, por meio de uma personagem informada a uma outra que não o está... a descrição implica o olhar de uma personagem, donde a necessidade de introduzir essa personagem e de a colocar em face o objeto... pouco a pouco, a descrição provoca assim reações em cadeia no interior da narrativa. (BOURNEUF e OUELLET, 1976, p. 14-15).

Se se aceita que a descrição comunica informações, é notável que a descrição feita pelo narrador de *Vila dos Confins* (1974) comunica claramente que o Deputado Paulo Santos encontra-se bem acomodado e, fazendo uma metáfora com o galo, arrastando uma asa para a Dona Maria da Penha, viúva nova e bastante interessante. Nesse sentido, a descrição do quarto promove um olhar muito bem visto da personagem protagonista, quando sente o cheiro bom da alfazema nas roupas de cama do quarto. Também nesse aspecto, necessariamente de

descrever um bom cheiro na roupa de cama, a descrição contribui para que o leitor tenha uma percepção de que a personagem que se encontra nesse recinto sente a topofilia do lugar, ou seja, a harmonia entre espaço e personagem.

Há que se ressaltar que, de uma forma bastante complexa, a descrição ajuda na condução dos fatos e no encadeamento das ideias no texto narrativo. Em consonância com o espaço, propicia a ação das personagens e o melhor entendimento do texto narrativo literário. Adjetivos, verbos e substantivos utilizados nessas descrições contribuem de forma significativa para que o narrador possa fazer com que o leitor assimile melhor os fatos. Motiva as ações e atitudes das personagens. O Deputado Paulo Santos, a partir da estada na fazenda sente-se motivado a continuar a campanha bem como sonhar com momentos íntimos com Maria da Penha. O que mais poderia acontecer de bom em um quarto amplo, forrado, limpo e com dois janelões? A resposta pode ser talvez imaginada pelo gosto e pelo carinho que se refere tanto à moça, à casa ou ao pai dela.

3. 3 Um Percurso pela Fazenda

A fazenda do Boi Solto era bem afamada na região da Vila dos Confins. Mesmo localizada no sertão de Minas Gerais, e sem muitos atributos porque ainda não tinha sido desbravado totalmente esse pedaço de Brasil, podia-se perceber que havia também pontos positivos. A pescaria é mais uma das temáticas que contorna a narrativa. Paulo Santos tinha feito amizade com o pessoal da Vila na ocasião da primeira pesca que fizera no rio Urucanã. Mas há outros locais que despertam a atenção na descrição dessa fazenda. Para o narrador de Vila dos Confins,

A lagoa, o casarão, o quintal coalhado de frutas: muita ameixeira, laranja, tamarindo, aquele mundo de pés de limão-galego... O córrego, no fundo do quintal, remansava em poços sombreados pelas grandes moitas de bambu. Da. Maria da Penha já lhe havia contado tudo: que as águas do chiqueiro caíram ali, carregando restos de farelo e milho e cavando enxames de pias e pirapitingas; à tardinha, os meninos do vaqueiro enchiam capangas de bagres amarelões, dos barrigudos. (PALMÉRIO, 1976, p. 78).

A lagoa era uma espécie de encanto para quem passava pela fazenda do Boi Solto. Ao mesmo tempo em que servia para dar vida e beleza à propriedade, também era fonte de despejo dos dejetos do chiqueiro, que por sua vez eram alimento para os peixes existentes ali. Assim como em qualquer âmbito da vida, é importante salientar a cadeia alimentar existente. Os restos do chiqueiro alimentavam os peixes que por sua vez alimentavam os meninos do

vaqueiro. Mas o casarão era um importante elo entre os amigos da política, o descanso e repouso para cura da maleita e ainda a companhia da filha do fazendeiro. O quintal coalhado de frutas das mais diferentes espécies fazia com que o Deputado vislumbrasse ali um local totalmente favorável para passar alguns dias, e em nada atrapalharia a campanha.

O espaço da fazenda torna-se cada vez mais cômodo e bem visto pelo protagonista da narrativa. Em um sentido mais amplo, o espaço ocupado pelas personagens na fazenda do Seu Sebastião apresenta-se como um território já dominado pelo partido da União Cívica a partir do momento em que os proprietários declararam apoio à candidatura do João Soares. Na luta pelo poder, é comum pessoas com o mesmo propósito, mesmo sem se conhecerem, tornarem-se amigos e embrenham pelo mesmo caminho ideológico. E é isso que acontece no percurso que os personagens caminham em busca do voto. Comumente, em eleições no interior do país, o que acontece até hoje é a demarcação de território nas fazendas que declaram voto a um determinado candidato. Coloca-se na porteira ou em seu mourão, um folder ou cartaz dos candidatos como forma de mostrar ao adversário que aquele espaço já está dominado.

A identidade pode ser um fator fundamental nesse sentido e tem relação muito estreita com a questão do espaço. Se é verdade que o espaço molda a identidade do ser que nele habita, é importante ressaltar que de uma forma bastante categórica a demarcação ideológica do espaço garante rumos bem definidos à política da Vila dos Confins. Daí, a necessidade de se fazer uma análise bem específica de cada espaço da fazenda do Boi Solto bem como das personagens que nela se encontram. O político precisa demarcar bem o seu espaço porque os adversários estão de prontidão para responder à altura e dominar o mesmo. Na metáfora que se apresenta no capítulo oitavo da obra estudada, isso fica evidente na seguinte passagem:

João Fanhos cantou outra vez. O mesmo canto rachado de taquaraçu, alto e que ia longe. Mas desta vez responderam: um canto fino, comprido, petulante, brotou do pé de tamarindo – Zé Garnisé! Outro, mais forte que todos, exibido, trombeteou, acompanhado de tremuras intencionais: era o sura – sem rabo, pescoço pelado, mas de canto imponente, musical. (PALMÉRIO, 1976, p. 78).

Aí, a intensidade do canto demonstra uma verdadeira disputa por território e por quem desafia quem. Difícil imaginar uma labuta política sem adversários. Semelhante ao que acontece na passagem acima, na primeira eleição da Vila dos Confins, muita gente se achava no direito de cantar e dar palpites. Mas a eleição era complicada e a disputada era feita voto a voto, por isso havia a necessidade de valorizar todos os companheiros. Na fazenda, assim

como ocorre em todo o embate político da narrativa, ainda que o canto não estivesse com a mesma potência e força de antes, imprimia certa valentia e era artimanha para a conquista do domínio do local. É notável que a hegemonia estava ameaçada.

Conforme se lê na citação, os outros galos e até o garnisé cantavam de retorno, em contrapartida ao canto do galo velho. Um galo “suro” também devolve o canto do galo velho, mostrando que não havia apenas um adversário querendo ser o dono do terreiro, mas muitos estavam à espera do momento certo para conseguir dominar tal território. Na luta pelo poder e o domínio de territórios ainda não bem demarcados, como se percebe, qualquer indivíduo sente-se na qualificação de pleitear um espaço que normalmente é dominado por figuras de maior prestígio na sociedade como um cidadão com o título de coronel. Os animais que protagonizam a história têm uma relação análoga com os seres humanos. A figura da personificação aqui é amplamente utilizada, pois outros seres desempenham papel de pessoas na sequência da narrativa.

Podemos considerar que a fazenda do Boi Solto é instituída como uma sociedade organizada, assim como se organizara a Vila dos Confins com a primeira eleição. Assim, mais uma vez, fica clara a técnica da *mise-en-abyme*.

A mise-en-abyme consiste num processo de reflexividade literária, de duplicação especular. Tal auto-representação pode ser total ou parcial, mas também pode ser clara ou simbólica, indirecta. Na sua modalidade mais simples, mantém-se a nível do enunciado: uma narrativa vê-se sinteticamente representada num determinado ponto do seu curso. Numa modalidade mais complexa, o nível de enunciação seria projectado no interior dessa representação: a instância enunciadora configura-se, então, no texto em pleno acto enunciatório. Mais complexa ainda é a modalidade que abrange ambos os níveis, o do enunciado e o da enunciação, fenómeno que evoca no texto, quer as suas estruturas, quer a instância narrativa em processo. (DÄLLENBACH, 1976, p. 27, grifos do autor).

Percebe-se uma autorrepresentação simbólica do que está narrado na estrutura primeira da obra, na diegese primeira. É projectado um conto no qual o galo assume a função de dominador do espaço, assim como o Coronel Francisco de Oliveira Belo na região dos Confins, e conduz tudo que está à sua volta. Mas como todo aquele que domina e governa, quando erra acaba levando os demais à descrença e à contrariedade. Assim, ao errar a hora do canto,

João-de-Barro despertara com o canto do galo velho. Morava perto, na casa redonda do pé de laranja-da-terra. Levantou-se e veio até a porta olhar o céu. E quase perde a paciência. Tivera um dia trabalhoso – passara-o consertando a casa arrombada pelo tucano-preto, ladrão e assassino, residente na aroeira seca do outro lado do rio. Não tivesse chegado a tempo e expulsado o monstro, no que ajudou toda a passarinhada do quintal, e ficaria sem os dois filhotes. E aquele galo caduco vinha acordá-lo fora

de horas, a ele que recolhera morto de canseira, o corpo doendo, agitado pelo medonho susto que lhe pregara o bandido do tucano! (PALMÉRIO, 1976, p. 71).

O João-de-Barro é mais uma figura que assume características humanas dentro da história vivida pelos animais na fazenda onde Paulo Santos se hospeda. Após um dia trabalhoso e cansativo, o mesmo é despertado pelo canto do galo fora de hora. O espaço desenvolve aqui uma noção de proximidade entre as “residências” dos animais. Observe-se que a palavra perto no início da citação apresenta claramente a distância entre a morada do galo e a morada do João-de-Barro. Como o canto do galo é para os animais e até mesmo para os seres humanos um indicativo de horário, o animal residente na casa redonda vai até a porta olhar para o céu para verificar se realmente estava no horário de despertar e voltar ao trabalho. Porém, como o dia havia sido pesado demais o corpo ainda estava cansado e doía muito.

Nota-se também que, de certa forma, as árvores da fazenda assumem um status de moradia. O tucano-preto morava na aroeira seca do outro lado do rio, assim como a casa do João-de-Barro fora edificada no pé de laranja-da-terra. Já o galo velho, O João Fanhoso, morava perto, logo abaixo do quarto em que Paulo Santos repousava. A moradia dele era o pé de laranja-lima. E cada um cuida e protege o local onde necessariamente reside de forma que a “casa” é o refúgio e o espaço do descanso e do amor. Importante salientar que, sem sombra de dúvidas, a fazenda do Boi Solto recebe nesse sentido, características de local organizado e com regras a seguir, assim como acontece em uma sociedade comum. Ainda é perceptível outra morada dentro da fazenda: a lagoa. Residia nela o jaburu solitário que recebia o nome de João-Grande e estava à procura de comida. Alimentava-se das traíras e carás da lagoa. O jaburu também recebe características humanas. “Filósofo mesmo, que pouco se lidava o espernear nem as dentadas das traíras já dentro da capanga da papada. Um cínico, o Pernalonga – apesar do jeito sensaborão, sisudo e intratável” (PALMÉRIO, 1974, p. 71).

O tucano-preto é uma figura que merece destaque dentro da história do galo velho. Como em toda sociedade existem indivíduos bons e ruins, pessoas de bem e malfeitores, assim também acontece nesta narrativa hipodiegética. O que vale ressaltar é que de uma forma muito explícita, o tucano é mostrado como um terrível marginal. Um ser que rouba e assassina enquanto os cidadãos honestos trabalham. O narrador de Vila dos Confins trás à tona uma temática para ser analisada, debatida: as mazelas por que passava a sociedade do sertão, quiçá brasileira, naquele momento. Chama atenção a forma com que o tucano-preto é expulso da morada do João-de-Barro. Reúnem-se toda a passarinhada do entorno para colocar para fora o intruso que não trabalha e vive de roubar e matar filhotes de outros animais. A luta pela dominação de um determinado espaço tem várias circunstâncias e

motivos. Fica evidente que em Vila dos Confins, vários eram os espaços a serem dominados e muitas eram as circunstâncias para isso. Seja pela manutenção de um espaço dominado politicamente ou pelo sonho de conquistá-lo ou necessariamente para apenas proteger o aconchego e os bens em uma moradia, o fato é que o espaço de lutas, perdas e ganhos se faz presente na narrativa.

Sabe-se da necessidade de entender melhor como cada lugar é descrito e determinante na sequência narrativa, e como cada espaço pode dar subsídios para uma melhor assimilação de como os fatos e ações se desenrolam dentro da perspectiva do romance. E esse pequeno percurso analisado dentro da fazenda do Senhor Sebastião dá a ideia e serve como um parâmetro de como os espaços são disputados e defendidos e com quais interesses. Muitas são as análises e várias as interpretações.

3. 4 Fragmento e Totalidade: a Estrutura da Narrativa

O texto de *Vila dos Confins* contém diversificadas técnicas narrativas. E uma das técnicas que se pode perceber é a chamada *mise-en-abyme*. Esta consiste em uma forma de espelhamento de macronarrativa em uma pequena história dentro da obra. A técnica fica perceptível quando o narrador utiliza um conto sobre um galo velho dentro da própria narrativa de forma a refletir a ideia principal da história primária narrada. O capítulo oitavo reproduz, em uma menor escala, aquilo que acontece com o deputado Paulo Santos e os companheiros no percurso que os mesmos fazem e espelha os acontecimentos no município recém-emancipado. Enquanto o João Fanhoso defende o terreiro da fazenda do Boi Solto, João Soares, Paulo Santos e os correligionários defendem o espaço político da região dos Confins, e neste, a Vila. Para o Professor Massuad Moisés, “A *mise-en-abyme* consiste, por meio da visão em profundidade, na reprodução do objeto estético em tamanho menor: mirando o todo, o olhar converge para o detalhe que o produz. Fixando a retina no pormenor, tem-se a sùmula reveladora da totalidade em que se inscreve.” (MOISÉS, 2004, p. 298).

E é nesse contexto que se percebe o quanto o conto existente dentro da própria narrativa coloca a questão do poder em referência àquilo que se pode notar na estrutura geral do texto. O detalhe que produz a implementação de uma micro-história dentro da macro-história funciona de modo que o leitor perceba o quão é difícil o âmbito político bem como o que pode acontecer na referida disputa eleitoral. Reduplicam-se, nesse sentido, em forma de metáfora os procedimentos no qual surgem personagens com a motivação e a perspectiva de instalar-se no poder de determinado espaço. O comando do espaço político da cidade de Vila

dos Confins é pretendido pelos Unionistas, chefiados pelo deputado Paulo Santos, cujo candidato é o amigo João Soares. Através de uma possível vitória na primeira e movimentada eleição do recém-emancipado município a ideia é tirar o domínio da família Belo, representada pelo então candidato do Partido Liberal, coronel Chico Belo. Ao contrário, o galo velho, com o nome de João Fanhoso, teme perder o domínio do terreiro para o “sura”, um frango aspirante a galo. A técnica da *mise-en-abyme*, conforme explica Botoso (2011)¹³, “[...] possibilita ao escritor mostrar ao leitor como sua obra foi feita e os procedimentos empregados para construir o relato. Assim, a estrutura romanesca acolhe em seu centro uma réplica em miniatura de si mesma.”

O galo velho é demonstrado perfeitamente na obra como uma transfiguração da perpetuação no poder e reflete de uma forma bem elucidada, o domínio que o mesmo tem do terreiro no qual se mostra o “dono”. Quanto ao medo que este tem dos comentários sobre o erro da hora do canto, o mesmo mostra-se preocupado com a avaliação dos concorrentes. A narrativa apresenta um galo e se referencia a ele como gente, assim como todos os outros animais descritos dentro da história. João Fanhoso acordou muito cedo naquele dia. De forma catastrófica cometeu um erro que galo nenhum, principalmente dono de terreiro, pode cometer. Errou a hora do canto e temeu o que os demais pensariam dele ao amanhecer. E o pior da situação: o erro já havia acontecido outras vezes e estava se tornando frequente.

Não era a primeira vez que acontecia aquilo – o fiasco daquele engano. Amanha, seriam os comentários na rodinha do sura antipático, sem rabo ainda, sem voz ainda, pescoço pelado, e já metido a galo. Na do sura e na do garnisé branco – esse, então, um afeminado de marca, com aquela vozinha esganiçada e o passinho miúdo. (PALMÉRIO, 1974, p. 70).

Nota-se no contexto da história que o galo velho sente que cometeu um engano e que esse acontecimento poderá provocar desdenho, implicâncias e maldizeres a seu respeito assim que o dia amanhecesse. Até possíveis questionamentos podem ser cogitados, pois fica perceptível que o dono do terreiro já não consegue mais dominá-lo de forma a nem perceber direito o momento exato para o ofício de despertador natural dos seres que habitam a fazenda do Boi Solto.

Ao se pensar as relações de poder estabelecidas numa ordem social, aquele que detém o domínio não quer sair do campo de comodidade e abrir espaços ao domínio de outrem. Porém, quando há espaços a serem conquistados, o orgulho e a vaidade faz com que os seres busquem forças para a conquista do mesmo. Nesse sentido é interessante ressaltar que

¹³ Publicação não paginada.

o Deputado Paulo Santos é um homem bem-quisto e respeitado na região do recém-emancipado município. Assim como o galo velho, não quer perder espaço para os concorrentes. De uma forma bastante inusitada são apresentados contos dentro da narrativa de *Vila dos Confins* (1974) e o capítulo oitavo funciona como um reflexo do texto primeiro da referida obra, ou seja, *mise-en-abyme*. Assim como o galo, o chefe político vive um mau momento, quando adoece de maleita e espera a cura na fazenda do Boi Solto.

João Fanhoso abriu os olhos pesados de preguiça: primeiro um, depois o outro. E olhou o céu, entortando o pescoço. Passou o descanso do pé esquerdo para o pé direito – fora o cascalho do quintal que fizera aqueles malditos calos bem na sola dos pés. Andava, por isso meio cambeta, meio que apalpando o chão. Olhou o céu outra vez: beleza de céu azul-escuro, com nuvens claras. (PALMÉRIO, p. 69, 1974).

Ao apresentar o fato de como o galo passa por um momento difícil, quando o narrador aponta o descanso entre um pé e outro do galo ao revezar os pés calejados no poleiro, representa também a passagem e o momento de reflexão entre a localidade do carrapato e a fazenda do Boi Solto. A possibilidade do acirramento da disputa aumentava à medida que as pessoas notáveis iam tomando posição na política local. Mas não é normal que um galo se engane de hora para despertar e, aos olhos dos que tentam lhe roubar o espaço de domínio, isso se apresenta como uma boa oportunidade de se conseguir visibilidade e tripudiar sobre o rival. O espaço se apresenta propício, com um céu azul-escuro e nuvens claras, como se se abrissem ao horizonte, representando um prelúdio à vitória nas urnas. Faz-se importante salientar que, com o passar dos anos, aqueles que detêm o poder não percebem que novos líderes surgem e que os cargos e poderes são passageiros.

3.4.1 A Importância da Estrutura Espacial para a Formação da Narrativa

Todos os mecanismos utilizados na construção de uma obra literária, mais precisamente em uma narrativa são passíveis de estudos. E isso não é diferente ao analisar-se a questão do espaço na narrativa que se passa no interior do Brasil, espaço ainda não desbravado no sentido intrínseco da palavra. Havia, portanto, “donos” e “proprietários” desses espaços bem como da gente que o habitava. Osman Lins ao analisar espaço e tempo na narrativa faz a seguinte ponderação:

A narrativa é um objeto compacto e inextrincável, todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros. Pode-se, apesar de tudo, isolar artificialmente um dos seus aspectos e estudá-lo – não como se os demais aspectos inexistissem, mas projetando-o sobre eles: neste sentido, é viável aprofundar, numa obra literária, a compreensão do *seu* espaço e do *seu* tempo, ou, de um modo mais

exato, do tratamento concedido, aí, ao espaço ou ao tempo: que função desempenham, qual sua importância e como os introduz o narrador. (LINS, 1976, p. 63-64).

Tempo e espaço têm fundamental importância na obra pesquisada. Fica notável o quanto esses elementos são fundamentais na produção de sentidos no texto de Palmério. Assim como aponta Lins (1976) “a narrativa é composta por partes que não aceitam sua dissolução e cada fato tem implicação em um que venha a ocorrer na trama”. E a relação dos espaços ocupados pelas personagens são muito semelhantes aos apresentados na ficção onde se têm um galo velho e visto como caduco pela população que circunda a vizinhança. As funções desempenhadas pelo espaço nesse contexto apresentam-se de várias formas, a começar pela antecipação da narrativa. Ao relatar que o galo dono do terreiro perde a noção da hora de cantar é possível fazer uma assimilação de contextos e perceber que João Soares, o candidato apoiado pelo Deputado Paulo Santos, foi entusiasmado a entrar na disputa, confiando no amigo e no seu poderio de influências na aquisição de apoios voltados ao pleito. Porém, essa candidatura majoritária de João Soares também pode ser entendida como fora de hora ou em momento e espaço inoportunos. Mas um pleito eleitoral atravessa todos os sentimentos que um ser humano pode imaginar e transforma o psicológico de uma legião de apaixonados por tal assunto. E, em se tratando de um município que acaba de ser emancipado e recebe a primeira eleição de sua história, isso toma dimensões incalculáveis.

A antecipação da narrativa é uma das funções atribuídas ao espaço. Vários estudiosos vêm teorizando sobre isso, a ponto que cada vez mais fica claro o quão importante é a preocupação com esse mecanismo de construção da arte narrativa. Ao descrever as ações das personagens e premeditar como será a sequência dos fatos verifica-se que o que irá acontecer depende muito do espaço em que as personagens ocupam. Assim,

Através de índices impregnados no espaço, o leitor atento percebe os caminhos seguintes da narrativa. Em outras palavras, há uma prolepse espacial. Por exemplo, suponhamos que o herói está se escondendo do algoz. O narrador, ao apresentar o espaço em que o herói se encontra, mostra-nos uma faca em cima da mesa. Momentos depois, é justamente aquela faca que servirá para defesa do herói. (BORGES FILHO, 2007, p. 41).

Se se pega a exemplificação feita pelo estudioso sobre os atos de um herói que será salvo por uma faca que está ao seu alcance, é possível também perceber essa mesma prática na narrativa de *Vila dos Confins* (1974). No instante em que acontece a tragédia, porque não deixa de ser tragédia um galo errar a hora de cantar, mas, depois, sente-se aliviado ao perceber que ninguém expressou nenhum tipo de descontentamento.

O Deputado Paulo Santos se sentia assim naquele momento porque acabara de sair de uma doença que costumava dizimar vidas no interior do país. E na política um homem revigorado e em bom estado de saúde costuma ser bem mais produtivo. Porém, a preguiça tomava conta do corpo do político bem como do corpinho velho do galo doido que já não estava mais suportando o próprio peso em cima das pernas cansadas após tantos anos de domínio. Porém, chega um momento em que mesmo debilitado, corpo sofrido, o homem precisa buscar forças em algo que lhe sirva de inspiração para vencer os obstáculos que atravessam os caminhos de um líder, um homem público ou, metaforicamente, um animal, que já no fim de seu ciclo de poder ainda tenta sustentar-se no privilegiado posto que ocupa.

Faz-se necessário salientar que, de certa forma, o anseio pelo poder leva o ser a superar os próprios limites e buscar o que deseja. Na obra analisada essas afirmações ficam bem claras quando da descrição de como o galo vinha se comportando nos últimos tempos frente aos que sonhavam em assumir o terreiro ocupado por ele, o João Fanhoso mais esperto e dominador daquele fim de mundo, daquele sertão de Minas Gerais esquecido pelos governos e pela geografia. Para o narrador de *Vila dos Confins*,

João Fanhoso andava amanhecendo sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos. Desânimo. Velhice. Mas tinha de reagir, manter pelo menos a aparência: os concorrentes andavam querendo tomar-lhe o lugar. E imaginem quem! Dois porcarias nascidos ontem. E o fim seria a cegueira, as pernas encarangadas, a caduquice provocando o desprezo e o escárnio geral. Desgraçado fim! (PALMÉRIO, 1976, p. 75).

A concepção de poder nesse aspecto apresenta-se de uma forma muito restrita e, ao ser relacionado a um espaço físico em que os territórios políticos são muito bem constituídos, é a um território específico que esse poder precisa ser mantido: o agora município com câmara e prefeitura, Vila dos Confins. A cidade de Vila dos Confins é ainda um lugarejo que mal se pode perceber se realmente é ou não uma cidade. Como consta do início da narrativa, tem apenas duas ruas, as quais vão da igreja ao cemitério. E essa ideia de perder o domínio político da região da caatinga mineira constrangia o Deputado Paulo Santos e o colocava na empreitada com o intuito não apenas de eleger o companheiro e aliado antigo de política, o João Soares, mas também de alargar esse espaço conquistado, vislumbrando as eleições futuras para o cargo que então ocupava.

O espaço onde ocorre o fato descrito no texto, mais precisamente a Fazenda do Boi Solto, conota um espaço social idealizado, uma vez que a história dentro da narrativa pode configurar necessariamente como era entendida as relações no início da segunda metade do século passado no âmbito político. Os fatos descritos na obra apresentam uma estrutura de

cidade onde prevalecem as ações apresentadas no romance. Seria impossível, por exemplo, representar com tanta verossimilhança o episódio ora debatido dentro de uma metrópole ou de um deserto. Mas, na fazenda, é muito bem aceito e de fácil entendimento para o leitor da obra. Daí a importância que deve receber a categoria espaço em qualquer obra literária. Entenda-se que diante dos fatos discutidos acerca da categoria espaço, é necessário frisar que, embora já estudada há muito tempo, apenas nos últimos 40 anos a referida categoria recebeu uma atenção maior. Assim, “o espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como um sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica” (BRANDÃO, 2013, p. 25). A estrutura espacial que envolve a obra passa então a ser notada e estudada em um nível mais profundo de maneira a contribuir definitivamente com a interpretação de obras literárias. E isso não é diferente no estudo do espaço na narrativa de Palmério, pois o narrador utiliza os espaços do interior do Brasil. Portanto, para produzir uma obra com características únicas, só conhecendo a fundo essa realidade um narrador poderia estruturar a história contida na mesma.

O espaço definitivamente constitui um elemento que ajuda de forma significativa a estruturação do texto literário. Assim,

Eles (os espaços) constituem uma ilustração de suas possibilidades; reforçam simultaneamente, a importância que pode ter na ficção esse elemento estrutural e indicam as proporções que eventualmente alcança o fator espacial numa determinada narrativa, chegando a ser, em alguns casos, o móvel, o fulcro, a fonte de ação. (LINS, 1976, p. 67).

Osman Lins é categórico nessa afirmação de que o espaço apresenta várias possibilidades e mostra o mesmo como elemento primordial à construção do texto narrativo na obra de ficção. O espaço assume um lugar de destaque nessa narrativa a partir do modo como influencia as ações e as vidas das personagens. É evidente o quanto as ações das personagens têm dinâmicas bem conduzidas se levarmos em conta o espaço em que essas ações acontecem. Se feita uma breve lembrança de onde a fazenda do Boi Solto está situada e os meios que são colocados à disposição para a apresentação da mesma, fica clara a sua espacialidade. Em um sentido mais específico, é importante salientar que na construção da narrativa, o narrador dispõe de elementos que podem fazer a história ter mais ou menos sentido. O interior de Minas Gerais nos anos 50 do século XX é representado caracteristicamente idêntico ao que se encontra na obra de Palmério. O espaço era demarcado por grandes fazendas. O próprio topônimo da fazenda, Boi Solto, representa claramente essa característica. Note-se, que para um boi ser solto, ele precisa de um grande espaço para se

locomover e encontrar alimento. E como a fazenda apresentava-se muito grande, daí a denominação recebida para representar grandeza e poderio do proprietário. Os topônimos são muito utilizados na obra estudada e se apresentam também como fundamentais na leitura e interpretação do texto de *Vila dos Confins*.

CAPÍTULO IV

O RIO E A Balsa

4.1 O Rio Urucanã

O rio é um importante elemento encontrado na obra *Vila dos Confins* (1974). Na esteira dessa afirmação, podemos entender que “O espaço é como o ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida” (DAMATTA, 2000, p. 29).

Isso porque o rio se destaca na narrativa, aparece várias vezes e em situações muito diferentes. No início da obra, o Rio Urucanã é citado pelo narrador e representa uma fronteira que divide o perímetro urbano do recém-emancipado município da região dos Confins. O rio é apresentado no texto de Palmério com relevância acentuada no que diz respeito a momentos bons e momentos ruins. Partindo do princípio de que nosso interesse é a Topoanálise, podemos afirmar que o Urucanã propicia aos personagens que por ele transitam uma relação de harmonia entre tal espaço e personagem, o qual Borges Filho (2007) define como topofilia. Nesse contexto, há inúmeras passagens e acontecimentos como o lazer que o caudaloso rio oferece aos que a ele se colocam. As pescarias, por exemplo, são momentos marcantes em que há o descanso e a alegria quando se pesca um bom peixe. Na solidão da noite, o mesmo serve para reflexões acerca da vida e dos percalços que essa pode apresentar.

Em meio a uma pescaria, o Deputado Paulo Santos reflete sobre os compromissos políticos, a vida política em si. “Os pensamentos libertavam-se naquelas horas de espera, as preocupações sumiam, vinha a suave sensação de leveza e bem-estar. Daí, o irresistível daquelas fugas para as beiras de rio, o vício em que elas se tornavam” (PALMÉRIO, 1974, p. 42). Antes de meter-se na política, o deputado tinha uma vida sem grandes preocupações e compromissos. Porém, após candidatar-se e eleger-se deputado federal pelo partido União Cívica, o personagem busca apoio de antigos amigos de pescaria e os insere no contexto da disputa eleitoral municipal.

O peixe não era a atração principal da pescaria, mas era visto como um prêmio conquistado pelo pescador pela astúcia e técnica no ato de pescar. Tudo, antes de entrar para a política, apresentava-se de forma prazerosa em relação às pescarias. As reuniões para arrumar a “tralha de pesca”, as conversas, as piadas e brincadeiras junto aos amigos e o trajeto até o rio. Assim, o peixe transformava-se em uma forma de conquista, e o pescador que

conseguisse fisgar o maior zombava dos demais. Há, portanto, várias representações do peixe para o contexto de utilização do mesmo numa obra literária. Sabe-se que, em rios, portanto em água doce, existem várias espécies de peixes. E no rio Urucanã não era diferente. Havia peixes de escama como piaus, piaparas e dourados. Eram encontrados também, e com abundância, os peixes de couro como surubins e cascudos. “_Surubim! E dos manatas, olhe a vara! – continuava o escandaloso do Gerônimo” (PALMÉRIO, 1974, p. 43). Grandes peixes de água doce e muito presentes em rios que cortam a região Triangulina são apresentados no *corpus*. O peixe é entendido dessa forma como um alimento que sacia a fome dos homens. Assim,

O peixe é, bem entendido, o símbolo do elemento Água, dentro do qual ele vive. Ele era esculpido na base dos monumentos Khmers¹⁴ para indicar que eles mergulhavam em *águas inferiores*, no mundo subterrâneo. Nessa qualidade ele poderia ser considerado participante da confusão do seu elemento e portanto *impuro*. (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 703, grifos do autor).

O peixe pode, então, nesse âmbito, expressar uma ideia de impureza nas águas do rio no qual está imerso e representar a espécie como a que conduz o mal e o que é relativo aos acontecimentos desastrosos em determinado espaço. Saliente-se ainda que se as águas são tratadas como inferiores, isso demonstra que os seres que a habitam também são inferiores. Tal confusão, na obra *Vila dos Confins* (1974), pode ser aludida à disputa política instaurada no município que causa muitas desavenças e tragédias, como a que marca o ato final da narrativa entre o capanga Filipão e o mascate Xixi Piriá. Além de fisgar o peixe, e depois de uma luta imensa para vencê-lo, o deputado o executa com um tiro de carabina. “O surubim boiou por derradeiro quando boiou bem no centro do rebojo, lá onde as espumas não chegavam. Paulo atirou.” (PALMÉRIO, 1974, p.44). Para o narrador de *Vila dos Confins* (1974) O “animalão” tinha mais de dois metros e pesava quase três arrobas. Percebe-se, assim, o tamanho do mesmo e que a luta foi intensa para conseguir tirar o peixe das águas do rio Urucanã. Dificuldade essa que o deputado e os companheiros encontraram no embate político.

O rio também oferece perigos e propicia momentos topofóbicos a personagens como a filha do balseiro Gerônimo, Ritinha, que cai no rio e é atacada por piranhas; ou o negociador de gado Nequinha Capador, que vê sua esperança de bons negócios, o bezerro filho do afamado boi Lontra também se perder nas águas barrentas do rio. Já no início do texto o narrador afirma que “O Urucanã rolava sem pressa – calado, emburradão. Tão manso,

¹⁴ Grupo étnico majoritário do atual Estado do Camboja, que no passado consolidou um império capaz de dominar, em seu apogeu (do sécs. IX ao XII), a maior parte da Indochina.

tão de manso rolava, que parecia dormir que nem o povoado nascido e crescido no barranco”. (PALMÉRIO, 1974, p. 23). Essa descrição representa de forma autêntica o que o rio oferece ao povoado da Vila dos Confins bem como sua espacialização integra o cenário da obra. E integra num contexto personificado, pois recebe características de um ser humano. Os adjetivos “calado”, “emburradão” e “manso” ratificam tal afirmação. Ao longo do texto, outras características e adjetivações relacionadas ao homem vão surgindo de forma a dar-lhe um aspecto de personagem na obra. Sonhos e pesadelos acontecem no percurso do seu leito, e tal espaço propicia muitas ações e acontecimentos. Importante salientar que é na balsa utilizada para a travessia de pessoas e mercadorias que muitos fatos marcantes narrados na obra acontecem e ganham vida e múltiplos significados. Dessa forma, era preciso tomar cuidado ao se aproximar do rio, pois o mesmo era

Misterioso e mau, o Urucanã. Traíçoeiro, aquele jeito inofensivo de correr macio entre os barrancos altos. Ai de rês imprudente que chegasse perto demais da beira podre! Tchibum, e pronto! – engoliam-na as profundezas... Tudo se passava num átimo de acordo com a teoria do Aleixo telegrafista: “– Bicho caiu no rio, seu doutor, o caboclo-d’ água só faz desta: mete o dedo na boca, dá o assobio, e ajunta a piranhama – ele é espécie de madrinha delas...” (PALMÉRIO, 1974, p. 26).

Há uma ligação intrínseca entre as características do rio e o que vem a acontecer na narrativa. Até então, são dadas informações em um contexto explícito do que pode vir a acontecer na narrativa. O rio sugere fatos que virão mais adiante, constituindo-se uma prolepse espacial. Se analisarmos que o rio corre entre barrancos altos perceber-se-á que ele forma uma espécie de espaço fechado no qual quando se cai não é mais possível sair. Nesse ínterim, apenas é possível ir para suas profundezas onde um ser mítico, o caboclo-d’água “mete” o dedo na boca e não deixa ao menos a vítima emitir um pedido de socorro. Mais uma vez percebe-se a utilização dos vocábulos “misterioso”, “mau” e “traíçoeiro”. São atributos que definem o rio como um espaço a se temer e que guarda mistérios perigosos. Na narrativa é possível perceber claramente que o rio e suas águas, apesar de fonte de vida e subsistência dos moradores ribeirinhos, oferecia perigos e apresentava-se mau e traíçoeiro.

De acordo com os estudiosos franceses da simbologia explicam, as águas são entendidas a partir de dois pontos cruciais no texto. No primeiro ponto, é possível notar que as águas calmas do rio “emburradão que rolava manso” revelam várias características eufóricas. É nas águas do rio que começa todo o ciclo de amizade de Paulo Santos com as pessoas da Vila dos Confins, antes do mesmo se tornar político. E depois de tornado deputado federal e ter ido morar no Rio de Janeiro, as viagens ao recém-emancipado município se tornaram escassas e agora tinha de cuidar da política. Em uma conversa com o balseiro Gerôncio

durante uma pescaria o deputado relembra as primeiras pescadas e o envolvimento na vida pública. Para o protagonista.

Veja você (Gerônimo) quanta coisa me aconteceu: me elegi deputado, me mudei para o Rio de Janeiro... A política matava, acabava com a pessoa. Depois que se metera nela, nunca mais pudera ter uma semana de descanso. Escravo dos outros, do partido, do eleitorado. E os adversários não dormiam, os concorrentes vigiavam. Todos os dias, uma notícia má, nomeações que não saíam, chefes do interior que ameaçavam romper por causa de pedidos impossíveis... E ter de mentir, de prometer... (PALMÉRIO, 1974, p. 40-41).

Nota-se, assim, que há uma reflexão sobre os atos e acontecimentos percebidos no âmbito da pescaria e levado para o contexto político. O fato de “os adversários não dormirem” tem uma profunda relação com o ato de pescar, isto é, se o pescador dormir, o peixe rouba a isca. Assim como o pescador não pode vacilar com o anzol dentro d’água, também o político não pode deixar de comprometer-se com o eleitor, e dessa forma, “fiscá-lo”. O texto trata também do fato de o adversário não dormir, e o peixe não dorme, sendo, no ato da pescaria, o adversário do pescador. Saliente-se ainda a abordagem sobre a mentira. Sabe-se que pescador tem fama de mentiroso e quando a questão política é tratada, a mentira é enfatizada. Fundem-se nesse complexo emaranhado de abordagens um debate acerca da pescaria e da política e temáticas vivas no seio da sociedade são evidenciadas. Político e pescador mentiroso bem como disputas por eleitores e entre pescador e pescado. A narrativa de *Vila dos Confins* (1974) apresenta temas universais como luta por espaço e poder bem como animal racional e irracional. Se o peixe é apanhado pela boca e morre por ela, o político pode ganhar e também perder votos pela boca, melhor dizendo, pela forma como utiliza a linguagem.

Ainda refletindo sobre a pesca do peixe, esta tem muita relação com o meio político dentro do texto de Palmério. Se é necessário pescar o peixe para a subsistência ou como prêmio recebido pelo ato de pescar, não é menos necessário pescar homens para metê-los na luta política. Assim, Paulo Santos pesca, ao mesmo tempo, peixes e homens. Lança-se a sorte no pleito eleitoral e busca-se o maior número de votos para eleger-se e dominar o contexto político por quatro anos. Se for levada em consideração a psicanálise da pescaria, perceber-se-á que:

Pescar, no sentido psicanalítico, é também proceder a uma espécie de anamnese, extrair dos elementos do inconsciente, não através de uma exploração dirigida e racional, mas deixando jogar as forças espontâneas e colhendo seus resultados fortuitos. O inconsciente é aqui comparado à extensão da água, rio, lago, mar, onde estão encerradas as riquezas que a anamnese e a análise trarão à superfície, como o pescador de peixes em sua rede. (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 714).

Ao se lançar no embate político é impossível ter a noção de qual será o resultado do processo. É claro que, principalmente em se tratando de um município recém-emancipado, fica ainda mais difícil ter uma exata noção da quantidade de votos que poderão ser conquistados. E, assim como é difícil perceber se o peixe vem ou não na armadilha de isca no anzol, também é quase impossível fazer uma previsão dos votos que supostamente estarão depositados nas urnas. Mesmo sem saber do apoio que terá ou mesmo se a população irá abraçar a causa da candidatura, o sujeito que se candidata a um cargo eletivo fica exposto à sorte do que será apurado nas urnas após a votação.

A fluidez das águas do rio pode ser comparada à vida do ser humano ou necessariamente pode ser feita uma metáfora com a vida em sociedade de uma determinada localidade. Assim também pode ser pensada uma comparação com a descrição do rio no início da trama em que o narrador descreve o rio como manso. Era mansa, sem muitas agitações e grandes acontecimentos que os habitantes da Vila viviam no povoado que se tornou cidade. Porém, o processo eleitoral mexe com a vida dos moradores bem como com seus ânimos. É comparável a um rio em que suas águas rolam tranquilamente e depois de uma chuva forte ou uma tempestade a enchente passa e transforma tudo o que há à sua volta. Nesse contexto, as chuvas que traziam vida nova à caatinga e ao cerrado, revigoravam as plantas queimadas pelo sol forte do sertão também traziam perigos ao tornar as águas do Urucanã nervosas e fortes.

4.2 Rio: Espaço vivo, Lugar de vida

O rio é componente vivo, tão importante que vai além da vida humana, pois sua água é um recurso natural essencial para todas as espécies do planeta. Além disso, o rio, nas mais variadas conjunturas históricas e geográficas, está ligado a um imaginário em torno de seu curso, fluxo e forma, com analogia aos desejos, sentimentos, e todas as possibilidades que sugerem seus desvios. Em uma abordagem literária, esse espaço tem uma função primordial dentro da construção narrativa da obra de Mário Palmério. Apresenta vários aspectos e descreve com clareza os habitantes que vivem em suas águas bem como nos barrancos ou em seus arredores. Assim como assinala Borges Filho (2007), é possível observar, em determinadas passagens da narrativa, a existência de uma analogia entre o espaço e a personagem. Além disso, o estudioso explica que no texto literário o lugar pode “propiciar a ação que será desenvolvida pela personagem” (BORGES FILHO, 2007, p. 39). Note-se que, no sertão dos Confins, a pesca e a caça faziam-se abundantes e o Urucanã oferecia uma

diversidade de peixes em seu leito e fartura para os que habitavam suas margens. Portanto, além de verificar as funções do espaço, faz-se necessário um estudo topoanalítico do seu percurso no sertão, de suas margens, e dos seres, animais e pessoas, que por ali passam e/ou vivem.

Vários tipos de animais eram encontrados na região e faziam do espaço uma habitação fluente:

O vento crescia, começando a enrugar o lombo enluarado do rio, arripiado de escamas agora, que nem as piracanjubas pretas das corredeiras da Onça. Chuva, mas lá pela madrugada... A corvinas não enganavam: aquele abrir sorrateiro de marolas à flor da água eram elas, as velhacas, a pontar só o focinho no espelho dos remansos, assustando o tempo. Que bicho caiu agora – xuí balofo, surdo, de terra desmontada – longe, bem longe lá perto do esgoto do Varjão? Anta! Anta, sim: onça entra na água mas é de mansinho, sem alardes... (PAMÉRIO, 1974, p. 26).

Pode-se perceber, assim, que várias espécies de animais eram encontradas dentro e fora do rio. A descrição de uma noite enluarada leva a crer que as noites eram propícias a momentos de lazer não somente para o homem como também para os animais. Há uma forma de caracterização do rio muito peculiar, pois, nota-se uma semelhança na forma de descrição do rio com os seres que nele habitam. Um funde-se no outro como se ambos se completassem. A linguagem utilizada apresenta traços regionalistas do modo de se expressar e descreve características de animais comuns no sertão para se referir a outros. É preciso levar em consideração que peixe não tem focinho e recebe, nesse contexto, características de outros animais como o porco ou a própria anta que vem a ser citada em seguida. São animais bastante distintos, mas com uma coisa em comum, dependem do rio para a sobrevivência. É necessário também esclarecer melhor sobre a forma como o narrador ouve e analisa o barulho feito pelo animal que entra no rio. Não era uma onça e sim uma anta, como é insistido. Porque a onça é um animal vigilante e entra na água sem alardes, sem fazer barulho enquanto a anta utiliza de um jeito menos discreto para alçar-se ao rio.

E todos esses acontecimentos ocorrem quando o deputado espera pelo Gerôncio no porto onde fica atracada a balsa. O deputado espera um companheiro para uma “pescada” e até mesmo espantar o calor. Como é noite no exato momento, são os sentidos que alertam o deputado para a chegada do candidato a prefeito, João Soares. Após os pensamentos do deputado sobre o rio, a percepção de como o mesmo tinha semelhanças com um peixe de escamas e fazer uma análise, pelo barulho, de que animal tinha entrado no rio, são os passos do amigo que o chama à realidade. “O deputado não pôde continuar divagando. Passadas na areia fizeram-no voltar-se: Era o João Soares.” (PALMÉRIO, 1974, p. 26). O rio torna-se

então, um local onde os amigos conversam sob uma lua clara e apreciam o ar fresco que soprava no momento. Também serve para uma conversa sobre as condições do clima em Vila dos Confins e sobre questões econômicas como a perda de gado pela falta de chuvas e conseqüentemente de alimento para o mesmo. “Chuvão na certa, e não demora... Graças a Deus! Perdedeira de gado como a deste ano, nunca vi!” (PALMÉRIO, 1974, p. 26).

As margens do Urucanã são testemunhas de uma conversa política estratégica para a campanha de João Soares à prefeitura do município. Como já eram amigos de longa data o deputado e o candidato iniciam um diálogo que envolve muitas questões sobre a região dos Confins, sobretudo aquelas ligadas ao município. Isso, num contexto político, porque tal questão era de interesse dos dois. O porto no qual se encontrava a balsa serviu para que os amigos e, porque não, políticos, esquematizassem uma viagem em duas localidades a fim de convencer dois importantes fazendeiros a apoiá-los bem como candidatarem-se a vereadores, isso, antes que o opositor Chico Belo fizesse o mesmo. Assim, faz-se o diálogo:

— E a viagem lá no Nelson?

— O senhor é quem sabe. Se a gente pudesse ir amanhã mesmo... E no Neca Lourenço também. Lá do Nelson ao Bacurizal, é coisa de umas cinco léguas. A gente devia pegar os dois o quanto antes...

— E o Chico Belo, será que demora?

— Sei lá... O Antero me disse que ele mais o Braulino estão estourando por aí. O boato é que foram buscar delegado militar. O Dr. Osmírio foi com eles... (PALMÉRIO, 1974, p. 26-27).

Foi testemunha da conversa a noite do sertão na qual se encontravam os amigos. Os animais que tumultuavam o sossego do deputado e a conversa dos antigos amigos de pescaria continuou noite a dentro. O diálogo tem uma desenvoltura concisa na sequência da narrativa de forma a discutirem as pressões e baixas que sofreriam ao longo da campanha e como os adversários estavam articulando para vencer o pleito. Porém, a chegada da chuva faz com que os amigos corram para um abrigo, a casa/venda do Jorge Turco, deixando para trás a margem do rio. O que interessa nesse contexto, pois o nosso foco aqui é a análise do rio, dos habitantes e do que acontece em suas mediações, é a forma como o mesmo é descrito e as implicações de sentido que ele oferece à narrativa. Sinais são apresentados e condizem com o que vem a acontecer ao longo da noite bem como com a disputa, como se vê no excerto da obra:

Um cheiro forte de terra foi o definitivo sinal da chuva. A ventania correndo rio acima soprava forte na ramada das gameleiras e jogava na água folhas, galhos secos, restos mortos de cipó. Pios, resmungos, gritos... — bichos em desassossego adivinhando a tempestade.” (PALMÉRIO, 1974, p. 27).

É possível verificar que a passagem é introduzida através da projeção do gradiente sensorial do olfato. Para Osman Lins (1976, p. 92): “Não deve o estudioso do espaço, na obra de ficção, ater-se apenas à visualidade, mas observar em que proporção os demais sentidos interferem.” Nesse sentido, é possível observar o espaço, através dos sentidos humanos, o narrador apresenta o cheiro de terra, e a partir daí forma a imagem que traz à mente a noção exata de que a chuva chegou, por meio do segmento “o definitivo sinal”. Normalmente, a tempestade está impregnada de negatividade, é notável que, no fragmento supracitado, a chuva traz maus augúrios, nesse caso, com as figuras do desconforto, agitação e inquietação, sentimentos representados pelo gradiente sensorial da audição. Os ruídos destacam-se em todo o ambiente, isto é, os pios, resmungos e gritos dos bichos tornam o lugar um tanto quanto hostil. Nesse caso, utilizamos o termo ambiente, pois há a mescla da natureza, ou seja, do rio, com o clima psicológico das personagens. Com a chuva chega também vários componentes significativos que atribuem à narrativa uma ideia de dificuldade e complicações para a batalha que se principia. Há no contexto da trama a apresentação de possíveis complicações em que os integrantes do partido União Cívica se colocavam. Percebe-se isso ao analisar a descrição de como o rio e os seus arredores se encontravam. A denominação “rio acima” denota bem um cenário de momentos relevantes e se mostrava adverso. Se for levado em consideração que subir torna-se, em tal situação, mais espinhoso que descer, há uma prerrogativa de insinuação de que os dias que estavam por vir e a própria situação política implicavam momentos em que as personagens precisariam ser fortes para o embate que se propuseram.

Se os bichos estavam em desassossego era porque a situação deles não estava tranquila, por outro lado, o que estava morto ou seco era jogado para dentro do rio. Iam para águas profundas para servir de alimento ao povoado aquático. Como se nota, o simbolismo desse espaço possibilita interpretações de natureza opostas. Conforme explicam Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 780), o “curso das águas é a corrente da vida e da morte”. Tudo era carregado pelo rio e a ventania anunciava uma tempestade. Além do que foi exposto acima, tais adjetivos que seguem na descrição da cena são compatíveis com um complexo estado em que as campanhas políticas se forjavam: pios, resmungos e gritos. Condiz assim, juntamente com a palavra tempestade, que se aproximava um tempo de disputas e de aflição, bem como sugere que, depois de tantas complicações, a calma pudesse voltar a reinar. E a pesca voltava a ser uma forma de descanso, pois o deputado há muito tempo não voltava ao rio, que era propício a grandes peixes de couro.

Paulo Santos ainda se lembrava de um marco no Urucanã. Era o ponto do poço onde havia uma árvore caída, uma peroba-rosa, muito comum no cerrado de Minas Gerais.

Lá estava a peroba-rosa: corpulenta, recortada em alto murundum saliente na sombra escura da mata do barranco. Ali, dobrava-se o rio em redondo cotovelo. A correnteza, acostumada já com mais de légua de rumo em linha reta, esbarrava de repente na curva, confundia-se, avançava além do conveniente. Recuava, depois, para seguir caminho certo – e o vaivém criava o rebojo. Profundas, as águas naquele ponto morto: sumidouro ocado pelo luar eterno do redemoinho, traiçoeiro remanso de lento regirar de espuma; mas o melhor ponto do rio para a pesca dos grandes peixes-de-couro. (PALMÉRIO, 1974, p. 36).

A forma como é disposta no texto de Palmério (1974) permite que se faça um estudo de como esse ponto do rio Urucanã tem uma importância na sequência dos fatos que se desenrolam com o passar da hora e a espera pelo peixe, mais especificamente o surubim, no rebojo do rio. Após seguir por volta de seis quilômetros em linha reta a água pesada da correnteza faz voltas, no sentido de uma luar. Esse verbo é utilizado no sentido de furar um buraco dentro do rio, uma vez que a luar é uma broca utilizada para perfurar madeira, pedra ou até mesmo metais. Mais uma vez o rio é descrito com uma adjetivação condizente com tragédias que mais adiante na narrativa se consumarão. Águas profundas dispõem de um sentido muito enfático do ponto de vista da morte. E no texto há a expressão “ponto-morto” no qual se refere a águas profundas. Pode haver uma duplicidade de sentido no que diz respeito ao relativo à profundidade. Seja ela natural em medida ou em psicologia o que nos importa é mostrar com clareza um estudo sobre tal devaneio. Assim “... toda água viva é uma água cujo destino é entorpecer-se, tornar-se pesada. Toda água viva é uma água que está a ponto de morrer” (BACHELARD, 2013, p. 49). Nesse contexto, a água que faz um redemoinho e cria uma espuma torna-se perigosa nesse ponto-morto onde se encontra o peixe que se busca pescar. Ali, onde as águas percorrem seu curso constante, se desprende a contradição. Nota-se um contraste porque o local é apresentado como perigoso e também o “melhor” ponto do rio para pescar.

Nesse ponto, entra a figura do balseiro no momento em que precisa trabalhar a canoa de forma que ela fique em uma posição privilegiada dentro do poço. A ação é necessária porque, a localização da embarcação pode fazer diferença para puxar o animal para cima dela após o peixe ser fígado. Portanto, a personagem age desta maneira, pois sua posição espacial é essencial para sua atuação. Para o narrador de Vila dos Confins, o “Deputado Paulo comandava: _ Mais para o meio. Isso, mais um pouco... Deixe rodar... Vá soltando a poita...” (PALMÉRIO, 1974, p. 36). O deputado mostra-se assim um homem com comando e pronto para liderar não apenas uma canoa dentro do rio, mas uma campanha

política vitoriosa. Porém, o que nos traz ao lume do estudo é a configuração do espaço do rio dentro da obra e as produções de sentido que o mesmo imprime dentro de tal circunstância. Dessa forma, é colocada uma pedra amarrada a uma corda para manter a canoa em uma posição estratégica no poço da peroba-rosa. Estar no meio, significa necessariamente estar no centro da situação, do redemoinho, da tempestade, do rebojo, tanto do rio quando da disputa eleitoral que se instalou no município. E era ali que o deputado desejava jogar o anzol. “A pedra custou chegar ao fundo. Puxando e soltando a corda, Gerônimo regulava a posição da canoa, até que a poitou exatamente na margem do poço. As folhas que desciam o rio passavam por ali, remoinhando juntamente com a escumurada”. (PALMÉRIO, 1974, p. 36). A pedra chega ao fundo do poço e mantém a canoa estabilizada na margem. No rebojo, as folhas que desciam o rio fazem uma “dança” com a espuma no centro do mesmo, transformando o local em um lugar especial para a pesca. As águas se apresentam, assim, com duas possibilidades: alegria e tristeza. Alegria na pescaria e tristeza nos desastres como a perda do gado do Nequinha Capador. Assim,

Em especial, podem-se descobrir as duas águas, a da alegria e a da dor. Mas não existe apenas uma lembrança. Nunca a água pesada se torna mais leve, nunca uma água escura se faz clara. É sempre o inverso. O conto da água é o conto humano de uma água que morre. O devaneio começa por vezes diante da água límpida, toda em reflexos imensos, fazendo ouvir uma música cristalina. Ele acaba no âmago de uma água triste e sombria, no âmago de uma água que transmite estranhos e fúnebres murmúrios. (BACHELARD, 2013, p. 49).

Começa então, com a água clara e límpida na margem dos córregos Pretinho e dos Nunes e termina no Urucanã, cujos dois afluentes citados encorpam as águas do misterioso que sustenta a balsa. E se as águas dos córregos “morrem” no rio a tendência do mesmo é desaguar em outro e conseqüentemente no mar. O deputado, após reclamar com o negro balseiro sobre o cabresto que este fez para a vara de pesca volta a esperar o peixe numa água sombria, na escuridão da noite, motivo pelo qual faz o político usar uma lanterna para enxergar melhor tanto o serviço na vara de pescar como também o local onde estava localizado. “Paulo acendeu a lanterna e apanhou a rodilha de aço trançado. Desenrolou-a com cuidado para evitar as crocas e enganchou o girador no anel de aço da ponta de bambu” (PALMÉRIO, 1974, p. 36). A partir desse excerto transcrito da obra faz-se necessário um debate sobre a questão das “voltas” e “giros”, pois tais ideias estão presentes na narrativa desde o início do tema pescaria. Assim como a vida dos habitantes de Vila dos Confins, pode-se entender que, a contento, dar voltas ou giros é equivalente no que diz respeito à existência bem como é necessário “se virar” para conseguir a sobrevivência.

Paulo Santos teve que ficar atento para conseguir ferrar o peixe que fisgou no rebojo do poço da peroba-rosa. Após perder uma fisgada e deixar outro ir embora, assustado, novamente o deputado isca o anzol e fica à espreita para conseguir, dessa vez, não perder o peixe. Assim como tinha explicado o Gerônimo, era mesmo bom de peixe o poço que ficava longe da balsa. Foi compensatória a descida de canoa até o local mencionado e enfrentar a chuva fina que os pescadores tinham como companhia. Mas uma forma de anestésiar o corpo era utilizada. Tanto o balseiro como o político estavam levemente embriagados. “Tontura gostosa dava a pinga forte do Gerônimo”. (PALMÉRIO, 1974, p. 42). Com tal companhia e conversando, lembrando as pescarias do passado, Paulo afirma a Gerônimo que aquele peixe ferido na boca ficaria arisco e não voltaria tão cedo a tentar abocanhar outro muçum, uma minhoca propícia para encaixar-se no anzol e apresentar-se chamativo ao peixe faminto. A embriaguez faz com que os pescadores busquem um descanso para o espírito e uma fuga da realidade. Também serve para esconder-se do frio da chuva fina que caía. Assim,

A embriaguez do espírito não é apenas um *transporte* das faculdades mentais, uma vez que o vinho é, ele mesmo, sinônimo de conhecimento. Não é também um símbolo verbal, analógico, pois que, um pouco por toda parte, o homem recorre à embriaguez física como meio de acesso à espiritualidade, libertando-se do condicionamento do mundo exterior, da vida controlada pela consciência... (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 364, grifos do autor).

A partir de tal afirmação, constata-se que o deputado buscava na pescaria ausentar-se pelo menos por um curto período de tempo das complicações oficiais de político e reviver a época em que ainda não estava metido nas lutas políticas. De acordo com o dicionário de símbolos, o que acontece com a tontura que a pinga provoca nos amigos dentro da canoa, no rio Urucanã, é, através da embriaguez física com o efeito da aguardente, buscar um estado de espírito que não fosse controlado exclusivamente pela consciência. Há, assim, uma nostalgia e uma tranquilidade diante de uma situação que se apresentava difícil no âmbito político: vencer as primeiras eleições municipais de Vilas dos Confins e aniquilar o poderio da família Belo, que, segundo a narrativa, sempre dominou o cenário político de tal lugar.

4.3 No Rio: Fluxo e Conflito

O tempo passava e o negro balseiro se incomodava com a conversa exagerada do deputado de forma a alertá-lo para prestar mais atenção à vara para não perder o peixe novamente. Paulo, já experiente em pescaria bem como na política, não podia se dar ao luxo

de perder novamente o peixe. O narrador de *Vila dos Confins* (1974) afirma que o maldoso do balseiro provocava o deputado, dizendo que se ele continuasse a conversar perderia novamente outro peixe bom, um peixe-de-couro grande. Mas em consequência do que já havia ocorrido, ou seja, a perda do surubim, o pescador-político busca ficar atento para a fisgada certa. Dessa forma,

Mas o pescador estava prevenido. Sustentava, agora, a vara com ambas as mãos, sem deixar que encostasse na borda da canoa, para que as mínimas vibrações do bambu lhe chegassem imediatas e perfeitas. Ferido na boca perra ferrada mal-sucedida o peixe demoraria a voltar e a sucumbir ante a presença do outro muçum carnudo e tentador... Mas havia outros: o rebojo da peroba-rosa nunca deixava ninguém de mãos abanando... (PALMÉRIO, 1974, p. 42).

Pescador ou político prevenido não perde nem peixe nem eleitores. Assim, o deputado fisga o peixe em uma ferrada perfeita de forma que resta brigar com o animal. Uma luta demorada e bem travada porque o rio é o habitat natural do surubim e o homem dentro da canoa não tem total estabilidade para a luta. O peixe tem todos os truques para tentar fugir da garra do anzol e seguir seu curso no rio. Porém, desta vez, a atenção do pescador fez com que o mesmo não desse chance ao surubim. Saliente-se ainda que o fato de não querer encostar a vara de bambu na canoa para receber vibrações imediatas e perfeitas nos leva a debater que, se somadas a embriaguez da pinga mais as vibrações perfeitas da vara de bambu, o espaço se confirmava em um local perfeito para o descanso e a fuga da realidade. E há ainda o mistério quanto ao rebojo, que, para o narrador, nunca deixa ninguém com as mãos vazias, ou seja, do poço, sempre o pescador leva um bom peixe, um prêmio, pela paciência da espera e pela técnica empregada para tirar o animal da água. “Destas vezes, a ferrada fora certa. Ao golpear a vara, Paulo sentiu o soco da fisgada, firme tal e qual machadada de machado novo em tora macia de cedro”. (PALMÉRIO, 1974, p. 43). As comparações da fisgada na boca do peixe e de um machado na tora de cedro faz sentido se considerado que tal árvore, de acordo com Chevalier & Gheerbrant (2012), fez-se um emblema de grandeza, de nobreza e de perenidade. Aumenta, dessa forma, o valor que o pescado significa na trama para o deputado uma vez que ele consegue o feito pretendido.

Por fim, a luta segue até que, após ser ajudado pelo balseiro, Paulo Santos domina o peixe. Em tempos antigos, quando estava mais novo, segundo o narrador de *Vila dos Confins* (1974) o deputado não aceitaria a ajuda de ninguém. Porém, meio tonto por causa da pinga e diante de um grande peixe, a ajuda do negro foi aceita porque a luta entre o político e o surubim apresenta-se muito dura. Há relação, mais uma vez com o âmbito político, pois sem o apoio dos “companheiros” é impossível vencer a eleição sozinho. Assim, as grandes

conquistas têm mais sabor após intensos períodos de luta e o nível da dificuldade. E todo aquele que perde o embate, na maioria das vezes, luta até o último suspiro para se entregar. E assim, foi o ato final da disputa entre homem e peixe.

Tempão lutou o peixe antes de pranchear, entregue. A espaços apontava a cabeça à superfície – toco feioso de pau preto – para, em seguida, remergulhar num último desespero. A vara, porém, empinada, quase a prumo, obrigava-o mais e mais a acercar-se da canoa. Gerônimo deixara, afinal, Paulo gozar sozinho a luta com o surubim já dominado. (PALMÉRIO, 1974, p. 44).

Por mais intensa que seja uma ação, ao final o vencedor goza de prazer pela execução do ato pretendido. Em uma trama narrativa, como a de *Vila dos Confins* (1974) é possível verificar que, ao chegar ao recém-emancipado município, primeiro o deputado quer relembrar tempos passados e descansar tanto corpo quanto a mente antes de começar a corrida pelos votos. E a volta que o peixe fazia para fugir do anzol assemelha-se com o desespero do ser que se encontra preso e está prestes a se sacrificado. Percebe-se, então, que Paulo Santos tem momentos de alegria e despojo antes de iniciar de fato a corrida eleitoral. O deputado tem responsabilidades políticas por toda a região dos Confins, fundou o partido União Cívica em mais de vinte municípios, porém atuará apenas na campanha do companheiro de pescadas João Soares.

Assim, rio, pescaria e amizade se entrelaçam de forma a fortalecer os laços de amizades construídos há mais de quatro anos. “Quase cinco anos, hem, Gerônimo? O Totonho ainda era um cisquinho de gente, engatinhando. A Ritinha, menina ainda dos seus dez, 11 anos...” (PALMÉRIO, 1974, p. 40). Foi assim que a lembrança do deputado retoma o passado e rememora como o balseiro e os filhos se encontravam. Muita coisa na Vila dos Confins mudou após a época mencionada. Os filhos do Gerônimo cresceram, Paulo Santos se tornou deputado e a Vila um município cuja primeira eleição deixa marcas profundas na população e nos entes políticos que participam diretamente do pleito. O rio Urucanã está diretamente envolvido na vida das pessoas, mas principalmente na do balseiro. É sobre o rio que o mesmo consegue sustentar a família através do trabalho remunerado na balsa do governo. É o local onde vê os filhos crescerem, Totonho se tornar um menino esperto e cheio de vida enquanto, em contraste a isso, não consegue salvar a filha no desastre que vem a acontecer como o final da disputa eleitoral, em uma grande tragédia em cima da balsa sobre o misterioso e mau rio Urucanã.

4.3.1 O Espaço da Balsa, o Curso da Narrativa

A balsa¹⁵ é um meio de travessia de rios, represas e até de partes do mar. Até hoje se utiliza esse meio de locomoção para travessias em determinados pontos do país, principalmente em rios. Na falta de uma ponte é o meio mais barato e eficaz para agilizar passagens e escoar produções. A narrativa de *Vila dos Confins* (1974) condiz muito com a época em que o país ainda não tinha uma estrutura rodoviária organizada e era comum a implantação desse meio de transporte em locais onde o progresso ainda não havia se apresentado. Já no capítulo dois do texto de Palmério (1974) há uma referência à balsa e ao funcionário do estado que conduz a mesma. Gerôncio é um negro novo e forte, casado com Rosa e pai de Totonho, um menino esperto, e Ritinha, moça de aproximadamente 16 anos de idade e que vive momentos trágicos no ambiente de trabalho do pai. A embarcação tem fundamental importância para a economia e a vida dos habitantes do município bem como para pessoas que têm apenas a necessidade de passar de um lado para outro do rio.

Para o contexto da narrativa, a balsa é estratégica. Apresenta uma diversidade grande de acontecimentos que impactam a narrativa no que diz respeito à produção de sentidos. A forma como ela se encontra atracada, seja do lado esquerdo ou direito do povoado e o que ela transporta são pontos significativos da fábula. Sonhos de riqueza, alegrias de reencontros e tristezas de perdas irreparáveis passam por esse espaço digno de um estudo especializado. Balseiro e balsa são indissociáveis a partir do momento que ambos necessitam-se para a existência na obra. Gerôncio gostava das pescadas e da caça aos jacarés de forma que para fazer amizade com o mesmo uma linha de pesca de presente ou mesmo deixar o negro dar uns tiros com a carabina são boas estratégias. Quase sempre estaria vigiando a balsa e cuidando do ofício. O deputado Paulo Santos, ainda na casa de Jorge Turco, pensava consigo mesmo,

E o rio? Talvez ainda alguém andasse a vigiar as pindas amarradas nos galhos dos barrancos, à espera de algum surubim. Gerôncio, esse com certeza estaria na balsa, linha-larga na mão, bebendo seus goles e namorando a cabaça flutuante a metro e pouco do anzol iscado de muçum. Tranca de boa vida! Louco por um tiroteio nos jacarés... (PALMÉRIO, 1974, p. 25).

A balsa tornava-se a maior ocupação de Gerôncio, pois o tempo todo precisa estar de prontidão para fazer as travessias. Não havia hora para executar a função. Independente de ser dia ou noite, quem precisasse estava bem servido. Porém não era o dia inteiro ou noite

¹⁵ Jangada de toros grandes, us. para navegar ger. curtas distâncias em rios transporte flutuante, preso a um cabo, que faz a travessia de veículos ou pessoas em rios onde não há ponte.

inteira que o funcionário da balsa precisava trabalhar. Ele tinha largas folgas entre uma travessia e outra e, assim, sobrava tempo para pescarias ou caçadas. Confirma-se assim, o que o narrador afirma no início do texto. “A caça encontra-se à vontade nas tiras de mato e nos varjões beira rio... Para quem gosta da pesca, então é que é pagode” (PALMÉRIO, 1974, p. 17). E o balseiro, juntamente com os amigos, pescava e tomava cachaça enquanto tinha essas horas de folga. A balsa ficava à espera de quem precisasse usá-la de forma que ela representava um espaço de transições, travessias e locomoção.

As travessias feitas pela balsa serão analisadas no contexto literário da narrativa a partir do ponto que carrega em si sonhos, riquezas e muitas histórias. É preciso salientar que, para não perder trabalho, quando Gerônimo transportava alguém ou alguma mercadoria de um lado para outro a mesma ficava atracada onde aconteceu a última viagem. Dessa forma, quando o deputado Paulo Santos procura por uma companhia encontra a balsa vazia acorrentada do lado da Vila. “A balsa estava acorrentada do lado da Vila: sinal de que o Gerônimo estava correndo as suas pindas ou iscando as varas-de-espera (...) Paulo quis chamá-lo, mas teve preguiça de gritar. Esticou-se na balsa e ficou olhando céu e rio” (PALMÉRIO, 1974, p. 25-26). Como o deputado fica a esperar na balsa, configura-se assim uma segunda forma de espera: a da balsa por passageiros e a de Paulo pelo balseiro. Mas, um detalhe na descrição de como o político se encontrava na embarcação mostra dois polos bastante distintos que se fundem, ou seja, o céu e o rio. Olhava o céu deitado, “esticado”, o protagonista da trama de Palmério. Entende-se, dessa forma, que a posição na qual se encontra é parecida com a de um ser que morre e é colocado em um caixão. Ao passo que analisa o espaço, o deputado olha o céu e também observa o rio. Fazendo um contraste entre ambos a partir do pensamento e crença ocidental de que, o que está no alto é divino e o que está para baixo não o é, nota-se que há uma produção de sentido nesse contexto. “O céu é uma **manifestação direta da transcendência**, do poder, da serenidade, da sacralidade: aquilo que nenhum vivente da terra é capaz de alcançar” (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2012, p. 227, grifos do autor). Portanto, inalcançável ao ser humano. Enquanto isso, o rio é apresentado como o local em que se encontram as profundezas, o profano, a morte.

Quando os pescadores Paulo e Gerônimo sobem o rio de canoa com o surubim que o deputado fisgou, por sinal um grande peixe, os mesmos descem da canoa e passam para cima da balsa. Acostumado a fisgar e a arrumar grandes peixes o balseiro não perde tempo e, ao colocar o pescado em cima da embarcação ele começa o preparo do surubim ali mesmo. Para o narrador de *Vila dos Confins* (1974), “No tabuado da balsa, o balseiro (Gerônimo) sangrara-o e limpou-o o fato – um mundo de sangueira e porcaria...” (PALMÉRIO, 1974,

p. 45). Assim, percebe-se que as descrições do que acontece e como acontecem os fatos na balsa condizem com o que vem a acontecer já no final da narrativa. Saliente-se ainda que, de uma forma muito clara as palavras “sangueira” e “porcariada” aparecem no tabuado da balsa. Podem-se intensificar tais afirmações ao passo que, como são as águas que dão sustentação à balsa, por meio dos canoões que promovem a travessia da mesma, tal elemento fundamenta a análise da partida. Assim,

Para o sonhador, as inversões entre essa partida e a morte são contínuas. Para alguns sonhadores, a água é o movimento novo que nos convida à viagem jamais feita. (...). Se quisermos restituir ao seu nível primitivo, todos os valores inconscientes acumulados em torno dos funerais pela imagem da viagem pela água, compreenderemos melhor o significado do rio dos infernos e todas as lendas da fúnebre travessia. (BACHELARD, 2013, p. 78).

E esse movimento que o teórico atribui às águas é constatado no texto de Palmério uma vez que a balsa está sempre em movimento devido à forma que os canoões são dispostos e é a força da mesma que faz a embarcação ir de um lado a outro. As travessias, então, são inteiramente dependentes da força das correntezas. Por mais que um ser tenha vivido uma vida de crimes ou pecados, quando o mesmo vem a óbito, é para o céu que as mãos e as orações se erguem. E assim, faz-se uma referência à forma que o deputado esticado na balsa olhava céu e rio. Mas o sangue do peixe no tabuado da mesma leva-nos a uma interpretação que as futuras travessias seriam, então, desastrosas.

O balseiro e pescador estava sempre apto a trabalhar e, mesmo ele passado a noite pescando com o deputado, na manhã do dia seguinte esperava o companheiro de política e pescaria para uma travessia. “Gerôncio já esperava com a balsa pronta para a travessia.” (PALMÉRIO, 1974, p. 45). Desde o início do período chuvoso na região dos Confins, o espaço da balsa já se apresentava com potenciais perigos. Até para colocar ou retirar um veículo havia dificuldade. Em um diálogo entre os companheiros de Paulo Santos notam-se as complicações com a balsa.

— Desça com cuidado, Doutor. A rampa virou quiabo. Paulo dirigia a caminhoneta com cuidado, pé nos freios. Mas para baixo os santos ajudavam. E embarcou sem dificuldades.

— Anda um chuvão brabo pelos lados da Brejaúva. Olhe o rio, Gerôncio: pura terra massapé, da roxa... – disse o João Soares.

Gerôncio não deixou passar a deixa:

— É mesmo, o barro vem de lá. E mandou a marca na frente, que já rodou imundícia de folha de bacuri...

Retirados os pranchões de embarque e soltas as correntes, Gerôncio regulava o cabresto. Os varejões, agora, ajudando a desatracar; e a carretilha começou a cantiga no cabo de aço. (PALMÉRIO, 1974, p. 45).

Mesmo conseguindo embarcar, percebe-se que a narrativa apresenta uma variedade de obstáculos para subir na embarcação. A rampa para entrar na balsa estava escorregadia, de forma que, se saísse um pouco do trajeto, a caminhoneta poderia cair dentro do Urucanã. Paulo teve que guiar o automóvel com prudência e pé nos freios. Usa, o narrador, de um dito popular, ou seja, uma linguagem utilizada comumente no interior, que, para baixo, “todos os santos ajudam”. Essa é uma forma de expressar que não se utiliza de muita força para executar tal função. A chuva forte que caiu na cabeceira do rio imprime uma coloração diferente à água e faz a correnteza mais forte. O rio começa a ficar “poluído”, cheio da imundície que roda no mesmo. Começa, então, a primeira travessia, já apresentando um grau de dificuldade muito grande. Com pedaços de pau, denominados de varjões, o balseiro força a embarcação para que ela entre no rio e comece a ser conduzida pela força “braba” das águas. A carretilha, que é colocada em um cabo de aço faz um barulho do início ao fim da travessia. Nota-se, assim, que a mesma cria uma “cantiga”, fazendo com que a passagem de um barranco ao outro do rio tenha uma “trilha sonora”. O canto da ferramenta não é agradável e muitos seres ficam ouriçados quando ouvem tal barulho.

Aurélio, tio do deputado Paulo Santos, exercia uma espécie de função de assessor do político. Acompanhava o sobrinho nas viagens de cunho político bem como nas boas horas de lazer como nas pescarias. Como, quando era jovem, levava gado do interior de Minas para o Mato Grosso, conhecia muitas estradas de terra batida e caminhos tortuosos por onde precisava passar com a boiada. Já em cima da balsa, Paulo, sem entender direito como a embarcação era conduzida de um lado para outro, afirma não saber como funcionava tal engenhoca, apenas percebia que ela era movida pela força das águas. Aurélio elogiava o ser que inventou a forma de embarcação. “_Nada burro não, o sujeito que inventou a balsa – proseava o Aurélio. – Dois canoões, tabuado por cima, cabo de aço e boa carretilha...”(PALMÉRIO, 1974, p.45). Essa conversa intrigava ainda mais o deputado que esperava uma explicação do tio. A simplicidade de como é engenhada a balsa retrata a vida simples do sertão. Utiliza-se de apenas canoas, tabuas, carretilha e cabo de aço para organizar uma eficaz forma de travessia. Enquanto a balsa faz essa travessia Paulo Santos puxa conversa afirmando o que sabe sobre a balsa “_Engraçado – começou Paulo –, até hoje não entendi direito como é que isto funciona. Sei que é só pela força da água. Mas o resto...”(PALMÉRIO, 1974, p. 45). O espaço da balsa e conseqüentemente do rio nesse momento apresenta-se como um local no qual conversas corriqueiras são colocadas em prática de forma a contribuir com a narrativa. A balsa serve, nesse contexto, apenas para levar

os correligionários de um lado ao outro do rio para que os mesmos seguissem viagem em busca do apoio de pretensos vereadores.

Ao fazer tais indagações o tio explica melhor como a balsa funciona. De forma bem simples, transforma a narração em uma explicação técnica de como a força das correntezas conduzem a balsa. O que nos interessa nesse contexto é a forma como a explicação é conduzida. Se a conversa acontece entre amigos em cima do tabuado da balsa é fato que o espaço apresenta-se bem amistoso, amigável, porém não desempenha uma relação nem afetivo-positiva, nem afetivo-negativa entre este e as personagens. Mas, serve de base para comportar Aurélio, João Soares, deputado Paulo Santos, Gerôncio e o filho Totonho em uma das primeiras travessias do dia no rio Urucanã. Como sempre gostava de entrar nas conversas do sobrinho Aurélio não perdeu tempo entre a indagação e começou logo a explicação: Para ele

— Pois é uma simplicidade, Paulo – aproveitou o tio. – Tudo por causa deste jeito meio torto das canoas: a correnteza vem, esbarra nelas, e força a balsa a andar de lado que nem caranguejo... O cabo de aço e a carretilha fazem o resto...

— E para voltar?

— A mesma coisa: vira-se a posição das canoas, o cabresto agora do outro lado. A correnteza, em vez de bater do lado de cá, passa a fazer força do outro. O empuxo da água é o mesmo; só o entortado da balsa que muda... (PALMÉRIO, 1974, p. 45-46).

Mediante tal explicação extraído do excerto do *corpus* é possível verificar que a balsa, para fazer suas travessias precisa de uma água corrente que a force seguir seu pequeno curso. Após explicação bem detalhada do tio, o político fica a imaginar como tal engenhoca foi bem pensada para aproveitar as forças naturais e conduzir-se pelos rios. São, assim, as correntezas que dão vida à embarcação. A mesma movimenta-se de modo estranho, ou seja, de lado. Ao passo que é comparada a um animal aquático que nunca se sabe se está movimentando-se para frente ou para trás, o caranguejo. E, com esse fator de incerteza, é que se conduz o caminho que ora trilham as personagens num percurso político em busca de apoio e de fixar-se no cenário regional do Sertão dos Confins. Ao aproximar-se do barranco do outro lado do Urucanã o motorista raciocina na dificuldade que enfrentaria para subir o barranco. “Paulo olhou a rampa e resmungou: _ Levou quem trouxe. Agora é que são elas”. (PALMÉRIO, 1974, p.47). A declaração do deputado representa a dificuldade que via em fazer a caminhoneta sair da balsa e subir o barranco escorregadio e molhado da margem do rio.

O percurso para chegar a cada residência, rancho e fazenda no recém-emancipado município era repleto de obstáculos e transformava as viagens em verdadeiras aventuras nas

matas fechadas, no meio da caatinga, e em travessias de rios e córregos. Criavam-se, assim, condições adversas para enfrentar o pleito eleitoral e conquistar o cargo eletivo maior do município. O que nos leva a um estudo mais profundo da balsa e do rio são as condições de complicação que eles criam no decorrer da narrativa e a relação com o contexto geral da trama de Palmério. Assim, pode-se notar que tanto para entrar quanto para sair da embarcação havia um nível de dificuldade grande, o que condizia com a disputa política. E, se há a necessidade de controlar o estado nervoso e psicológico para enfrentar disputa eleitoral, também era preciso usar de artimanhas para retirar a caminhoneta da balsa.

Para o narrador de Vila dos Confins:

E foram elas. Mais de meia hora aquela subida. Um inferno: calça, acelera, freia. O motor fervia, as rodas patinavam, girando em falso e espirrando lama todo o mundo. Os pneus catingavam tal qual borracha queimada. Ia não... Mas Gerônimo estava acostumado àquilo. Muito caminhão já atolara até os eixos naquela subida, e mais de um estaria no fundo do rio, não fosse a calma e a prática do balseiro. (PALMÉRIO, 1974, p. 47).

A expressão que o narrador utiliza para definir como foi a subida da rampa do barranco configura bem o que o deputado e os companheiros encontrariam no decorrer da campanha bem como das travessias na balsa. Se levamos em consideração que as palavras “inferno”, “fervia” perceber-se-á que existe uma sensação de que o espaço se tornava constrangedor para a personagem. Os pneus queimavam no piso da balsa de forma que o cheiro exalado pelo rodar e não sair do lugar era parecido com borracha queimada. Além disso, espirrava a lama em todos que estavam por perto. Lama essa que suja todos que estão ao seu alcance. Nesse sentido, conforme se lê em Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 534), é possível que “[...] a lama ou o lodo, através de um simbolismo ético, passe a ser identificada com a escória da sociedade (e com seu meio ambiente), com a ralé, ou seja, com os níveis inferiores do ser: uma água contaminada, corrompida”. Há, nessa sequência narrativa de Palmério (1974) uma elucidação de que tal espaço, o da balsa, já apresentava características de um espaço corroído de sujeiras, e que a lama produzida em suas tábuas representa a podridão que vem a acontecer na última travessia que a mesma faz ao final da narrativa.

O deputado Paulo Santos, a se ver em tal situação, começa a esbravejar e a gritar xingamentos. Gerônimo, o comandante da balsa, pede calma ao político e apresenta saídas para que todos consigam superar a referida situação e seguir caminho. Com sua calma e prática evitou que muitos caminhões viessem a cair no fundo do rio. Usou dos mesmos artifícios para não deixar que acontecesse o desastre com a caminhoneta. “_ Praga não ’dianta, doutor. Afobe não... Pode apagar a gasolina. Com enxadão, Totonho, ali naquele

murundum. Me dá o chicão, João Soares... Sem macaco não vai”. (PALMÉRIO, 1974, p. 47). A linguagem utilizada no contexto da narrativa reafirma a condição de obra regionalista enquanto representa uma expressão do homem sem conhecimento da variedade privilegiada do português. A recomendar ao deputado que não adiantava “jogar praga”, o narrador utiliza a forma coloquial “dianta”.

É possível constatar que, sem a ajuda do filho do balseiro, o Totonho, era impossível o automóvel sair da balsa e subir definitivamente o barranco. Saliente-se ainda, que, para finalizar o trabalho de entrada, travessia e saída da balsa, a narrativa de *Vila dos Confins* (1974) projeta uma alusão ao inferno e às conspirações diabólicas. “Um capeta, o Totonho! (...) Caindo nas valetas, agarrando-se aos facões e patinando no capim que o Totonho jogava por debaixo das rodas, a caminhoneta varava a rampa. Uma luta!”. (PALMÉRIO, 1974, p. 47). A exemplo da história bíblica, há passagens que atribuem uma relação negativa para o vocábulo cair, pois dizemos que o paraíso de Adão e Eva “caiu”, ao referir sobre a questão da perda do lugar. Além disso, aquilo que cai, vai para baixo, normalmente remete-nos a um simbolismo de conotação ruim, uma vez que o que está embaixo, conforme afirma Borges Filho (2007, p. 59), “poderá estar impregnado de valor negativo.”

Nota-se assim que as ações das personagens foram indiciadas pelo espaço que elas ocupam, pois foi possível ver, e conferir, a partir da teoria da Topoanálise, que o lugar e os elementos que o compõem podem caracterizar o ser fictício e situá-los no contexto socioeconômico e psicológico em que vivem (BORGES FILHO, 2007, p. 35). Isso porque, como todo o processo da travessia fez-se muito difícil e cheio de obstáculos, também a campanha eleitoral e o percurso pelo município seriam repletos de complicações e cheio de lutas.

4.3.2 A Balsa e a Última travessia

Durante os meses de acalorado processo eleitoral no recém-emancipado município de Vila dos Confins o balseiro Gerônimo teve muito trabalho. Foram incontáveis travessias nas quais contribui para que tudo transcorresse normalmente. Paulo é companheiro, amigo e pretense compadre, pois o deputado ofereceu ser padrinho de casamento da filha Ritinha. Porém, o balseiro andava cansado de tantas travessias. Fazia-as de canoa também porque não compensava deslocar a balsa para a condução de poucas pessoas ou poucos produtos. Apresentava-se um homem bondoso a personagem Gerônimo uma vez que até carregava

peessoas com dificuldade de locomoção nos braços. Todos à beira do rio elogiam a atitude de Gerônimo.

Gerônimo abandonara o porto. Lá estava do outro lado, a balsa acorrentada no toco de aroeira do barranco. Quase que se acaba, o pobre, de tanto subir e descer o rio carregando gente de canoa. Só parou quando a dor-de-lado – a pontada fininha no encontro – não o deixou mais remar. Antes, porém, fizera mais um sacrifício: buscar o Zé Alfaiate e carregá-lo, com cadeira e tudo, pois o coitado era entrevado das pernas. (PALMÉRIO, 1974, p. 247).

Gerônimo sentiu uma profunda dor no lado do corpo após ter remado e levado pessoas de um lado a outro do rio Urucanã. Subir o rio requer um esforço muito grande por parte de quem rema para mover uma embarcação como uma canoa. E com peso e contra a correnteza, a mesma que força e move a balsa. Havia também as descidas, que traziam mais descanso e tranquilidade ao navegante. Depois de tantas viagens e cansado fez ainda um esforço de carregar um homem com cadeira, pois este se encontrava em estado de saúde deprimente. Há uma diferença entre o fato de usar a balsa e usar uma canoa. A balsa faz apenas um movimento lateral no qual vai de um lado ao outro do rio formalizando assim uma travessia. Há também a crença popular que afirma que, quando se morre, passa-se de um lado para outro. “[...] nunca a Vida conseguiu aceitar a morte”. (BACHELARD, 2013, p. 75). A partir desse pensamento de Bachelard, é possível fazer uma comparação com as “idas” e “vindas” nas travessias da balsa de forma que a água conduz o ser nessa passagem. A própria vida não admite que quando se morre tudo acabe e, por isso mesmo, há a referência “do outro lado da vida” assim como há o outro lado do rio.

A relação entre balsa, balseiro e rio nos permite uma aproximação com o que Bachelard chamada de complexo de Caronte, o balseiro das travessias obscuras. Se for feita uma análise da função do balseiro em uma obra literária pode-se chegar a diversas conclusões. Porém, uma aproximação adequada encontrada em *Vila dos Confins* (1974) é entre Gerônimo e Caronte, aquele que conduz as almas para o “outro lado”. A travessia da morte. Nesse contexto, pode-se constatar que “em particular, a função de um simples *barqueiro*, quando encontra seu lugar numa obra literária, é quase fatalmente tocada pelo simbolismo de Caronte. Por mais que atravesse um simples rio, ele traz o símbolo de um além”. (BACHELARD, 2013, p. 81). Não é diferente com Gerônimo. Se se leva em consideração a última travessia do dia da apuração da eleição em *Vila dos Confins*, nota-se uma semelhança entre os dois mencionados barqueiros. A travessia que mencionamos remete a todas as travessias que um ser pode submeter-se. É a travessia de Ritinha que se transforma em mulher e atravessa o rio

com um vestido vermelho bem como uma travessia para o negociador de gado Nequinha Capador. As duas personagens ocupam a balsa nessa última travessia dentro do romance.

Verifica-se também que as águas do rio Urucanã ficavam cada vez mais fortes com a enxurrada que enchia os córregos que desaguavam no rio misterioso e mau, conforme se lê no seguinte excerto: “Paulo, esticado no barranco, via o rio correr, cada vez mais cheio. Cevado pelas enxurradas, descia, barulhento, o Urucanã. Pelos lados do Batista, a chuvarada fora feia: mundo de moitas de colonião, navegando no vermelho sujo do massapé longínquo.” (PALMÉRIO, 1974, p. 255).

Paulo Santos, apreensivo com o resultado da apuração, esperava estico às margens. Aparece, então, a descrição das águas na cor vermelha. Segundo Borges Filho (2007, p. 89), “o vermelho é a única cor cromática que se aproxima da importância do negro e do branco, e provavelmente, foi a primeira a adquirir sentido simbólico.” O teórico ainda ressalta que, por esse motivo, “[...] seu significado é compartilhado também por diferentes povos e culturas.” Essa cor, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 944), é “universalmente considerada como o símbolo fundamental do princípio de vida, com sua força, seu poder [...]”. Na verdade, o vermelho está comumente ligado a fatos conflituosos e contraditórios. Os próprios autores destacam a ambivalência desta cor, assim como ela pode assinalar uma variedade de sentidos na obra literária. Em *Vila dos Confins* (1974) representa, no rio Urucanã, em relação às suas águas, aquilo que é impuro, que pode sujá-las. É a terra vermelha, massapé, que roda na enxurrada e cai no rio fazendo com as águas límpidas se misturem à terra e aos rejeitos que são empurrados para o rio, dando-lhe certa tonalidade. Nesse contexto, a coloração vermelho-escura, barrenta e impura que impregna o espaço aquoso, representa os conflitos e problemáticas que giram em torno das armações políticas, das vivências das personagens e dos fatos que formam o texto como um todo.

O dia já caminhava para o fim quando o Padre Sommer estava na margem do rio e esperava a balsa para uma travessia. O que levava o religioso a ficar na Vila dos Confins era um motivo nobre para tal função que o mesmo ocupava: dar a benção a um ser que se encontra em um estado muito debilitado de saúde, o que se denomina “unção dos enfermos”. Nota-se que na narrativa o padre espera uma das travessias da balsa para ir ver um fiel enfermo que estava muito doente. Assim,

Entardecia quando pe. Sommer atravessou o rio, aproveitando uma das viagens da balsa. Vinha desculpar-se: não podia ir até a barrinha do córrego dos Moreiras. Esperava um chamado a qualquer hora. Seu Sinésio da Cachoeirinha estava pelo mais-hoje-mais-amanhã. (PALMÉRIO, 1974, p. 255).

Ao passo que a narrativa segue seu curso é possível verificar que o contexto da trama liga-se a uma história triste na qual um homem, o “Seu Sinésio”, encontra-se à beira da morte e o pe. Sommer utiliza a balsa para uma travessia de forma a ir visitá-lo e fazer uma oração para o mesmo antes que este viesse a falecer. Nota-se que o espaço condiz com o fato narrado, pois o dia já estava quase acabando, ou seja, os raios de sol já não estavam fortes e a claridade do dia perdia força, assim como um homem prestes a perder a vida. O fiel da igreja do pe. Sommer estava prestes a fazer também a sua última travessia, da vida para a morte. E isso tem uma implicação na trama no que se refere à sequência da narrativa. O balseiro Gerônimo embarcava o resto do gado do Nequinho Capador. O padre conversava com o criador de gado que ia expor seu melhor e mais valioso bezerro, o filhote do Lontra, na exposição de Uberaba, a mais afamada do interior do país. “E enquanto embarcava o resto do gado – *última viagem, que custo!* – o padre ficou no barranco apreciando o movimento, proseando (...)” (PALMÉRIO, 1974, p. 255. Grifo nosso). Havia nessa frase exclamativa uma antecipação dos fatos que virão acontecer. Apresenta-se então um fato que marcará o penúltimo capítulo do texto de Palmério uma vez que tanto para o gado, e em especial para o bezerro valioso, quanto para a filha do balseiro, a moça Ritinha, a última viagem, a travessia que não se completou.

O balseiro trabalhou muito, durante todo o dia. Várias travessias com a balsa foram feitas do amanhecer até o fim do dia. Esse dia penoso e cansativo marcou a comunidade da Vila dos Confins. Era a primeira vez que o município ia conhecer o prefeito eleito e os vereadores que iam compor a câmara municipal para o primeiro mandato. Os maiores interessados no resultado estavam para a cidade de Santa Rita para acompanhar a apuração dos votos enquanto os demais esperam ansiosos para saber todas as novidades. Se o resultado era esperado com ansiedade e aflição, assim também estava o dia na balsa com a travessia do gado. “Dia cheio para o Gerônimo! Vinte e duas travessias, desde o amanhecer, lidando com o gado teimoso e meio xucro ainda. Quatrocentos bois de corte a refugar, a desgarrar, a escorregar no tabuado da balsa lambuzada de barro e esterco...” (PALMÉRIO, 1974, p. 256). Ao ver todo o trabalho do balseiro e compadre, o deputado Paulo Santos em uma conversa com o padre faz uma promessa política ao mesmo. Com a chegada do período chuvoso, o perigo no porto que sustentava a balsa aumentava devido à força da correnteza e chegava a determinada situação que a mesma nem conseguia atravessar. Na medida em que o tempo passava e o rio subia o nível das águas o perigo aumentava. Para o protagonista Paulo Santos, quando voltasse à capital do país, seu “primeiro serviço no Rio vai ser a verba para a ponte aqui no Urucanã. Olhe o rio: mais uns 20 dias, um mês no máximo, e a balsa tem de

parar. Na força da cheia, a água espremida nestes barrancos arrebenta com qualquer cabo de aço. Um perigo, este porto!”(PALMÉRIO, 1974, p. 256). Paulo Santos sentia a necessidade de trabalhar para angariar uma verba do governo para substituir a balsa por uma ponte segura, porque via a dificuldade, o atraso desse tipo transporte e os perigos que a embarcação oferecia para aqueles que precisam usá-la.

Mediante o cansaço que o balseiro já sentia, embarcaram pessoas e animais na última travessia da balsa naquele dia. As águas fortes já causavam uma impressão de medo em quem observava o rio, como no caso do deputado que avaliava que em pouco tempo não seria mais possível a navegação no rio pelo fato de os barrancos “espremerem” o rio. Importante ressaltar que o narrador descreve a balsa e o que se encontra em cima da mesma, citando uma a uma. Para um efeito de sentido maior, quando a balsa já está quase partindo, como que num último ato chega mais uma passageira: a moça Ritinha. O narrador conduz a trama como que a fatalidade que vem a acontecer com a moça pudesse ter sido evitada se ela chegasse ao porto frações de tempo atrasada. Muito feliz e de vestido novo impressiona quem está na balsa bem como o deputado e padrinho Paulo Santos. Ela usa um vestido novo, comprado com o dinheiro que recebeu de presente do político na visita do mesmo no rancho em que ela, os pais e o irmão Totonho residem. Assim, a trama apresenta a última vez que Ritinha faz a travessia do Urucanã na balsa:

Embarcados os animais de sela da peonada e um resto de bruacas e sacos de viagem, estava na hora de desatracar. Gerôncio chamou os passageiros. Surgiram o padre, Nequinha, Aurélio, os peões da comitiva. Mas, antes de Totonho soltar as correntes, chegou mais um passageiro: Ritinha. E de vestido novo. (...) No barranco ficaram apenas Paulo e Xixi Piriá. Caranguejando daquele jeito engraçado, a carretilha a cantar no cabo de aço, a balsa começou a morosa travessia. (PALMÉRIO, 1974, p. 256).

A exemplo do que normalmente acontece nas travessias, o balseiro coloca as mercadorias e os passageiros na balsa, solta as correntes e força com um pedaço de pau, um “varjão”, e faz com que ela entre na correnteza para seguir o curso e atravessar o rio. O padre entra na embarcação para fazer a travessia juntamente com o tio do deputado e o criador de gado. A narrativa trata o aparecimento deles como que surgiram para embarcar junto dos peões e dos animais. Totonho, irmão de Ritinha, já estava quase soltando as correntes quando a irmã mais velha aparece como última passageira daquela que seria a derradeira travessia do dia. A balsa estava pesada e “se o peso que sobrecarrega a barca é tão grande, é porque as almas são culpadas. A barca de Caronte vai sempre aos infernos. Não existe barqueiro da ventura.” (BACHELARD, 2013, p. 82). Em Santa Rita os políticos àquela altura já sabiam do

resultado das eleições e direcionavam-se para Vila dos Confins para comemorar a vitória ou para chorar a derrota nas urnas. Para o narrador de *Vila dos Confins* (1974) a moça “virara uma mulher feita mesmo. Ainda mais com aquele vestido vermelho, de chita estampada – mangas curtas, decote, saia pelos joelhos...” (PALMÉRIO, 1974, p. 257). Mais uma vez, a cor vermelha é utilizada na descrição do vestido da moça. Assemelha-se assim à cor das águas do rio Urucanã que, devido à enchente, estava com essa cor predominante. Para Borges Filho (2007, p. 90) “a simbologia do vermelho está ligada igualmente à noção de sangue (...)”. Assim, tal cor antecipa fatos da narrativa que vem na sequência do texto quando a balsa já se encontra distante do barranco do rio, no meio do mesmo.

Após desatracar, o balseiro conduz a balsa para a travessia. Ela começa a distanciar-se do barranco com um canto emitido do contato da carretilha com o cabo de aço que sustentava a balsa. Há ainda uma referência entre o Gerôncio, balseiro, funcionário do governo que trabalha no porto do rio Urucanã com o Caronte, o barqueiro dos infernos. Para Bachelard (2013, p. 82) “A barca de Caronte será assim um símbolo que permanecerá ligado à indestrutível desventura dos homens. Atravessará as épocas de sofrimento.” E sofrimento e tragédia são o que acontece no tabuado da balsa em meio à travessia. “Lá se ia a balsa do Gerôncio, atopetada de gente e de gado. Cantava a carretilha no cabo de aço, malhava a correnteza no lombo dos canoões. O padre ia diminuindo de tamanho, Aurélio também, Ritinha também...” (PALMÉRIO, 1974, p. 257). Observa-se assim que à medida que a balsa segue o seu trajeto e se distancia do barranco do rio as personagens que se encontram na mesma diminuem de tamanho. Borges Filho (2007, p. 70) afirma que “o interesse dos sentidos para a Topoanálise não se situa apenas no nível de distância/aproximação. A partir desse quadro, é interessante verificar as múltiplas possibilidades de sentido criadas no texto literário.”. O gradiente sensorial da visão imprime uma relação entre personagem/distância. Os passageiros da balsa diminuam de tamanho enquanto o dia caminhava para o fim e tudo nesse determinado espaço, rio e balsa, ficava menos nítido aos olhos. “Já não se via o sol. Lusco-fusco, o dia morre-morrendo por detrás da restinga de mato.” (PALMÉRIO, 1974, p. 257). O fato de o dia estar à beira da morte, ou seja, “morre-morrendo”, assemelha-se à condição na narrativa das pessoas que estão na balsa para a travessia. Para Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 836, grifos do autor.) “O sol imortal nasce toda manhã e *se põe toda noite no reino dos mortos; portanto, pode levar com ele os homens e, ao se pôr, dar-lhes a morte (...)*”. Da mesma maneira, como o sol já se punha, escurecia, e o mesmo levava consigo o brilho, a claridade e homens.

O rio já estava muito cheio, por isso a última travessia no Urucanã demorou. Muitos perigos e mistérios faziam-se presentes. Sem a luz solar, tudo estava escuro e difícil de ser visto. O deputado Paulo Santos juntamente com o amigo e mascate Xixi Piriá estavam no barranco do outro lado da Vila, conversando enquanto pensamentos estranhos passavam na mente do político. Analisava com frieza a balsa e imaginava o futuro das pessoas como o de Ritinha e principalmente do Nequinha Capador que transportava seu estimado bezerro, uma preciosidade que podia devolver ao comerciante de gado a pompa e a fama de outrora. O rio e a travessia são descritos com moderação e respeito pelo fato do perigo que ambos expressavam. O espaço também tem a função de representar os sentimentos vividos pelas personagens. Borges Filho (2007, p. 40) afirma que “esses não são espaços em que a personagem vive, mas são espaços transitórios, muitas vezes casuais. Assim, em determinadas cenas, observamos que existe uma analogia entre o espaço que a personagem ocupa e o seu sentimento”. O barranco do rio não é um espaço em que o deputado ou o mascate habitam e, portanto, não é casual. Associados ao fim do dia e à dificuldade de visão porque tal espaço já se encontrava “meio” escuro vêm os pensamentos do deputado sobre a balsa e a travessia.

A correnteza aumentava mesmo, que o rio cantava grosso. Perigosa, aquela travessia. E se o cabo arrebentasse? O padre, o tio Aurélio, a Ritinha... O bezerro zebu do Nequinha capador... Outra vez rico, prepotente outra vez, quem sabe, o boiadeirão de outros tempos... Não. Idéia esquisita, aquela. A balsa chegava ao barranco da Vila – 30, 40 metros, quando muito. (PALMÉRIO, 1974, p. 257).

Os (pre) sentimentos do protagonista Paulo Santos se confirmaram na sequência da narrativa. O canto grosso das correntezas do Urucanã anunciava o perigo de tal travessia e a preocupação do político com todos que estavam na balsa não era em vão. A ideia que passava na cabeça dele, de o cabo de aço arrebentar e acontecer uma tragédia não se confirmou, porém, foguetes, que anunciavam o resultado das eleições, foram os causadores do desastre na embarcação. Antes de percorrer os 30, 40 metros restantes do trajeto foi ouvido um barulho de tiro. “O foguete estalou. Longe, lá pelas bandas do cemitério (...). Mais outro. Perto, agora, três estourões valentes: – Pum! pum! pum! E a coisa ferveu. (PALMÉRIO, 1974, p. 257).

O gado se assusta fácil com qualquer anormalidade no ambiente onde se encontra. E o barulho do estouro dos foguetes fez com que os animais ficassem alucinados na balsa. Sem ter para onde correr, “estourar”, começaram a se debater com as varas de pau que formavam um curral improvisado na balsa. “E Paulo viu. Viu aquele horror acontecendo na balsa: o garrotão azulego precipitara-se no rio, arrastando no mergulho escachoante o vestido

cor de sangue da Ritinha.” (PALMÉRIO, 1974, p. 258). O “vestido cor de sangue” da moça anunciava a tragédia na balsa e o desespero que, o que acontecia, causava em todos, na embarcação e no barranco do rio. As pessoas enlouquecidas e sem saber o que fazer na balsa ficavam à mercê da própria sorte de forma que de longe tudo era visto sem que ninguém pudesse fazer nada para ajudar.

A preocupação era com todos, pois estavam na balsa o padre, Totonho, Aurélio, Ritinha e o gado do negociador Nequinha. “Na balsa, a desgraça: os paus da cerca improvisada nas beiradas do jangadão viravam porretes enfurecidos, empinando-se, esbordoando, derrubando. (...) e a carga toda se despejava, varrida pela confusão: gado, cavallhada, gente...” (PALMÉRIO, 1974, p. 258). O gado embarçava-se com os demais passageiros jogando todos nas águas do rio Urucanã infestado de piranhas. Ritinha estava na frente do boi zebu que, embarçado no vestido dela a arrastou para dentro do rio.

A moça estava presa ao bezerro que a arrastava para as profundezas das águas e em tais movimentos feria-a com seu chifre pontudo. É possível ler na próxima citação que, assim como um toureiro usa um pano vermelho para tourear parecia que Ritinha fazia o mesmo com seu corpo todo perfurado.

Lá estava ele, o possesso, arrastado pela correnteza. Era ele sim, o zebu, cabeça aos safanões, tentando libertar-se do corpo de Ritinha. Lá estava o vestido vermelho a sacudir-se na espuma barrenta – capinha de toureador doidejando nos guampos da fera. A água-braba arrastava o assassino; rolava-lhe por cima, chupava-o para as profundezas. Cada mergulho – nova laçada de corda do cabresto, novo arrocho do comprido e boiante pau de cerca, novos e rijos nós a enterrar ainda mais nas carnes roxas de Ritinha os punhais dos cornos espácios do guzerá. (PALMÉRIO, 1974, p. 258-259).

Ao serem arrastados para o rio profundo a cada vez que o zebu enfiava o chifre no corpo da moça a feria e o sague era esparramado. O mesmo tentava se libertar do corpo de Ritinha dando safanões com a cabeça. Ambos eram chupados para as profundezas do Urucanã enquanto o vestido que ela trajava parecia tourear o boi. As águas brabas tragam o corpo da moça, conduzem-na pela correnteza do rio. “A água fechada acolhe a morte em seu seio. A água torna a morte elementar. (...) A água é então um *nada substancial*. Não se pode ir mais longe no desespero. Para certas almas, *a água é a matéria do desespero*. (BACHELARD, 2013, p. 95. Grifos nossos). Acontece, assim, no desespero, no rio, quando com os chifres cada vez mais, tentando se libertar do corpo, o animal fere as carnes roxas da moça. Os chifres, como afirmam Chevalier & Gheerbrant (2015, p. 235. Grifos do autor.) “são considerados também como uma imagem de divergência, podendo, como o forçado, simbolizar a ambivalência e, no mesmo contexto, **forças regressivas**: o diabo é representado

de chifres e com cascos fedidos.” Criava-se assim, um verdadeiro inferno dentro do rio. O “diabo” chifrudo do boi zebu, estraçalhando o corpo da personagem Ritinha.

Para completar o cenário de barbárie que se seguia, o rio estava infestado de piranhas, que, atraídas pelo cheiro e gosto do sangue do gado e da moça, vinham aos milhares para o banquete do fim de tarde. Para o narrador de *Vila dos Confins* (1974) “o inferno surgia na superfície lamacenta do rio cheio. Flechas escuras riscavam, voantes, o lombo grosso das águas. Mais velozes que a correnteza, mais galopantes que a própria morte que conduziam nas navalhas da dentuça, os demônios arremessavam-se...” (PALMÉRIO, 1974, p. 259). As piranhas são animais carnívoros que devoram seres feridos e que caem nas águas. Movimentam-se em cardumes e atacam para saciar a fome. Instaura-se, dessa forma, na narrativa, uma alusão ao ser que perde a vida sem ao menos ter o direito de um velório e sepultamento.

É, a princípio, a mais negra das mortes, morrer comido por piranhas. “Elas (as piranhas) forma elevadas, em função da angústia de alguns exploradores e através de narrativas terríficas, ao nível de um fantasma mítico da devoração e da castração.” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2015, p. 721). Nesse contexto é que as piranhas aparecem na narrativa, devorando tudo que está ferido e a cheirar sangue dentro do rio. Assim,

Furiosas, mais impetuosas que os próprios pensamentos de Paulo, as piranhas compareciam, aos mil cardumes, chamadas pelo cheiro de carne fresca, atraídas pelo acenar do vestido novo, da mesma cor vermelho-escura do sangue que encharcava a cabeça do boi zebu. O bando passara a fervilhar em um ponto só do rio. Já não desciam, em alada fúria, as hienas do Urucanã: acompanhavam agora – sinistro borbulhar de espumas – a marcha vagarosa da correnteza, que esse era o triste andar da procissão dos restos carregados pela cheia. (PALMÉRIO, 1974, p. 259).

As piranhas são comparadas, nesse contexto, com os pensamentos do protagonista Paulo Santos uma vez que ambos são condizentes a tragédias e desastres. As águas do rio Urucanã, vermelhas do sujo de terra misturada transformam-se em uma lama. Também o corpo de Ritinha cai nessas águas e, vermelho de sangue e do vestido, atraem as piranhas em muitos cardumes que devoram gado e moça. Os peixes são descritos como hienas, animais que se alimentam de carcaças deixadas por outros animais, portanto, “lixadeiras” da natureza. Há uma relação muito próxima com a religiosidade na trama de Palmério, principalmente no que diz respeito a atos fúnebres. As piranhas descendo o rio e devorando os corpos são comparadas a uma procissão, muito comuns em ritos da igreja católica, e há um padre em cima da balsa. Se a marcha das “hienas” é lenta, grande é o sofrimento para todos que veem a tragédia sem poder ajudar os que perdem a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi abalizado pela investigação do espaço, partindo do princípio de que este é um elemento cuja condição essencial é a de ser/estar intrinsecamente ligado ao mundo das personagens. Os recursos utilizados pelo autor na composição de sua narrativa apresentam indícios de que os impasses socioculturais presentes na trama encontram-se relacionados a espaços marcados pelo descaso e pelo subdesenvolvimento, e personagens submetidos à alienação e precariedade. A população se vê abandonada, impotente, subjugada diante da luta dos políticos em prol do poder, enquanto estes se valem de seu poderio econômico e financeiro para alcançar seus propósitos. *Vila dos Confins* representa a realidade das vilas e cidades no contexto histórico-social em que se insere a obra, ligando-as às questões da política, identidade, espaço e dominação territorial. Diante desses motivos que perpassam todo o enredo, o espaço na obra estudada tem fundamental importância para a tessitura e o desenrolar dos fatos apresentados.

As análises foram realizadas a partir da teoria da Topoanálise de Borges Filho (2007). Suas teorias deram-nos subsídios fundamentais para a análise e interpretação do lugar ficcional e suas implicações na configuração da personagem. A partir da análise dos dados bibliográficos, foi possível mostrar que em *Vila dos Confins* o espaço é essencial para os acontecimentos, bem como pode ser tido como a razão de ser de várias passagens dentro da narrativa e está intrinsecamente ligado às experiências das personagens.

O primeiro capítulo tratou da análise do município recém-emancipado de Vila dos Confins. Ao sistematizar o enredamento dos fatos, mostramos o modo como a cidadela foi cenário de embate político e como o espaço se ligou a tudo isso. Foi possível perceber a crítica à política e ao governo através da ambientação da comunidade que, assim como muitas localizadas no interior do país, são vítimas do esquecimento do poder público, porém são “relembrados” durante o período de campanha eleitoral. O local é caracterizador, a instauração da Vila faz referência à vida de seus habitantes. A simplicidade e a falta de perspectivas remontam ao espaço físico, até pelo sentido e força da palavra “corrutela”, empregada na obra para se referir ao povoado, com o qual o narrador prenuncia o lugar como isolado, periférico, distante dos centros urbanos. Notamos que as casas e estabelecimentos construídos com adobe e ranchos de taipa cobertos com folha de buriti caracterizam a condição social e econômica das personagens, bem como seu estado psicológico. A pouca extensão da rua, que atravessa a cidade, pode ser a representação simbólica da limitação e da escassez de recursos, de perspectivas e de pensamentos das personagens.

Também no que se refere à ligação com a política, a configuração do espaço tem fundamental relevância na obra. A disputa pela dominação espacial volta-se para o interesse de manipulação deste durante o período da campanha. O espaço liga-se à necessidade de conquista e demarcação, mostrando-se como objeto de desejo de posse e ao mesmo tempo símbolo de poder e dominação. Ainda na vila, partindo para os ambientes mais restritos, os locais fechados em que Paulo Santos vive e percorre são topofóbicos, assim como as situações próprias de sua existência. Percebe-se que o protagonista se apresenta angustiado e perturbado, insatisfeito com a vida e com os ambientes onde está inserido. Portanto, é característica do estado psicológico do deputado essa relação afetivo-negativa entre o seu ser e o lugar. Essa negatividade também resume as discórdias geradas pela essência da corrupção.

Ainda no primeiro capítulo, foi suscitada uma abordagem na esteira de Compagnon (2010) e de Aguiar e Silva (2010), acerca da natureza e função da literatura, ressaltando o seu caráter humanizador ao servir-nos de variadas formas, dentre elas a de representar as mais variadas formas de culturas e a cultura de um povo. Cumpre essa função também ao trazer à tona denúncias de atrocidades que geralmente não são contempladas no âmbito historiográfico e que não podem ser exibidas explicitamente pela mídia. Nesse sentido, pôde-se notar como a literatura privilegia temas como o da fome e da pobreza, mazelas que se perpetuam como estratégias do poder. A literatura pode desnudar fatos verídicos de determinada época, que são, ao mesmo tempo, universais, já que não somente no local onde a narrativa foi ambientada o poder econômico influencia a vida e a forma de expressão e produção de verdades.

Cabe ressaltar que a narrativa de Palmério traz também personagens-tipo do processo de povoamento nacional, com as figuras do caboclo, do garimpeiro e do meeiro. Assim, mostram-se personagens desbravadoras que chegam ao Sertão, buscando condições de construir sua vida em um novo espaço, em busca de habitação e sobrevivência em um lugar antes tido como inabitável. Desse modo, essas personagens agem diretamente no ambiente, provocando sua transformação, bem como vivendo dentro das possibilidades encontradas ali. Porém, o caboclo é satirizado e marginalizado da mesma forma que é identificado no contexto nacional: como um indivíduo marginalizado, que é desvalorizado porque provoca sua própria segregação social e espacial.

A questão da memória e identidade foi abordada a partir do que aponta Candau (2013). Foi possível constatar que a obra se apresenta como um espaço para a reflexão literária e expressa a possibilidade de uma leitura marcada pelo componente extratextual, pois Palmério revisita o tema da formação identitária nacional. O autor inscreve fatores culturais e

identitários e personagens típicos de acontecimentos comuns em vários lugares do interior mineiro e brasileiro. Seu relato literário contribui para que os fatos próprios da conjuntura histórica em que foi escrito não caiam em esquecimento, considerando-se que, na perspectiva de Halbwachs (1990), as memórias de um povo ou comunidade estão relacionadas às expressões coletivas e sociais. Segundo explica Silva (2008), a formação da memória e identidade depende de questões sociais para que os elementos culturais sejam acionados e produzidos, conforme se vê em *Vila dos Confins*.

Pôde-se perceber também que o romance nos mostra como a produção da identidade se liga à questão do poder político e econômico. A formação identitária é notadamente submetida ao que dita, de modo voluntário ou não, a camada detentora do poder, muitas vezes responsável por estabelecer o que vai ou não se manter na memória, ou o que será mascarado, distorcido e, até mesmo, apagado. Mas a literatura é capaz de quebrar paradigmas e contribuir para que, através da palavra, mantenham-se vivas as reminiscências e identidades de um povo.

No segundo capítulo, foi instaurada uma análise acerca das habitações de *Vila dos Confins*. A análise das casas, de seus aposentos e dos objetos que as compõem pôde nos mostrar como a caracterização do espaço se associa à personagem. Entendemos que as habitações do romance possuem funções, caracterizam e contextualizam o ser fictício. Compreendemos que o espaço habitado da narrativa é essencial no desenrolar da trama.

A partir da análise das casas, identificamos algumas das funções do espaço propostas por Borges Filho (2007). A habitação, ao mesmo tempo em que caracteriza, é uma projeção do personagem. Esse espaço também pôde influenciar a personagem, que se desenvolve no enredamento dos fatos de acordo com o que o ambiente propicia. Muitas vezes, a personagem somente age de determinada maneira porque o espaço lhe é favorável. Além disso, as casas do romance são homólogas aos sentimentos vividos pelas personagens, configurando uma semelhança entre o espaço que ele ocupa e seus sentimentos.

Chamou-nos a atenção a casa/venda/birô de Jorge Turco, homem que possui inúmeros livros, os quais não serviam para leitura, mas serviam a outros propósitos, que não o seu primeiro, ou então ficavam abandonados, espalhados por variados cômodos da casa. Destacamos esta questão, pois o ambiente foi palco para a organização da campanha, tão propício para a elaboração e realização das questões políticas. Ali, foram conduzidas as estratégias essenciais para o desenvolvimento da eleição. É importante ressaltar que o descaso com os livros, pode representar no contexto da narrativa a não importância do conhecimento mediante o desejo de obtenção de lucros, de dinheiro. Por outro lado, a questão da

desvalorização dos livros, remete-nos à cultura da produção da alienação pela falta do conhecimento formal e de informações. Sem acesso a educação, assim como acontece na obra, as pessoas ficam excluídas, marginalizadas, não tem condições de discernir, não resistem, ficam submetidas às imposições do sistema.

Ainda no capítulo em que se abordaram as habitações, foi realizada uma análise sobre o arranjo espacial da venda do Fiico. Foi possível perceber que a caracterização do local apresenta algumas dissemelhanças a partir da venda do Jorge Turco. As portas pequenas, um pequeno balcão e o chão de terra batida mostram que o comércio desta personagem é humilde. Desse modo, o meio social e geográfico juntamente ao local concreto demonstram as discrepâncias econômicas das personagens e a condição desprivilegiada de quem povoa o lugar. Após a análise, pode-se concluir que a venda do Fíico apresenta-se como um lugar tofóbico, cenário de conflitos, medo, tensão, imposição de poder. Portanto, cabe relembrar que, em consequência disso, Fiico, com seu hábito de colocar-se no canto da venda, levando-nos a entender que nessa posição, ele se escondia dos fatos que o conduzia para ali naquele momento. Na verdade, o ato repetido da personagem simboliza a necessidade que o ser humano tem de se esconder do mundo quando se vê perante o medo, a tensão, a repressão, e de buscar, mesmo que em sua imaginação, a libertação de tudo isso.

Como vimos, a discrepância social e econômica é acentuada pela caracterização das casas, que são, notadamente, tofóbicas. São locais humildes, entretanto, mais do que isso, representam a miséria, desconforto, situação de esquecimento que sofrem as populações sertanejas, como também foi possível ver no povoado do Carrapato. O tema da pobreza perpassa por todo o tecido narrativo, sendo, juntamente à estruturação espacial, artimanha para a denúncia acerca da política existente naquela região, o que condicionou historicamente as relações sociais nesse espaço do sertão mineiro. Mas, não é de se espantar, pois a própria localidade é caracterizada como um “deserto”, lugar triste e sem vida, portanto também as casas o são. Percebe-se, nesse contexto, que as habitações mostram o retrato da realidade da vida em tantas comunidades esquecidas e desprezadas, como aquelas que se encontravam e as que ainda se encontram em constante estado de pobreza e ao descaso por parte das autoridades governamentais.

Por outro lado, a fazenda do Boi Solto mostrou-se como o único lugar que o protagonista-deputado percorreu e que não possuía cunho negativo. O narrador distingue, principalmente, o contraste entre este lugar e a localidade do Carrapato. A fazenda é um espaço tofílico, ou seja, a relação espaço-personagem é agradável e harmoniosa. Essa distinção de um local do outro mostra-nos a realidade brasileira, já que temos pessoas que

vivem no espaço da seca, enquanto outras não se veem nas mesmas questões climáticas. Por outro lado, representa-se aí a ânsia pelo fim da estiagem e chegada da chuva, representando de modo dramático a esperança de um povo que só pode esperar e apoiar-se na fé de que a chuva ainda virá, molhará e fecundará o chão árido do sertão.

Essas representações espaciais são resultantes da realidade, são atravessadas por fatos e valores arraigados na sociedade. Notam-se vozes que pedem por mudanças, por socorro. Por isso mesmo, a literatura pode destacar as diferenças e semelhanças de espaços como esses, veiculando problemas que poderiam manter-se no esquecimento. A leitura da obra pelo viés espacial, aponta para as questões sociais que predominam mais do que no meio onde as personagens estão inseridas, expondo as mazelas que sofrem seus habitantes.

O terceiro capítulo inicia-se com o estudo das configurações da furna e se seus efeitos de sentido dentro da narrativa. Nesse local, perpassa a perseguição e a luta entre do Padre Sommer e a jaguarana. Pôde-se verificar que a função do espaço nesse contexto é de situar a personagem no contexto espacial da ação e fazer com que ele tenha domínio de si e do combate dentro do local, para agir e conseguir sobressair-se. Os gradientes sensoriais foram os responsáveis pela vitória do homem, auxiliando-o no deslocamento através do buraco e na movimentação em seu interior. Com a visão sendo gradativamente prejudicada em função da falta de luz, e a confusão visual causada pela coloração escura do lugar e da cor preta da onça, o padre passa a lançar mão dos outros sentidos: ao final do episódio, é pelo olfato, pela audição e tato que o padre consegue perceber se a onça está ou não no buraco e sua posição no interior do lugar. Os gradientes sensoriais, isto é, o uso de cada um em momentos estratégicos, foram elementos essenciais para o desenvolvimento da diegese e sucesso da ação da personagem.

Concluimos que a percepção e o uso dos sentidos são substanciais para o arranjo e sequência dos fatos nos espaços aqui analisados. Foi possível compreender que a percepção do espaço se deu através dos sentidos que o personagem dispôs. Assim sendo, após a análise, pôde-se entender que os gradientes sensoriais são de suma importância para a interpretação dos fatos, de modo que, nos estudos de cunho topográficos, a valoração dos sentidos contribui para um aprofundamento maior na obra.

Além disso, é importante salientar aqui que, em meio à sucessão dos fatos, o narrador de *Vila dos Confins* insere várias narrativas dentro da própria narrativa, formando narrativas hipodieéticas, contendo várias estruturas, mais de um núcleo diegético. Isso foi perceptível com a análise do capítulo oitavo. À luz da teoria de Dällenbach (1976) e Moisés (2004) verificou-se o emprego da técnica narrativa *mise-en-abyme*, de modo que o conto do

galo velho aparece como uma pequena história dentro da história principal. Esse conto nos convoca a tomar parte, através da leitura, do domínio estético-estrutural da obra literária, mas, em seu aspecto temático, também a repensar sobre os meios por que se dão a perpetuação no poder no mundo humano, através da representação dos sentimentos de domínio, liderança e posse que o galo tem sobre seu terreiro.

Finalizando o terceiro capítulo, buscou-se enfatizar de que modo o espaço influencia a configuração da narrativa. Foram apontadas as funções do espaço a partir da teoria da Topoanálise de Borges Filho (2007), e dos pressupostos teóricos de Lins (1976). Nesse tópico, o que se destacou foi a antecipação da narrativa por meio do espaço, o modo como o lugar influencia as ações e as vidas das personagens ao mesmo tempo em que sofre sua ação, além de ser caracterizador das condições sociais, econômicas e psicológicas. Cabe, portanto, reiterar aqui o que explica Brandão (2013), quando assinala que o espaço pode ser tido “como um sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica” (BRANDÃO, 2013, p. 25).

O rio e a balsa foram os componentes diegéticos que motivaram a tessitura do capítulo quarto. No rio de águas caudalosas, a balsa navega, atravessa o Urucanã. No aspecto diurno, é lugar onde se realizam atividades de lazer, amizade e descanso, enquanto durante a noite, é lugar de introspecção, quando as personagens refletem e se aprofundam em questões que regem seu viver. Esse é, por variadas passagens, um espaço topofílico, com gradações entre euforia e calma, envolvidas por uma atmosfera positiva. Mas no rio são protagonizadas também atividades topofóbicas, a água simboliza a vida em um momento, porém, outras vezes, é o lugar onde as personagens passeiam lado a lado com a morte. Nesse ambiente, o discurso político também é motivo da narração, envolvendo conflitos submersos por sentimentos de angústia, ganância e de medo. Nota-se aí a literatura sempre revisitando sentimentos humanos, símbolos e imagens, de modo que o leitor pode identificar-se com a história e com as personagens.

O tema da travessia se desenvolve no trabalho constante da balsa, que trafega através do rio, conduzindo e, até mesmo, unindo personagens de tempos e espaços diversos. Inclusive, a água é elemento de destaque também na questão da transposição espacial. É um elemento ao mesmo tempo comum e importante para a vida humana, familiar no cotidiano, mas aparece na obra de Palmério com uma conotação diferente da sua significação usual, pois simboliza, quer no contexto balsa, quer na história da fumaça, a água da vida, mas também traz a essência da morte e do medo. Entretanto, o rio segue o seu fluxo, a balsa nele transita, ambos não ficam estagnados e as conotações presentes ali podem, em um determinado

momento, transmutar-se para um ângulo positivo ou negativo. Assim, foi possível perceber como diferentes efeitos de sentido coabitam o mesmo espaço.

Por fim, conclui-se que o espaço representado na obra desempenha variadas funções, isto é, além de situar as personagens geograficamente, mostra suas condições social, econômica, política. Também antecipa fatos da narrativa e é, muitas vezes, a projeção psicológica das personagens. Além disso, a ligação entre espaço, personagens e a série de narrativas inscritas no romance do escritor Marcos Palmério mostram-nos os valores e experiências do ser humano em busca de seu próprio ser e, ao mesmo tempo, seu esforço para escapar da ação de um mundo onde o próprio homem esquece seu semelhante em função da conquista territorial, do poder político e econômico, como foi perceptível em vários espaços analisados neste trabalho. O lugar é palco e espelho da opressão e do abandono.

Palmério é um escritor consciente dos problemas do seu tempo, percebe-se, de forma clara em sua obra, referências às situações reais vividas no dia a dia do país e do sertão de Minas Gerais. Mas o autor, para além da questão do embate político, também nos faz refletir sobre o plano de fundo das relações sociais no local onde a narrativa se realiza, problematizando, a partir do tema da política, a falta de responsabilidade daqueles que vencem a eleição e tomam o poder, mostrando-nos a escassez e pobreza da população. Palmério indigna-se com essas situações, procura problematizar a política regional, apontando o atraso econômico e a alienação, e alerta para a necessidade de mudança ideológica e concreta. Isso, porque, como se sabe, a literatura não se esquece, visita e revisita temas próprios da vida humana, enuncia e denuncia tais situações que podem ser verificáveis em diferentes tempos e em diversos locais, devido ao seu caráter universal.

Neste estudo, muitos pontos foram discutidos, exemplificados, analisados... A obra privilegia não somente o lugar geográfico, mas também temas e personagens. Ela nos traz uma abordagem das questões sociais, da identidade humana e da essência do ser. As personagens protagonizam, em suas lutas, o sonho da renovação de suas vidas e de seu meio natural e social. Pode-se dizer que estas são características recorrentes em *Vila dos Confins*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. M. G. de. **A tradição regionalista do romance brasileiro: 1857 – 1945**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura** – 13. ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.
- AIDAR, Maria Aura Marques. **Os confins de Palmério: história e literatura regional**. Uberlândia. 2008, 219f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia.
- ALVES, Ieda Maria. **O vocabulário regional em Vila dos Confins**. Linguagem: Rio de Janeiro, 1985, p. 106-10.
- BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria**. Martins Fontes: São Paulo, 2013.
- _____. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BÍBLIA. Lucas. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 116. ed. rev. São Paulo: Editora Ave Maria, 1998. Cap. 13, vers. 2.
- BILHARINHO, Guido. Linguagem e ficção em Vila dos Confins. In: **Romances brasileiros: uma leitura direcionada**. Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 1998. p. 165-167.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura** - introdução a Topoanálise. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BOTOSO, Altamir. **A mise-en-abyme no romance Névoa, de Miguel de Unamuno**. Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 9, dezembro de 2012.
- DALLENBACH, Lucien. Intertexto e autotexto. In: **Intertextualidades**. Coimbra. Almedina. 1976.
- BOURNEUF, Roland e OULLET, Réal. **O universo do romance**. Coimbra: Almedina, 1976.
- BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário/ Luís Alberto Brandão**. – 1. ed.- São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1. ed., 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2014.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989a.
- _____. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos 1750-1880**. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006b.

_____. **O direito à literatura**. São Paulo; Rio de Janeiro. 4. ed. 2004.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**- 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a Rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FILHO, Proença. **A Linguagem Literária**. 8.^a ed. São Paulo: Ática, 2007.

FONSECA, André Azevedo. **A construção do mito Mário Palmério: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de Vila dos Confins** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2012. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/bg29q>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

FONTES, Joaquim Rubens. **Pelos caminhos e vilas do chapadão**. Leitura e análise dos romances de Mário Palmério. Rio de Janeiro. 2000, 126f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira, no Curso de Letras Vernáculas). Faculdade de Letras da UFRJ.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Versão 3.0 CD-ROM.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo, Ática, 1976.

MARTINS, Wilson. Um escritor de raça. In: PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**- 25. ed.- Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004, p. 13-19.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.

QUEIROZ, Rachel. Ler para crer. In: PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**- 25. ed.- Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004, p. 11-12.

REUTER, Yves. **Introdução à Análise do Romance**. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VINAUD, Naiara Cristina Azevedo. **Nos confins dos chapadões sertanejos: pensamento geográfico em Mário Palmério**. 2011. 155 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.